



T



**LuiLui**  
com.br



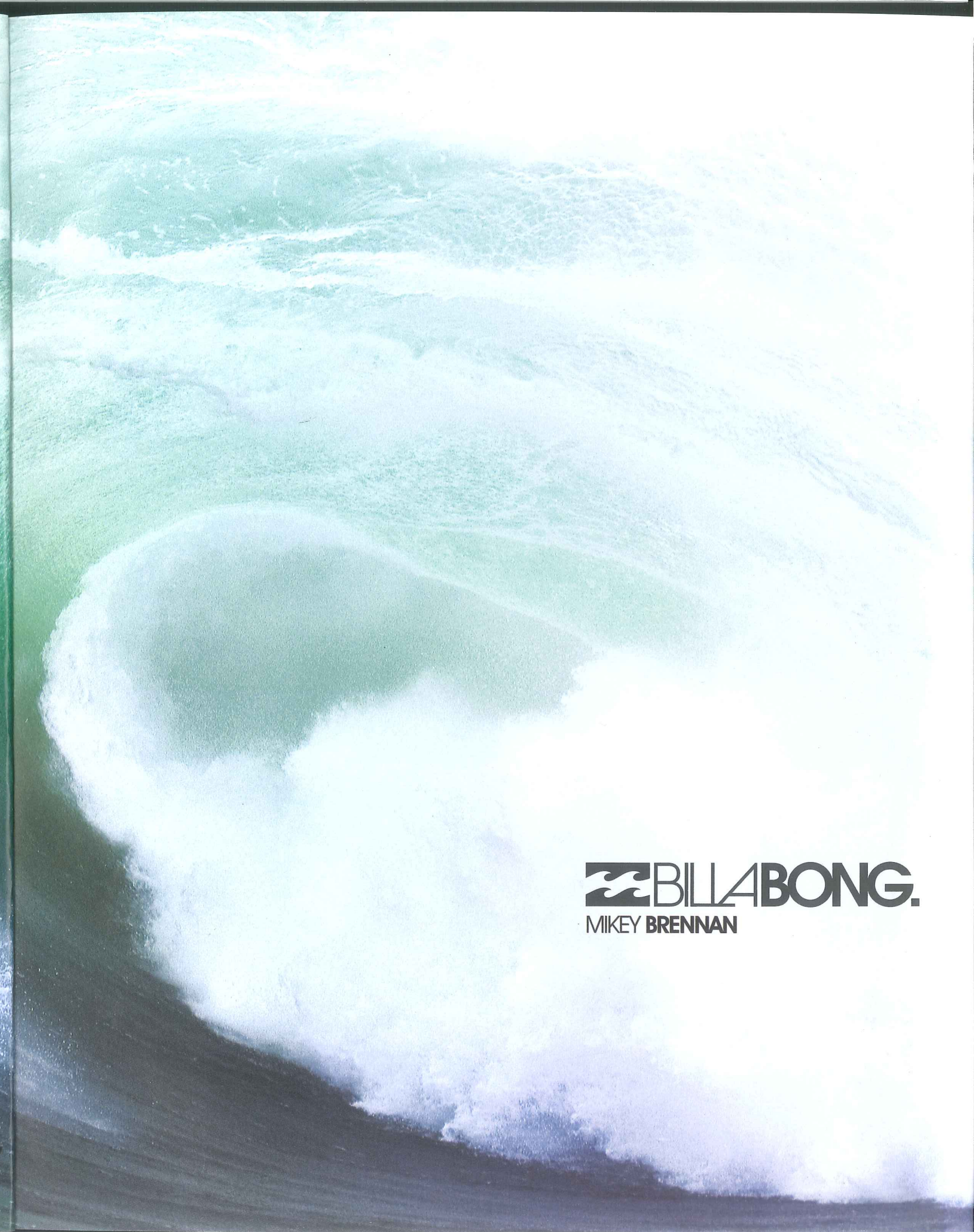
*Estilo . Atitude . Liberdade*



[www.southtosouth.com](http://www.southtosouth.com)

***South to South***  
*Surf é nossa Vida*

TI 6121 6767  
Foto: Renato Galvão



 **BILLABONG.**  
MIKEY BRENNAN

SANOE LAKE IS

# NOTORIOUS



*arnette*  
girl

AN 4093 - Heavenly

www.arnette.com

JAMIE O'BRIEN IS

# NOTORIOUS



*arnette*  
sunglasses

AN 3050 - Lustr

www.arnette.com

The Hurley logo, featuring the brand name in a bold, sans-serif font with a stylized wave symbol to its right.

WWW.HURLEY.COM/ROB MACHADO

The Hurley logo, featuring the brand name in a bold, sans-serif font with a stylized wave symbol to its right.

WWW.HURLEY.COM / YADIN NICOL

ESSENCE OF SURF

A large background image showing a surfer riding a massive, curling wave. The water is a vibrant blue, and the white foam of the wave is prominent. The surfer is visible on the right side, partially obscured by the wave's crest. The scene is set outdoors with palm trees and a building visible in the background.

# ESSENCE OF SURF

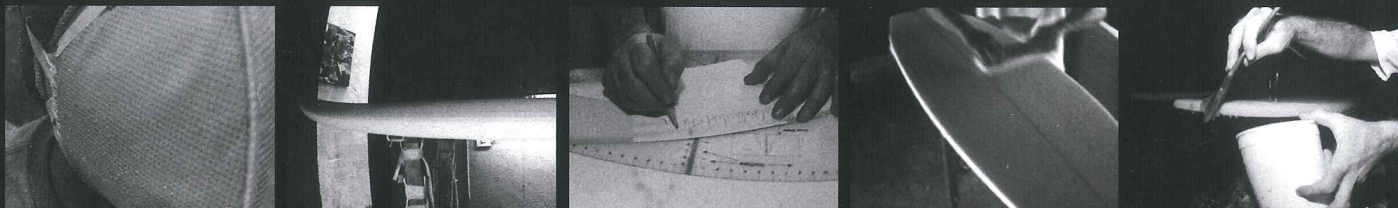
**Local: Em algum lugar na Indonésia**

"Yadin é o Espetáculo! Nunca existirá um momento chato enquanto você estiver junto dele. Ele realmente vive cada dia como se fosse o último. Um dia, eu surfei com ele por toda a manhã, pegando ondas épicas em West Oz, quando Yadin dropou atrasado em uma onda da série e tomou uma vaca pesada. Ele acabou com uma lesão no joelho, que o deixou fora da água por quatro meses... Mas ele continuou sendo o cara que me arrastou para fora do bar naquela noite". - Hank Gaskell

*Hank Gaskell*

# A Family Tree Shapers

## A Árvore Genealógica dos Shapers



1910 1920 1930 1940 1950 1960 1970 1980 1990 2000 2005

Neste encarte especial da revista ALMA SURF, em parceria com a *Surfing Magazine*, está a bela obra chamada *A árvore genealógica dos shapers*. Essa árvore é uma tentativa de construção do mapa das origens da moderna arte do surf, que é a confecção da própria prancha de surf. Este projeto é produzido numa analogia à descrição do genoma humano, só que, em nosso segmento e paixão que é o surf, buscando as origens dos criadores e das pranchas – e mostra em ordem cronológica de onde todos eles vêm e do que nossas pranchas são feitas.

A primeira vez em que a *Surfing Magazine* publicou *Shapers: A Family Tree* foi em fevereiro de 1989, edição de 25º aniversário, revista para colecionadores. A satisfação desse trabalho está em honrar todos os que criaram e fizeram nosso esporte possível. Hoje, e a cada momento, a árvore vem crescendo ininterruptamente, e uma parte da história foi revisada e expandida a partir da versão original dessa obra, como fazemos agora.

Desta vez a árvore sairá publicada na ALMA SURF sob a visão de Romeu Andreatta, 'o maior realizador do surf brasileiro', somada à coordenação editorial do jornalista Adriano Vasconcelos e à criação e releitura de Paulo Espinoza, que, junto de uma equipe influente, reeditam o projeto de retrato do milênio surf feito inicialmente pelos historiadores George Orbelian e Kendall Nishimine, dando novamente luz a *Shapers: A Family Tree*.

A árvore genealógica dos shapers é um documento raro que comporta muita história e informações, de nomes, influências e datas que representam o processo de evolução do trabalho dos shapers.

É um documento que traz shapers reconhecidos no mundo do surf, na sua grande maioria lendários, eleitos dentro de em uma pesquisa quase infinita de um universo vasto de nuances e relatos. Porém, assim como fez a *Surfing*, esse documento se encontra em eterno processo de aperfeiçoamento e expansão, pois o ciclo da vida e das ondas não pára nunca.

A certeza que fica, além da satisfação de publicar essa bela obra de registro internacional, é reconhecer que existem vários shapers importantíssimos nesta árvore / história que ainda não foram colocados no devido lugar e posição na árvore dos shapers. Até então, no conjunto da obra produzida pela *Surfing Magazine* em parceria com a revista ALMA SURF, mais de 1.200 shapers foram pesquisados, mas nem todos puderam, pelo menos nesta edição, ser devidamente adicionados à árvore final. Por enquanto, e fica aqui o registro da nossa intenção e da nossa esperança de que, com a ajuda de todos os que se emocionam com este trabalho lúdico, esse pedaço essencial da história do surf possa continuar a crescer. Encontre os brasileiros...

Nosso próximo passo é trazer mais inteligência e conhecimento ao nosso trabalho, e dessa forma ampliar o valioso documento dessa rica história do surf e também construir *A Árvore genealógica dos shapers e da prancha de surf no Brasil*, com uma instalação pioneira e histórica que será produzida para a *V Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf*, que acontece no prédio da Bienal do Ibirapuera, no mês de julho, em São Paulo. Muito obrigado

### Agradecimentos Especiais

Surfing Magazine

revista **ALMA SURF**

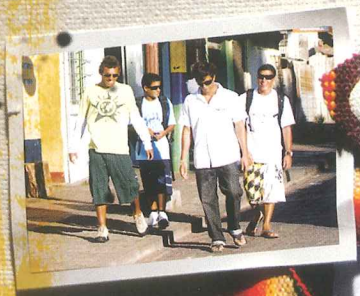
**SURFING**  
MAGAZINE

**Hurley** ) (

**TECCCEL**  
FOR QUALITY SURFBOARDS



**GALAPAGOS**

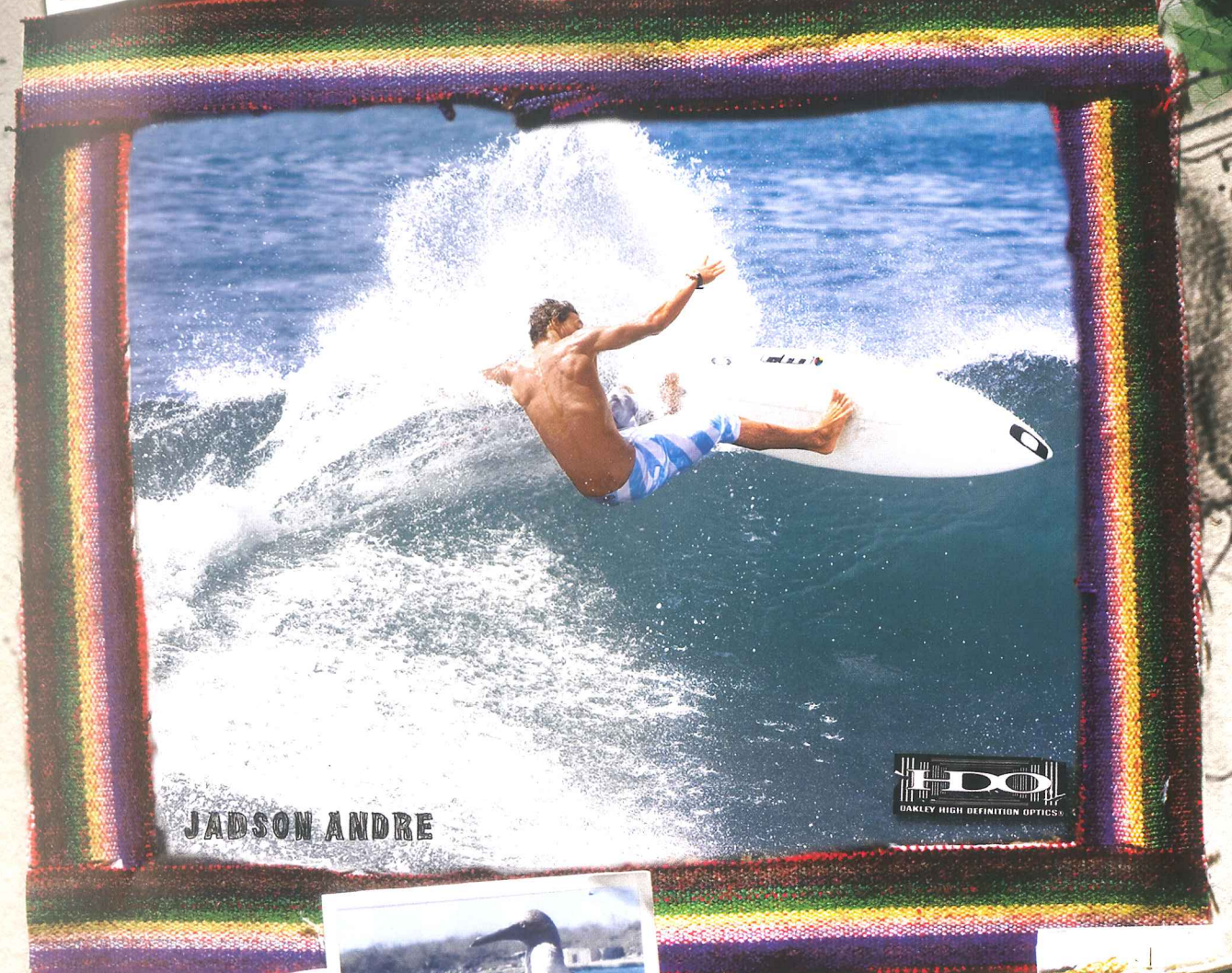


AEROPUERTO  
MARISCAL SUCRE  
QUITO - ECUADOR  
No. 022019  
BAGGAGE CAR  
ALON

**San Cristobal**



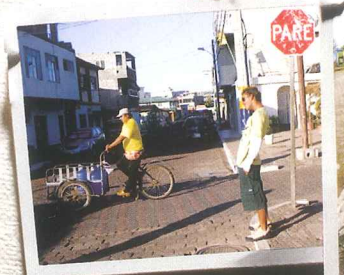
QUITO Informacion 2K 0032 C 20JAN2008  
BALTRA GALAPAGOS  
AEROPUERTO  
MARISCAL SUCRE  
QUITO - ECUADOR  
No. 022019  
BAGGAGE CAR  
ALON



**HDO**  
OAKLEY HIGH DEFINITION OPTICS



*Galapagos*



>88A

88

ON > 88A

88



*[Handwritten signature]*

"RIKTNHO"  
TEAM RIDER  
NORONHA 2008

onbongomt@jawajive.com.br

88

ON > 88A

88

ON > 88A

88

ON > 88A



**Onbongo**

88

ON > 88A

88

ON > 88A

88

>88A

88

88

ON > 88A

88



ON >

ON >

ON >

ON >

ON >

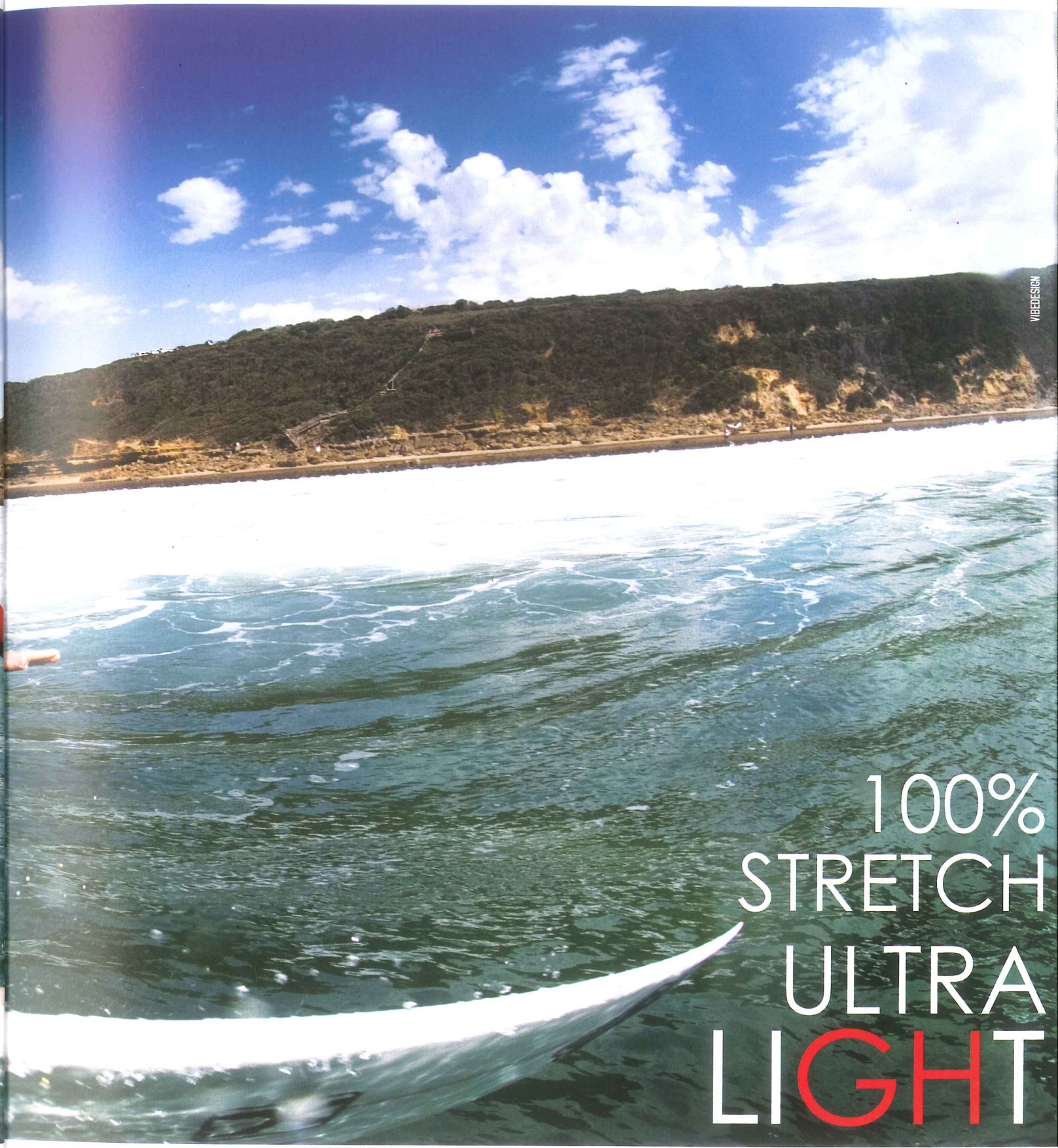
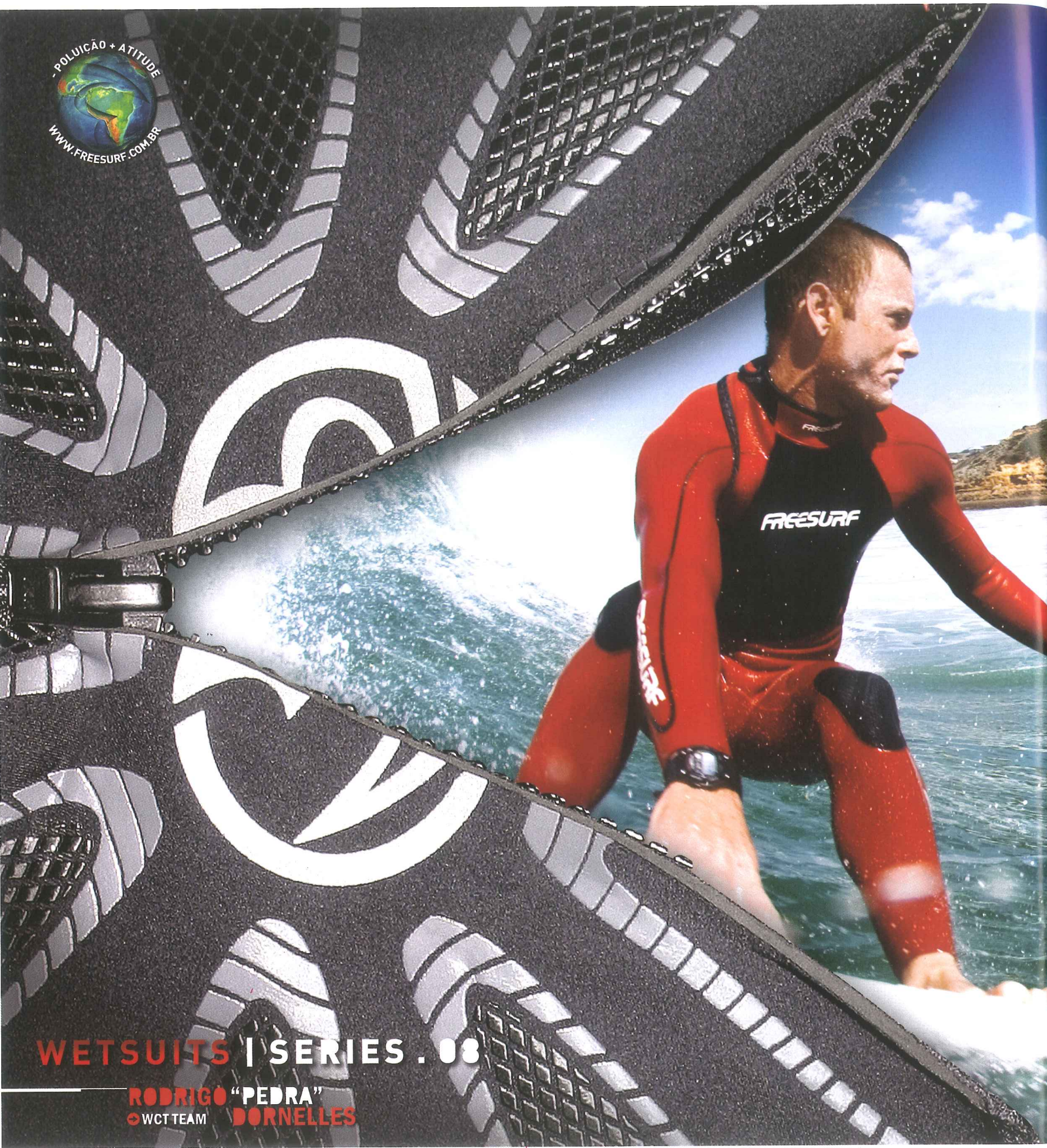
ON >

ON >

ON >

ON >





WETSUITS | SERIES . 08

RODRIGO "PEDRA" DORNELLES  
WCT TEAM

100%  
STRETCH  
ULTRA  
LIGHT



CARBON FREE | FREESURF, 1ª MARCA DE SURFWEAR DO PAÍS LIVRE DA EMISSÃO DE CARBONO EM SEUS PROCESSOS.



VIDEDESIGN

# WHY OGIO?

SIMPLY ASK ANY OGIOPHILE WHO ALREADY OWNS A BAG (OR THREE) AND WHO WON'T EVEN CONSIDER OWNING ANOTHER NOT MADE BY OGIO. OR BETTER YET, PICK ONE UP FOR YOURSELF. EXPERIENCE THE QUALITY, THE FUNCTIONALITY, THE ATTENTION TO DETAIL AND THE DURABILITY THAT IS OGIO. EVERYTHING IS WELL THOUGHT OUT, FROM EASY SIDE ACCESS PADDED LAPTOP SLEEVES TO ORGANIZING AND PROTECTING YOUR GEAR. ONLY OGIO.



FLEECE-LINED AUDIO POCKET

VERTICAL FILE HOLDER



SNOW EQUIPMENT CARRY SYSTEM



MOTO GEAR COMPARTMENTS

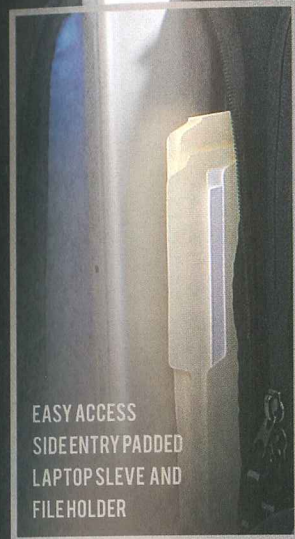


SLED™ (STRUCTURAL LOAD EQUILIZING DECK)



FLEECE-LINED VALUABLES POCKET

ORGANIZER PANEL



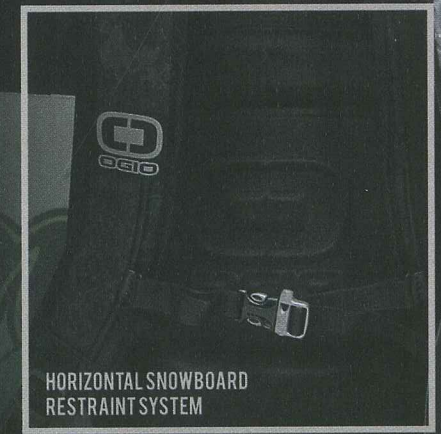
EASY ACCESS SIDE ENTRY PADDED LAPTOP SLEEVE AND FILE HOLDER



FULLY CONFIGURABLE CAMERA EQUIPMENT COMPARTMENTS



RCS™ (REVERSE CARRY SYSTEM)

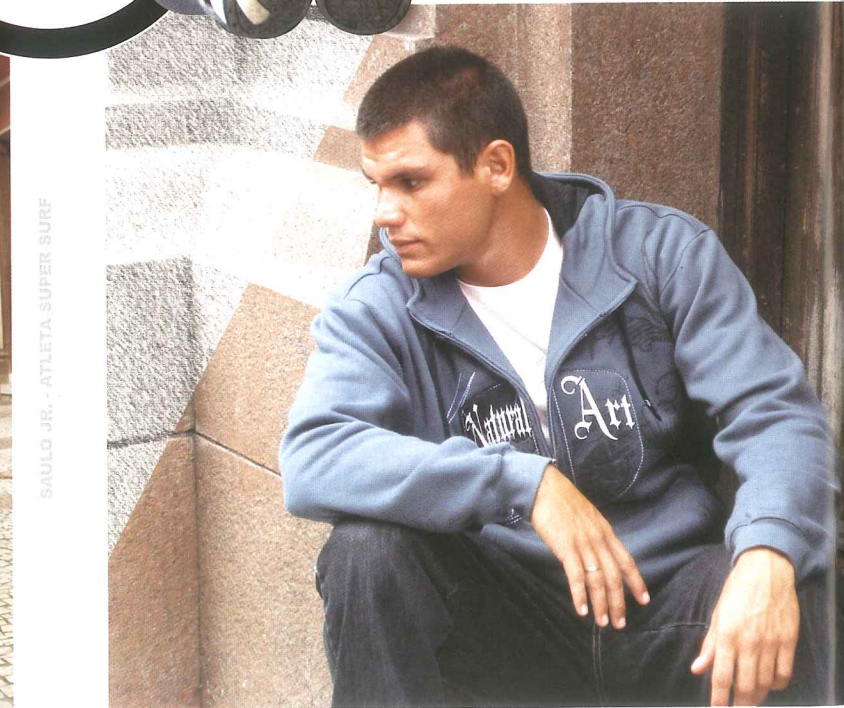
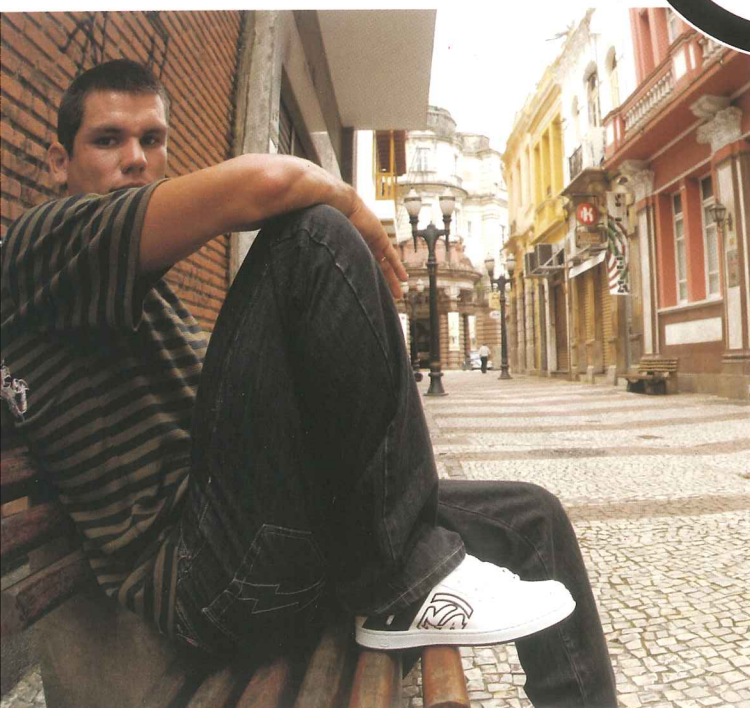
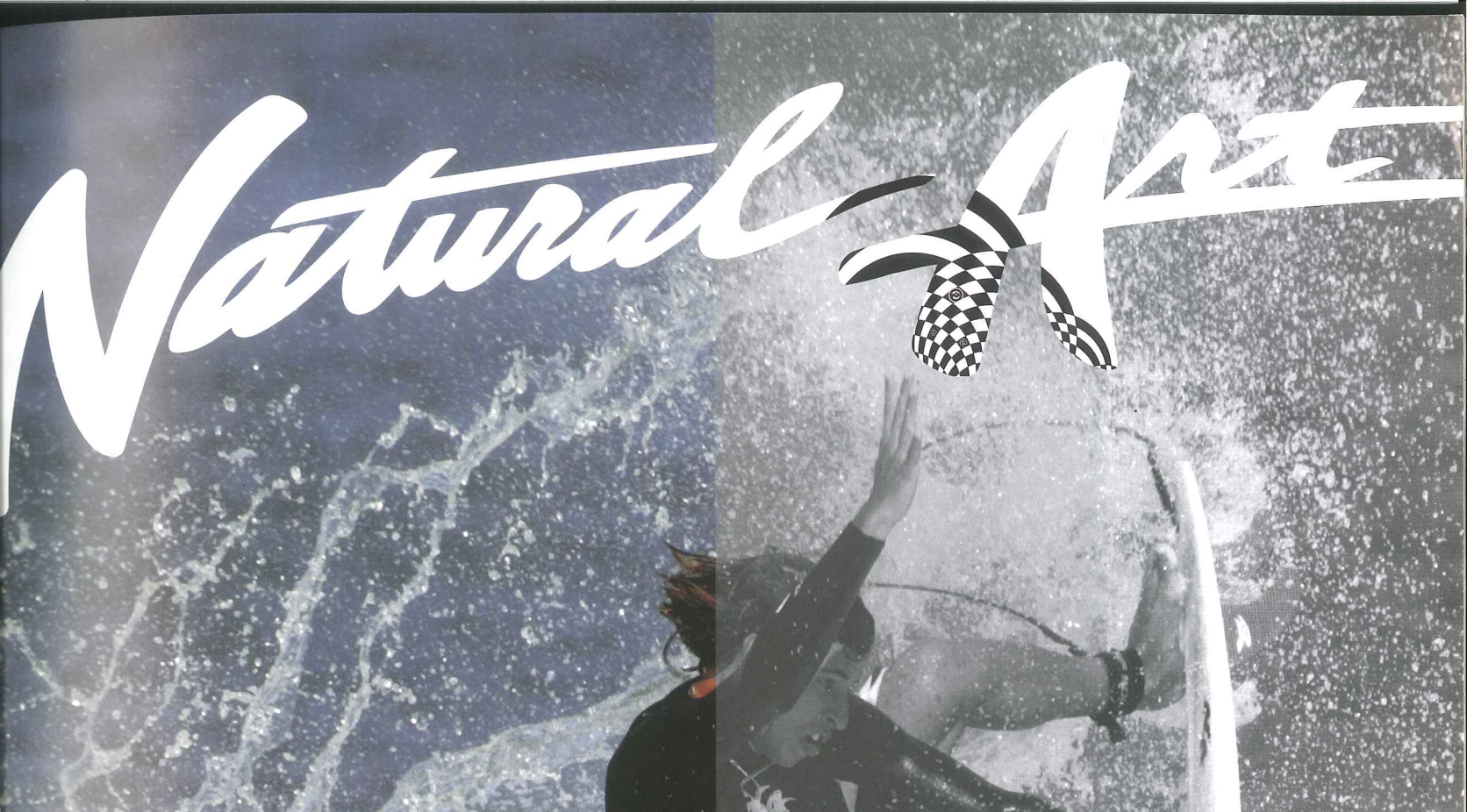


HORIZONTAL SNOWBOARD RESTRAINT SYSTEM

## TECH SPEC LEGEND

LAPTOP SLEEVE	DIGITAL MEDIA POCKET	AUDIO POCKET	CELL POCKET	HYDRATION READY	ORGANIZER PANEL	LIGHTING SYSTEM	SKATEBOARD CARRY	SNOWBOARD CARRY	SKI CARRY	GOOGLE POCKET	SHOVEL STORAGE	WAX POCKET	HELMET STORAGE
SWIM TRUNK STORAGE	PROTECTION STORAGE	JEWELRY POCKET	MAKE UP STORAGE	NO BOYS POCKET	KEY CLIP	SUNGLASSES SLEEVE	TRAVEL ESSENTIALS	MOUSE POCKET	POWER CORD POCKET	FILE STASH	SHOE STORAGE	PDA POCKET	BOOT STORAGE

OGIO@OGIO.COM.BR  
T\_55.11.2101.6000



**NATURAL ART - INVERNO 2.008**  
 CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS

**Alex RiBeiRo - Hawaii 2008**

**NA**  
 naturalart.com.br

Foto: Luis Claudio DUDA

DODÔ VEIGA

SAULO JR. - ATLETA SUPER SURF

**Ação, a vida é movimento**

Vamos aprendendo a cada dia e situação que nada é estático, nem a realidade, que é o presente, o átomo, o lapso de cada instante em movimento. Seja com a filosofia quântica ou com o zen, ou mesmo com o conhecimento básico que os simples seres adquirem com a humildade da constatação consciente do passar da vida.

Vivemos em constante movimento. A ação, o moving forward, é inerente ao indivíduo, à coletividade. Isso é cósmico, o universo respira se movendo sempre para a frente, numa busca constante de vida, de amor, do melhor, do hedonismo saudável. Pois, para nós, humanos, até mesmo a morte é considerada um movimento para a frente.

Agindo para a frente, esta edição da ALMA SURF tem na diversidade um pulsar que engloba tudo o que sentimos e entendemos como significativo e importante do que acontece, aconteceu e tem para acontecer em nosso universo próprio que é a vida no surf.

A vida no surf é pura ação, puro movimento, que vivemos tanto e apreendemos a fazer com estilo, graça e prazer. E aí está a nossa diferença...

Seja nas ondas da Flórida, em Noronha, na Espanha ou no Chile, no asfalto de skate, nos salões do surf, nas mostras de arte e nos festivais de cinema e música, estamos sempre nos movimentando para a frente...

Ser surfista é muito vantajoso. Quando ganhamos consciência da dinâmica universal, somos velozes, hábeis, sensíveis e corajosos.

Ser surfista é ter capacitação para o trajeto da vida humana, e ação, para nós, é a nossa maior diversão.

Ação é o tema do Festiv'Alma Surf 2008, e com ele ancoramos uma curadoria histórica e sem precedentes na V Mostra Internacional Lui Lui da Arte e Cultura Surf, que neste ano terá a presença do artista mundialmente consagrado Wyland, que além de participar da exposição, presencia o Brasil por meio de um dos seus murais, que será pintado em Santos entre os dias 12 a 17 de maio, nos colocando mais uma vez na rota dos países que manifestam relação profunda de amor e compromisso com o mar, que é a tônica do nosso trabalho.

O IV Festival Internacional Osklen de Cinema Surf terá no seu casting o lançamento dos maiores filmes do ano, entre eles o *High Water* do lendário Dana Brown, filho de Bruce Brown (*Endless Summer*) e diretor do consagrado *Step into Liquid*, e entre os jurados da já tradicional Mostra Competitiva, Laird Hamilton, Steve Pezman, Tony Perez, Fernando Meirelles, Marcelo Serpa, Alex Miranda e Ricardo Bocão. No III Festival Billabong de Música, nosso casting será de arrasar, misturando ícones havaianos, como Henry Kaponu, com o ritmo intenso do De La Soul e do Guru's Jazzmatazz, lançando o talentoso havaiano Jake Shimabukuro e tendo a presença de um dos Ramones, além de outras, a confirmar...

Teremos também a inclusão do Brasil no movimento Green Room, que é a união da indústria surf em busca de ações que melhorem o planeta. No Salão do Surf receberemos líderes mundiais do segmento, que participarão, junto de empresários brasileiros, da eleição de projetos que financiem um mundo, um Brasil auto-sustentável.

Com mais ação ainda, nossas pesquisas de mercado estão chegando a conclusões que nos deixam maravilhados com o tamanho da influência e importância que o surf exerce sobre a sociedade brasileira, e de quanto e como somos responsáveis cultural e socialmente hoje pela imagem do Brasil.

Não falei que o surf nos dá uma vantagem muito grande...

Brincando, surfando, nos tornamos eternamente importantes...

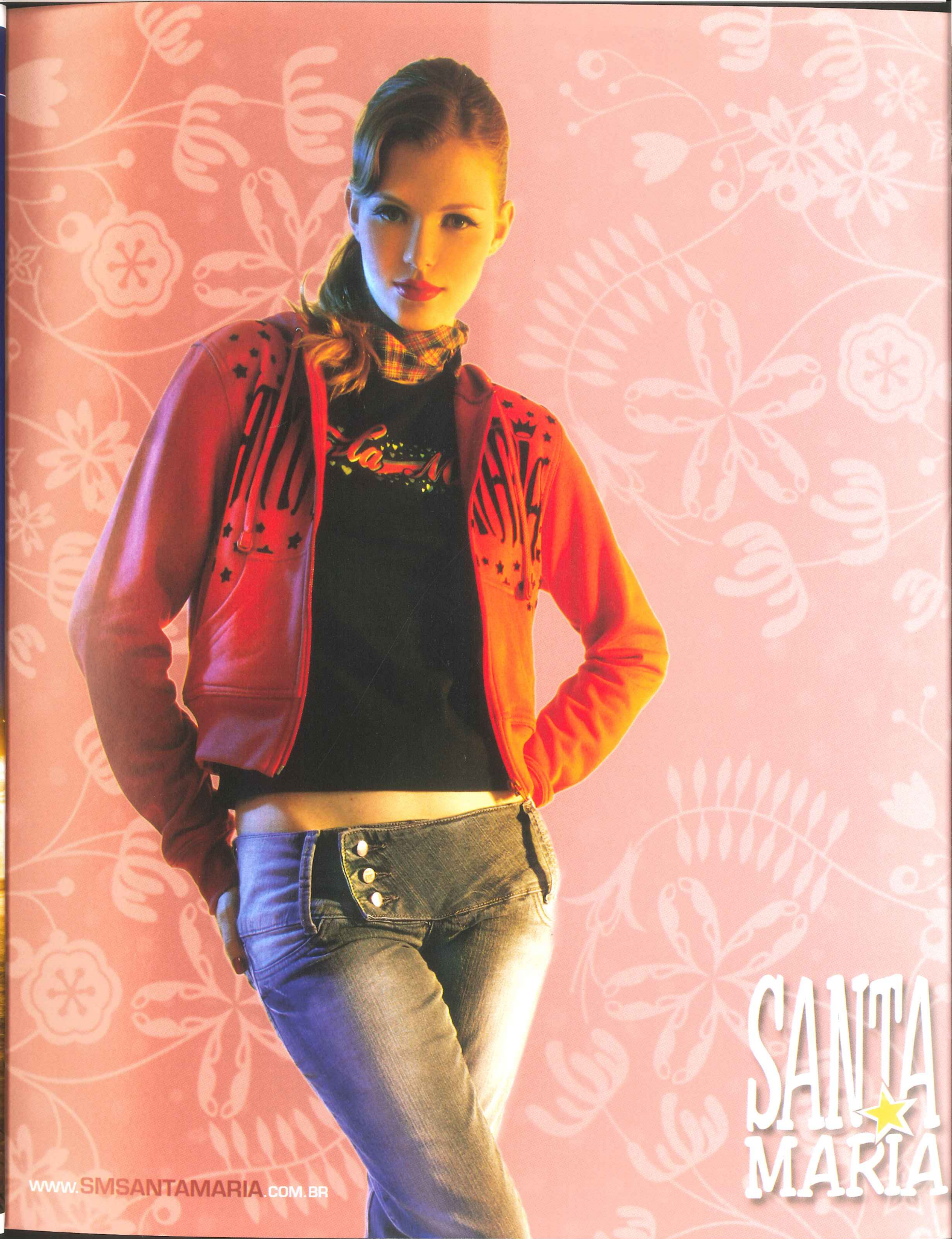
Continue se movendo para a frente com o surf.

Meditação, alegria, saúde e tudo mais...

Não pare: AÇÃO!



ESPAÑA, EUSKADI, na foto de PABLO AZKUE



www.SMSANTAMARIA.COM.BR

SANTA  
MARIA

# alma SURF

nº44 maio/junho 2008

Cosmos do Brasil Produção Editorial: **Maria Dias Carvalho**

Publisher: **Romeu Andreatta Filho**  
Editor: **Adriano Vasconcellos** vasconcellos@almasurf.com.br  
Direção de Arte: **Cassio Leitão**  
Assistente de arte: **Paulo Espinoza**  
Revisão: **Francisco José M. Couto**  
Assistente de Redação: **Marília Besser** mariia@almasurf.com.br

Colaboradores:  
**Textos:** Ben Marcus (Califórnia - USA), Beto Paes Leme, Héverton Ribeiro, Ibon Maza, João Vianna, Philip Muller, Rafael Nowascky, Reinaldo Andraus, Rico de Souza, e Taiu Bueno  
**Fotografia:** Beto Paes Leme, Clemente Coutinho, Flavia Saraiva, Fred Rozário, Glauco Caon, Héverton Ribeiro, Jason Murray, Jean-Paul VanSwae, Jeff Flindt, Jim Elliot, João Vianna, Pablo Azkue, Philip Muller, Rafael Nowascky, Raquel Benedet, Reinaldo Andraus, Richard Meseroll (Mez), Robert Brown, e Tim Jones

Publicidade: **Mauro Onosaki** mauro@almasurf.com.br  
Assistente Comercial: **Luiz Fernando Paschoalotti**

Financeiro: **Fabio Augusto Pilch** fabio@almasurf.com.br  
Distribuição: **Dinap S.A.** Distribuidora Nacional de Publicações

Impressão: **IBEP Gráfica**  
Jornalista Responsável: **Adriano Vasconcellos** MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural:  
**Fabio Augusto Pilch** fabio@almasurf.com.br

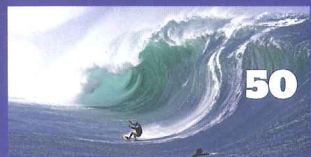
Correspondência Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 Morumbi São Paulo SP 05716-060 Fone: 55 (11) 3744-3711  
almasurf@almasurf.com.br  
www.almasurf.com.br

Para assinar: (11) 3744-3711  
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: **25.000 exemplares**

Capa: **Ipanema**; foto de **Beto Paes Leme**, sob colagem de **Cassio Leitão** e **Paulo Espinoza**, sobre arte de **Meegan Feori**

## Índice

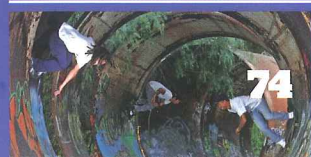


**50** **XXL Awards** Além da premiação

**56** **Ipanema** Ontem, hoje e sempre

**62** **Fúria Espanhola** Maremoto impiedoso

**68** **Flórida** Um berço do surf



**74** **Skateboarding** A cena LA



**84** **Moda** Salão do Surf



**94** **Pichilemu / Chile** O último swell

**100** **Arte** Meegan Feori



**102** **Big Noronha** Santa semana santal

## Colunas

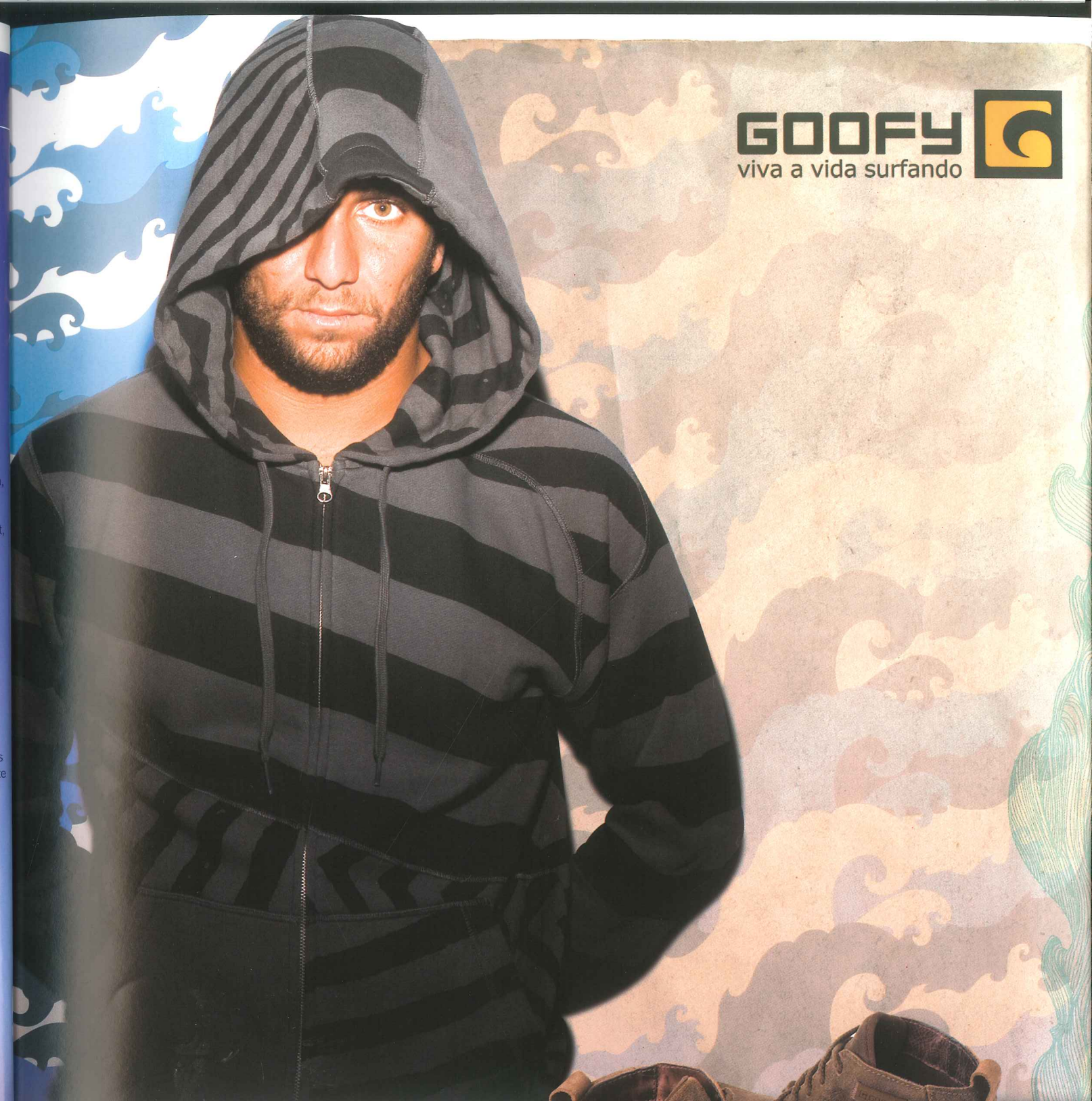
**24 Cultura** Adriano Vasconcellos

**32 Sport Surf** Reinaldo Andraus

**38 Meio Ambiente** Marília Besser

**108 DNA** Rico de Souza

**110 Surf Cósmico** Taiu Bueno



**GOOFY**  
viva a vida surfando

**Jihad Khodr** surfista profissional



Sistema de amortecimento e conforto do caminhar



model **MOROCCO**  
www.goofy.com.br

Ipanema, Rio de Janeiro, foto de Beto Paes Leme

## Festiv'Alma Surf 2008 Ação

### O Brasil vai sentir o clima de ser o principal pólo da beach culture mundial

#### V Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf

A Mostra Lul Lul da Arte e Cultura Surf começou eclética há cinco anos, no prédio da Bienal do Ibirapuera, pólo internacional de artes e eventos localizado em São Paulo, principal cidade do Brasil e uma das maiores metrópoles do mundo. A semente desse "novo momento do surf", de valorização da legitimidade que o movimento oferece, mostrou ao público na estréia, em 2004, que "o surf nasceu como expressão cultural antes do esporte". Em 2005, no Museu da Imagem e do Som (MIS), o evento evoluiu com a estréia do Festival Internacional de Cinema Surf, de curadoria apoiada na "desconstrução dos arquétipos do passado para inspirar o futuro", trazendo mais uma vez nomes consagrados. Em 2006, dose tripla: artes, cinema e música, com o Festival Alma Surf de Música exibindo apresentações intimistas do australiano Jez e do californiano Matt Costa, com base no hedonismo como um mergulho e transporte dos espectadores ao êxtase de emoções, injeção de surf e cultura, emanando a sensação de um elo saudável entre a Mostra e os principais festivais do mundo. No ano passado, 2007, na Oca do Ibirapuera, o evento alcançou de vez o reconhecimento internacional com a "consciência", tema artístico da exposição, mostrando obras dos principais nomes da arte do surf, exibindo os principais lançamentos de filmes em privilegiadas estréias no Brasil, e com o Festival de Música atraindo um excelente público por onde passou. Com o Festiv'Alma Surf oficialmente itinerante, as apresentações dos músicos Donavon Frankenreiter, G. Love, ALO e Matt Costa, somadas à programação de todo o festival, promoveram um notável encontro que foi chamado pela revista *Surfer* 'como o maior de toda a cultura surf mundial'. Nesses quatro anos, mais de 200 mil pessoas interagiram com o movimento e importantes presenças internacionais que estiveram no Brasil a convite da Mostra.

Nas artes e fotografia, Art Brewer, Craig Stecyk, Sean Davey, Mark Sutherland, Nathan Paul Gibbs, Celine Chat, Jay Alders, Wolfgang Block. Dos pensadores e criadores; Randy Rarick, Dick

Brewer, Mike Salisbury, Derek Hynd, Jamie Brisick, Bob Mignogna, Will Pennartz e Jim Kempton. No cinema, Wes Brown, TJ Barrack, Sunny Abberton, Keiko Beatie, entre muitos outros que estiveram em território nacional, unidos à pureza, energia, força e talento dos "BRASILEIROS" que bebem dessa fonte fantástica de criação que é o Festiv'Alma Surf. Neste ano de 2008, sob o tema "ação", para inspiração dos seguidores e da mídia, novamente na Bienal, abre-se outra vez o 'movimento surf'. Artistas e fotógrafos do porte de John Severson, Alby Falzon, Wanderley Carbone, Patrick Trefz, Sean Davey, Vicente Pavone, Jay Alders, Nathan Paul Gibbs, Bianca Lua, David Pu'u, Ciro Bicudo, Pedro Tojal, Andy Davis, Julie Goldstein, Celine Chat, Fernando Mesquita, Maurice Taba, André Poli, Chris Lundy, Ithaka Darin Pappas, Aleko Stergiou, John Van Hamersveld, Mai-Britt Wolthers, Sebastian Rojas, Beto Paes Leme, Claudia Simões, já confirmaram presença. Eles, entre outros, criarão sobre o tema "ação" e, como todos nós, também esperam por novos talentos na cena artística.

Joe Curren, Binho Nunes, Tiger Fish, Palumbo, Jeff Flindt, Robert Brown, Jorge D'ollynda, demonstraram satisfação com o convite e garantiram suas obras na exposição, emocionados com o universo que o surf oferece.

Nas instalações, a exposição *A Árvore Genealógica dos Shapers no Brasil* contará a história da criação da prancha de surf no Brasil com emoção e ineditismo. Réplicas renascidas das mãos dos artistas do surf convidados, Luciano Leão, Neco Carbone, Thyola, Reinaldo Andraus, Rico de Souza, juntos de Romeu Andreatta, eu, Adriano Vasconcellos, e Felipe Baracchini, que neste ano faz a coordenação cultural da mostra, dão início à produção da árvore semeando a celebração às raízes do shape nacional desde os anos 1950, e a identidade legítima da maior cultura de praia do mundo, a brasileira.

Na instalação *Carros de Surf*, parte integrante do estilo de vida dos que escolhem o mar como abrigo e têm nos seus carros parceiros de viagens e surf trips, os automóveis serão venerados. Mais uma história do surf será contada, com carros de época customizados com todos os itens usados pelos surfistas, desde pranchas, acessórios, roupas, adesivos, música no toca-fitas, CDs, players e muito mais.

Painéis, espaços e propostas de arte, biblioteca com o acervo crescendo a cada temporada, performances, palestras, encontros, cinema, música, pranchas, carros, ação, surf, movimento. Festiv'Alma Surf 2008: o surf é movimento, movimento surf.

#### IV Festival Internacional de Cinema Surf

A californiana Keiko Beatie mais uma vez repetiu o sucesso e assume a curadoria do Festival Osklen de Cinema Surf, que apresenta os principais lançamentos do ano em filme surf, de pré-estréias mundiais com a presença de importantes diretores no Brasil.

Os filmes *High Water* (Dana Brown), *Bustin' Down the Door* (Jason Gosch), *Sliding Liberia* (B. Cauillette & N. Ludlow), *Havoc* (Never Satisfied Prod), *Mundaka* (Jarrod Tallman) e *Surfwise* (Doug Pray), e mais duas confirmações de títulos, vão compor a lista da Mostra Competitiva de Cinema, que distribui os prêmios de 'melhor filme', 'fotografia', 'ondas', 'trilha sonora', e agora o de 'melhor surfista', mais a premiação ao 'alma soul surf'.

A escolha é feita pela comissão julgadora, que traz os nomes de Steve Pezman (publisher do *Surfers Journal*), Tony Perez (Publisher da *Surfin Magazine*), Dave Gillovich (editor da *Surfline*), Ricardo Bocão (diretor da TV *Woohoo*), Marcelo Serpa (publicitário da AlmapBBDO) e Alex Miranda (filmmaker brasileiro). Aguarda-se ainda a confirmação do lendário Laird Hamilton e do grande cineasta brasileiro Fernando Meirelles, todos convidados para formar o grupo de intelectos do Festiv'Alma 2008.

Duas ou três sessões diárias de filmes, que serão reprisados em dois períodos, darão a tônica do cinema no prédio da Bienal. Ai também haverá uma sessão especial de curtas-metragens nos intervalos das exhibições. Neste ano almeja-se chegar à opinião do público tradicional seguidor do festival criando-se o prêmio de melhor filme pelo voto popular. Isso vai garantir maior entretenimento e valor ao evento, que se encontra cada vez mais influente no cenário mundial. É assistir e comprovar. Prepare-se para grandes ondas e fortes movimentos no IV Festival Osklen Internacional de Cinema Surf, cada vez mais próprio, autêntico e emocionante.

# Festiv'Alma Surf

De 9 a 12 de Julho  
Pavilhão da Bienal do Ibirapuera  
São Paulo, Brasil

I Salão  
Internacional  
do SURF

III Festival  
BILLABONG  
de Música

V Mostra  
LUL LUL  
da Arte Cultura

IV Festival  
OSKLEN  
de Cinema

DIVULGAÇÃO

RÁDIO  
ELDÓRADO

O ESTADO DE S. PAULO

REALIZAÇÃO

almaSURF



Ingressos à venda nas lojas:



ZBILLABONG  
OSKLEN



Informações: 55 11 3744.3711 [almasurf@almasurf.com.br](mailto:almasurf@almasurf.com.br) / [www.mostradosurf.com.br](http://www.mostradosurf.com.br)

PATROCÍNIO

MorumbiShopping

NOVA  
SCHIN

A  
L  
M  
A  
S  
U  
R  
F

TRANSPORTADO  
OFICIAL



## III Festival BILABONG de Música

### Diversidade de movimentos da música surf

O III Festival Billabong de Música terá um casting que promete apresentações antológicas no Brasil. A diversidade dos sons torna o festival mais forte e eclético. A mistura da música do ícone havaiano Henry Kapono, o balanço e o groove do De La Soul e do projeto Guru's Jazzmatazz, mais o talentoso havaiano Jake Shimabukuro, entre outras presenças a confirmar, inspiram o público.

O trio nova-iorquino De La Soul, formado por Kelvin Mercer, David Jude Jolicoeur e Vincent Mason, dispensa apresentações e já causa frisson com a notícia de sua vinda ao Brasil. Depois de estourar em 1989 com o álbum *3 Feet High & Rising*, emplacou tantos hits e fez tanta história que já virou ícone mundial do indie hiphop, do groove e do próprio soul. De som conhecido e presença constante nas melhores baladas de que se possa ter notícia, o De La Soul virou referência para músicos, grupos e bandas com tendência ao balanço. O Festival Alma Surf de Música será o ponto de partida de uma nova turnê internacional, em show que promete marcar para sempre São Paulo e o segmento, do grupo que esquentará os motores para depois seguir viagem junto do Festival Internacional de Música, chamado Rock The Bells.

O Guru é um descendente do lendário Gang Starr, e é considerado um dos pioneiros no hip hop jazz crossover. No trabalho mais recente do projeto Guru's Jazzmatazz, o último disco, *The Hip Hop Jazz Messenger: Back to the Future*, apresenta a forte influência jazzista sobre a rap americana, embora com uma abordagem bem mais moderna, característica. Uma série de samples de guitarras e idéias toca nos players dos surfistas há um bom tempo. Apresentações antológicas com ícones

DE LA SOUL

GURU'S JAZZMAZZ

JAKE SHIMABUKURO

HENRY KAPONO

lendários da música, como Roy Ayers, Donald Byrd, Chaka Khan, Herbie Hancock, Branford Marsalis, Macy Gray, The Roots, Erykah Badu e Angie Stone, comprovam a fama do Guru.

O havaiano Jake Shimabukuro (de pronúncia 'she-ma-boo-koo-row') já é um dos músicos mais conhecidos no mundo. Sua técnica de dedilhado sobre a guitarra havaiana produz som único e de muita personalidade, que impressiona até mesmo quem não entende muito do assunto. Seu último álbum, *Gently Weeps*,

é a prova da diversidade musical de Jake, que toca jazz, blues, funk, rock e o que mais passar pela sua mente, até mesmo ritmos como o flamenco e, por que não, bossa nova. Jake redefiniu o violão elétrico com inspiração e interpretação, viagem nas ondas. Diferente, Jake Shimabukuro embala os ouvidos de qualquer um que tenha o gosto apurado por música.

Henry Kapono, ainda a confirmar, vem ao Brasil como um legítimo representante da cultura havaiana, um som característico de timbres fortes e toques de instrumentos de corda. Ele tem parte de sua obra voltada exclusivamente ao seu povo, em canções até em língua própria, que revelam a devoção à família, ao oceano e ao Hawaii. De Kapa Hulu, uma pequena cidade de Waikiki, Kapono conquistou diversos prêmios nos conceituados Na Hoku Hano Awards, que valorizam as origens polinésias, dentre eles o de 'melhor vocalista do ano', 'melhor música' e 'melhor disco', *The Wild Hawaiian*, que mescla o ritmo dançante das músicas havaianas com o rock'n'roll clássico, em canções que falam sobre respeito, amor, guerra e vitória. O artista confirma neste ano o reconhecimento de sua obra com uma honrosa nomeação ao Grammy, o 'Oscar' da música.

## IV Festival OSKLEN de Cinema

### Mostra Competitiva de Cinema

A californiana Keiko Beatie mais uma vez repete o sucesso e assume a curadoria do Festival Osklen de Cinema Surf, que apresenta os principais lançamentos do ano em filme surf, de pré-estréias mundiais com a presença de importantes diretores no Brasil. Os filmes *High Water* (Dana Brown), *Bustin' Down the Door* (Jason Gosch), *Sliding Liberia* (B. Cauiollette & N. Ludlow), *Havoc* (Never Satisfied Prod), *Mundaka* (Jarrod Tallman) e *Surfwise* (Doug Pray), e mais duas confirmações de títulos, vão compor a lista da Mostra Competitiva de Cinema, que distribui os prêmios de 'melhor filme', 'fotografia', 'ondas', 'trilha sonora', e agora o de 'melhor surfista', mais a premiação ao 'alma soul surf'.

A escolha é feita pela comissão julgadora, que traz os nomes de Steve Pezman (publisher do *Surfers Journal*), Tony Perez (Publisher da *Surfing Magazine*), Dave Gillovich (editor da *Surfline*), Ricardo Bocão (diretor da TV *Woohoo*), Marcelo Serpa (publicitário da *AlmapBBDO*) e Alex Miranda (nova ge-

HIGH WATER

BUSTIN' DOWN  
THE DOOR

SLIDING LIBERIA

HAVOC

MUNDAKA

SURFWISE

ração do cinema surf nacional). Aguarda-se ainda a confirmação do já lendário surfista Laird Hamilton e do grande cineasta brasileiro Fernando Meirelles, todos convidados para formar o grupo de intelectos do Festiv'Alma 2008. Aliás, o festival tem a missão exclusiva de compartilhar a cultura surf e estimular a produção nacional. Duas ou três sessões diárias de filmes, que serão reprisados em dois períodos, darão a tônica do cinema no prédio da Bienal. Aí também haverá uma sessão especial de curtas-metragens e animações nos intervalos das exibições. Neste ano almeja-se chegar à opinião do público tradicional seguidor do festival criando-se o

prêmio de melhor filme pelo voto popular. Isso vai garantir maior entretenimento e valor ao evento, que se encontra cada vez mais independente e influente no cenário mundial. É assistir e comprovar. Prepare-se para grandes ondas e fortes movimentos no IV Festival Osklen Internacional de Cinema Surf, cada vez mais próprio, autêntico e emocionante.

# Mostra LUI LUI da Arte Cultura

## “Ação”

A Mostra Lui Lui da Arte e Cultura Surf começou eclética há cinco anos, na Bienal do Ibirapuera, semente desse “novo momento do surf”, de valorização da legitimidade que o movimento oferece, mostrou ao público que “o surf nasceu como expressão cultural antes do esporte”. Em 2005, no Museu da Imagem e do Som (MIS), o evento evoluiu com a estréia do Festival de Cinema Surf, de curadoria apoiada na “desconstrução dos arquétipos do passado para inspirar o futuro”, trazendo nomes consagrados. Em 2006, dose tripla: artes, cinema e música, com base no hedonismo como um mergulho e transporte dos espectadores ao êxtase de emoções, injeção de surf e cultura, emanando a sensação de um elo saudável entre a Mostra e os principais festivais do mundo. No ano passado, na Oca em São Paulo, Rio e Floripa, o evento alcançou de vez o reconhecimento internacional com a “consciência”, tema artístico da exposição, mostrando obras dos principais nomes

da arte do surf, exibindo os principais lançamentos de filmes em privilegiadas estréias no Brasil, e com o Festival de Música atraindo um excelente público. Nesses quatro anos, mais de 200 mil pessoas interagiram com o movimento e importantes presenças que estiveram no Brasil a convite da Mostra. Neste ano de 2008, sob o tema “ação”, para inspiração dos seguidores e da mídia, novamente na Bienal, abre-se outra vez o ‘movimento surf’.

Artistas e fotógrafos do porte de John Severson, Wanderley Carbone, Patrick Trefz, Sean Davey, Vicente Pavone, Jay Alders, Alby Falzon, Nathan Paul Gibbs, Bianca Lua, David Pu’u, Ciro

ARTES PLÁSTICAS,  
FOTOGRAFIAS,  
PRANCHAS,  
INSTALAÇÕES,  
BIBLIOTECA,  
CARROS,  
HOMENAGENS,  
PALESTRAS,  
CELEBRAÇÃO DA  
CULTURA SURF

Bicudo, Pedro Tojal, Andy Davis, Julie Goldstein, Celine Chat, Fernando Mesquita, Maurice Taba, André Poli, Chris Lundy, Ithaka Darin Pappas, Aleko Stergiou, John Van Hamersveld, Mai-Britt Wolthers, Sebastian Rojas, Beto Paes Leme, já confirmaram presença. Eles, entre outros, criarão sobre o tema “ação” e, como todos nós, também esperam por novos talentos na cena artística.

Nas instalações, a exposição “A Árvore Genealógica dos Shapers no Brasil” contará a história da criação da prancha de surf no Brasil com emoção e ineditismo. Réplicas renascidas das mãos dos artistas do surf convidados, Luciano Leão, Neco Carbone, Thyola, Reinaldo Andraus, Rico de Souza, dão início à produção da celebração às raízes do shape nacional desde os anos 1950, e a identidade legítima da maior cultura de praia do mundo, a brasileira. Na instalação “Carros de Surf”, parte integrante do estilo de vida dos que escolhem o mar

como abrigo e têm nos seus carros parceiros de surf trips, os automóveis serão venerados. Mais uma história será contada, com carros de época customizados com todos os itens usados pelos surfistas, desde pranchas, acessórios, roupas, adesivos, música no toca-fitas, CDs, players e muito mais. Painéis, espaços e propostas de arte, biblioteca com o acervo crescendo a cada temporada, palestras, encontros, cinema, música, pranchas, carros, ação, surf, movimento.

**Festiv’Alma Surf 2008:**  
o surf é movimento, movimento surf.

[www.mostradosurf.com.br](http://www.mostradosurf.com.br)

### III Festival Alma Surf de Música

O III Festival Billabong de Música terá um casting que promete apresentações antológicas no Brasil. A diversidade dos sons torna o festival mais forte e eclético. A mistura da música do ícone havaiano Henry Kapono, o balanço e o groove do De La Soul e do projeto Guru’s Jazzmatazz, mais o talentoso havaiano Jake Shimabukuro, entre outras presenças a confirmar, inspiram o público.

O trio nova-iorquino De La Soul, formado por Kelvin Mercer, David Jude Jolicoeur e Vincent Mason, dispensa apresentações e já causa frisson com a notícia de sua vinda ao Brasil. Depois de estourar em 1989 com o álbum *3 Feet High & Rising*, emplacou tantos hits e fez tanta história que já virou ícone mundial do indie hiphop, do groove e do próprio soul. De som conhecido e presença constante nas melhores baladas de que se possa ter notícia, o De La Soul virou referência para músicos, grupos e bandas com tendência ao balanço. O Festival Alma Surf de Música será o ponto de partida de uma nova turnê internacional, em show que promete marcar para sempre São Paulo e o segmento, do grupo que esquentará os motores para depois seguir viagem junto do Festival Internacional de Música, chamado Rock The Bells.

O Guru é um descendente do lendário Gang Starr, e é considerado um dos pioneiros no hip hop jazz crossover. No trabalho mais recente do projeto Guru’s Jazzmatazz, o último disco, *The Hip Hop Jazz Messenger: Back to the Future*, apresenta a forte influência jazzista sobre a rap americano, embora com uma abordagem bem mais moderna, característica. Uma série de samples de guitarras e idéias toca nos players dos surfistas há um bom tempo. Apresentações antológicas com ícones da música, como Roy Ayers, Donald Byrd, Chaka Khan, Herbie Hancock, Branford Marsalis, Macy Gray, The Roots, Erykah Badu e Angie Stone, comprovam a fama do Guru.

O havaiano Jake Shimabukuro (de pronúncia ‘she-ma-boo-koo-row’) já é um dos músicos mais conhecidos no mundo. Sua técnica de dedilhado sobre a guitarra havaiana produz som único e de muita personalidade, que impressiona até mesmo quem não entende muito do assunto. Seu último álbum, *Gently Weeps*, é a prova da diversidade musical de Jake, que toca jazz, blues, funk, rock e o que mais passar pela sua mente, até mesmo ritmos como o flamenco e, por que não, bossa nova. Jake redefiniu o violão elétrico com inspiração e interpretação, viagem nas ondas. Diferente, Jake Shimabukuro embala os ouvidos de qualquer um que tenha o gosto apurado.

Henry Kapono, ainda a confirmar, vem ao Brasil como um legítimo representante da cultura havaiana, um som característico de timbres fortes e toques de instrumentos de corda. Ele tem parte de sua obra voltada exclusivamente ao seu povo, em canções até em língua própria, que revelam a devoção à família, ao oceano e ao Hawaii. De Kapa Hulu, uma pequena cidade de Waikiki, Kapono conquistou diversos prêmios nos conceituados Na Hoku Hano Awards, que valorizam as origens polinésias, dentre eles o de ‘melhor vocalista do ano’, ‘melhor música’ e ‘melhor disco’, *The Wild Hawaiian*, que mescla o ritmo dançante das músicas havaianas com o rock’n’roll clássico, em canções que falam sobre respeito, amor, guerra e vitória. O artista confirma neste ano o reconhecimento de sua obra com uma honrosa nomeação ao Grammy, o ‘Oscar’ da música.

### Salão do Surf

O Salão do Surf é uma ação institucional do segmento dentro do Festiv’Alma Surf 2008 que apresentará um seleto grupo de marcas e empresas escolhidas com base no critério “legitimidade e compromisso com o surf brasileiro”.

Uma oportunidade única de encontro com os grandes compradores mundiais, todos convidados especialmente para o evento, que receberá um total de 12 mil convidados, entre surfistas, lojistas, calçadistas, setor óptico e financeiro. Em busca de logística e operação internacional, fizemos uma joint venture com a ASR, maior evento de negócios surf do mundo, pertencente ao grupo Nielsen, que atua também na área de pesquisas e análises de mercado e consumo, mapeando o segmento no Brasil. Essas informações serão compartilhadas com o setor durante o evento, apoiado sobre uma agenda internacional de palestras e workshops repletos de resultados exclusivos dessa realização. Bob Mignogna, fundador da *Surfing Magazine* e hoje o maior expert em fusão de empresas e oportunidade de negócios, e Romeu Andreatta, um dos mais influentes realizadores do surf brasileiro e que hoje compartilha das pesquisas da Nielsen Business Mídia, vão interagir no espaço Green Room, entre lounges, com as 25 melhores marcas do Brasil e do mundo, que se encontram preparadas para os novos tempos. Festiv’Alma Surf: cultura, arte, cinema, música e mercado surf – definitivamente um dos maiores eventos do mundo.

[www.mostradosurf.com.br](http://www.mostradosurf.com.br)

**Festiv’Alma 2008**  
de 9 a 12 de julho  
Bienal do Ibirapuera  
São Paulo, Brasil





# LOCAL MATHEON GLIARLI SLURF PRO FIVE STARS

24/29  
JUNHO

WQS  
PITANGUEIRAS



Porta-Malas de fácil acesso, com 263 litros.



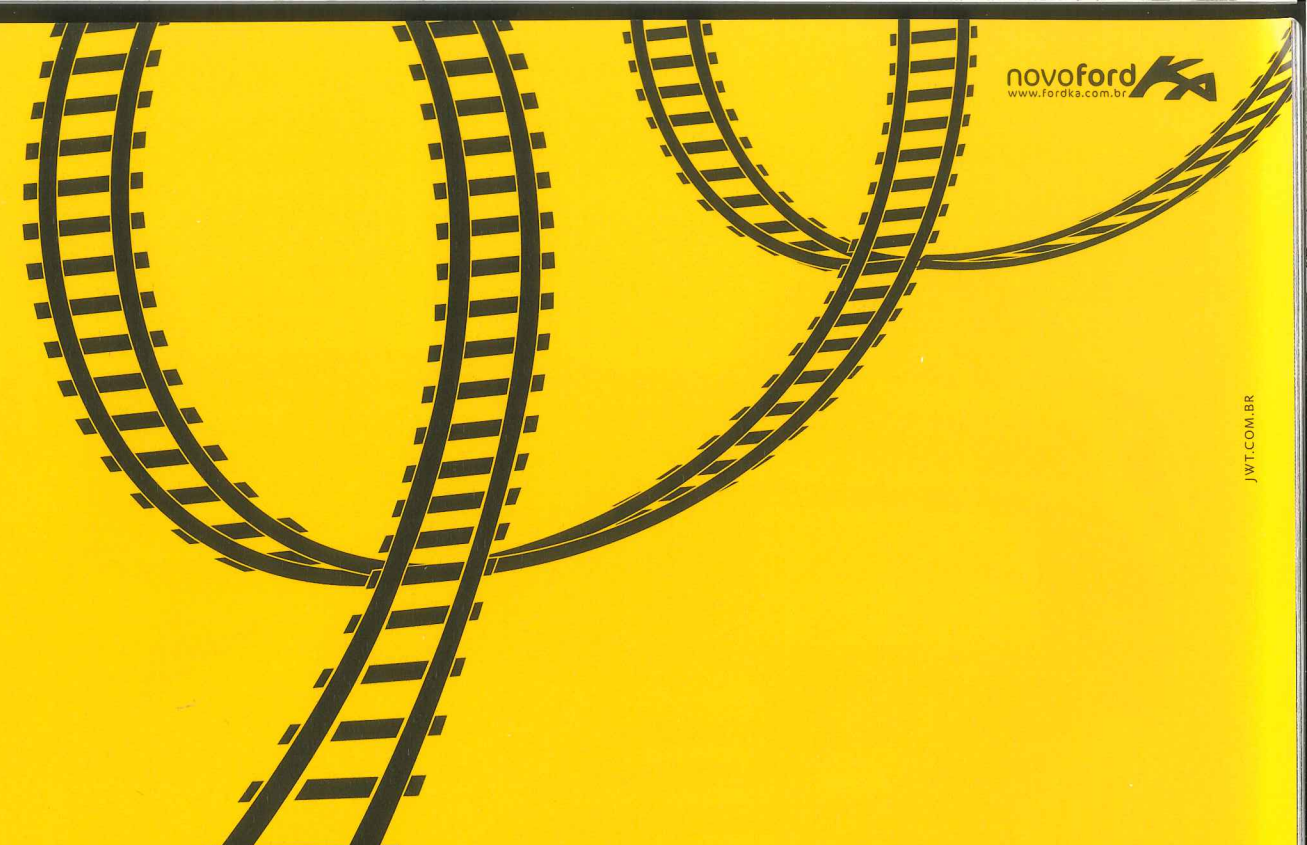
R\$ **0,49**  
Manutenção  
por dia.\*  
Preço da primeira revisão.

Espaço interno para 5 pessoas.

UM CARRO TÃO LEGAL, TÃO LEGAL, QUE A GENTE  
ESTÁ DESCONFIANDO QUE ELE NÃO É SÓ UM CARRO.  
É A SUA PRIMEIRA VEZ EM UMA MONTANHA-RUSSA.



Novo Ford Ka



novoford  
www.fordka.com.br

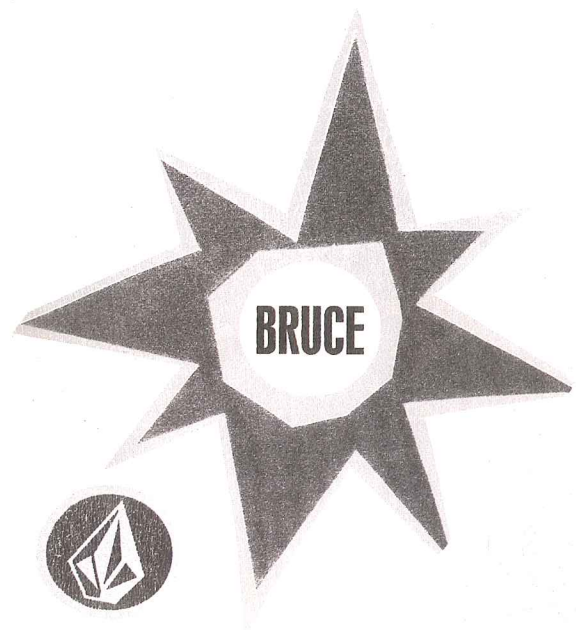
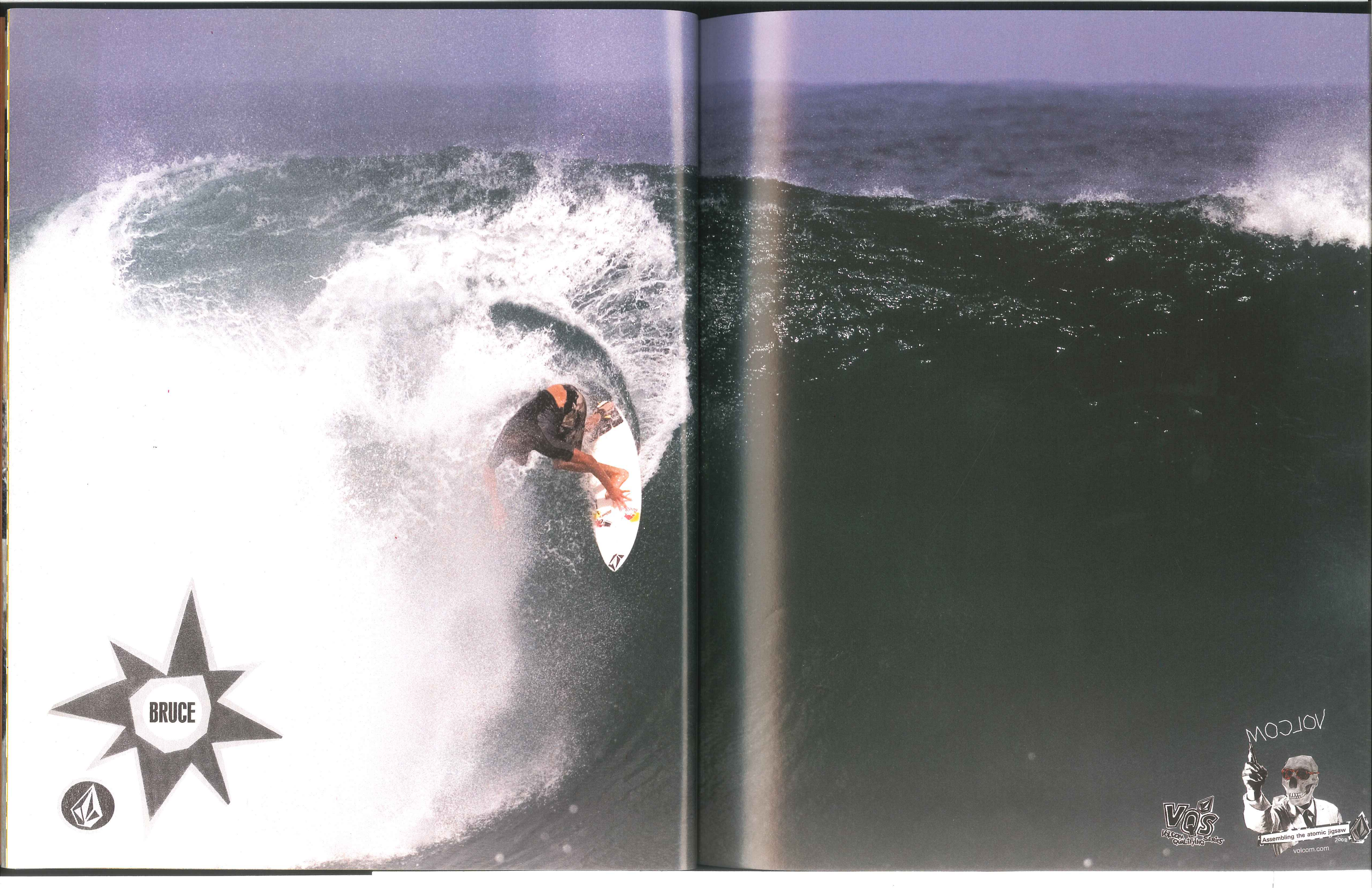
JWT.COM.BR

NOVO FORD KA 2009 COM MOTORIZAÇÃO 1.0L FLEX E 1.6L FLEX. ITENS DE SÉRIE:  
TRAVAS ELÉTRICAS E ALARME VOLUMÉTRICO COM CONTROLE REMOTO | BOTÃO DE ABERTURA DO PORTA-MALAS NO PAINEL  
PÁRA-CHOQUES NA COR DO VEÍCULO | ALERTA DE MANUTENÇÃO PROGRAMADA | TRAVAMENTO AUTOMÁTICO DAS PORTAS A 15 KM/H  
\*Valor total da primeira revisão: R\$ 89,90. Base de cálculo considerando a primeira revisão em 6 meses: R\$ 89,90 dividido por 180 dias igual: R\$ 0,49 / dia. \*Kit Revisão 1\* composto por trocas de óleo SV30 Motorcraft e filtros de óleo e combustível,  
com mão-de-obra gratuita (conforme manual do proprietário) para veículos dentro da garantia. Preço da primeira revisão válido até 31/08/2008 ou enquanto durarem os estoques do "Kit Revisão 1" em todos os Distribuidores Ford do Brasil.

0800-703 FORD  
3 6 7 3

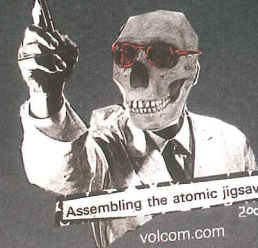


NOVO FORD KA. UM CARRO BACANA COMO VOCÊ SEMPRE QUIS. **VIVA O NOVO**



VQS  
VOLCOM QUALIFYING SERIES

VOLCOM



Assembling the atomic jigsaw  
2008

volcom.com

## Em meio às raízes com outros olhos

O ano de 1976 foi minha primeira temporada havaiana. Cheguei no dia 20 de dezembro para ficar até março, e me lembro que logo em seguida iria rolar a Lancer's World Cup; as finais foram em Haleiwa, com ondas enormes. Infelizmente cheguei poucos dias depois de acontecer o Pipeline Masters (aquele em que nosso saudoso Pepê Lopes foi até a final, ficando em sexto lugar), só que perdi esse evento. Minha visão e meus interesses no surf eram outros naqueles tempos.

A experiência era "nova" e palpante. Vinte anos completados em julho, estava ali para testar meus limites. Nem pensava em campeonatos. Mal sabia eu que naquele ano estava se formando o Circuito Mundial de Surf (IPS). Só mais tarde, ao ler nas revistas, tomei conhecimento de que a primeira equipe de surf, a dos Bronzed Aussies, teria seu embrião após aquele evento, diante de meus olhos. Menos ainda me toquei de que estava ali, por todo o North Shore, assistindo a olho nu às filmagens do antológico filme Free Ride, de Bill Delaney, com Sidão, meu companheiro de viagem, filmando as mesmas cenas em super-8. O "Dragão" estava no Hawaii para surfar – viver a experiência havaiana. Era a primeira (que se seguiria de mais uma dúzia) de minhas peregrinações ao North Shore.

O tema desta coluna será ambientado naquela temporada, crucial para a história do surf, misturando minha visão e memória dos momentos vividos na ocasião com a experiência jornalística de conhecedor e pesquisador dessa história. Um coquetel de emoções e fatos servido para os leitores da Alma Surf. Vamos lá!

### OUTROS TEMPOS

A geração intitulada Free Ride, ou Bustin' Down the Door, foi um dos pontos fundamentais de evolução do esporte. Tanto que até recentemente gerou um filme, produzido por Shaun Tomson e abordado na edição passada da Alma Surf em matéria de Ben Marcus. Poderemos matar a curiosidade no próximo Festival Osklen de Cinema, mas por enquanto fica este relato pessoal.

Naquela temporada (76\77), uma das coisas que eu considerava mais marcantes, mais até que os dias de ondas realmente grandes, eram as sessões de free surf na arena de Off-the-Wall e Backdoor. Lembro que foram muitos dias perfeitos de sol, com terral e ondas médias. O contraste de estilos era patente. Shaun Tomson montava acampamento em OTW e arregalava os olhos de todos ao "abrir" ondas fechadas e rápidas demais, mexendo a prancha para cima e para baixo dentro dos tubos. Isso era totalmente novo. Por outro lado, Michael Ho, com uma abordagem mais minimalista, descia com precisão as direitas do Backdoor e saía sempre com classe e estilo, em meio às baforadas. Acabava de ver a onda de um, para virar em direção ao outro pico e ver o rival. Que espetáculo!

Era patente a diferença entre as escolas. A de Lopez, com a pureza de estilo havaiano e

economia de gestos, comparada à nova atitude "aggro" dos aussies e sul-africanos, de quebrar tudo, inclusive a linha da onda, para mostrar serviço. Surfando há menos de uma década, até aquele momento minhas influências de surf vinham dos melhores surfistas locais de minha praia (Pitangueiras), notadamente o big-rider Roberto Teixeira, que estava lá, em sua segunda temporada, e alguns poucos cariocas que via surfar esporadicamente em Ubatuba, mas principalmente dos raros filmes de surf que aportavam no Brasil. Destes, meus principais ídolos eram quatro: Gerry Lopez, é claro; Barry Kanaiaupuni, pelos possantes bottom turns; Bill Hamilton, pela polidez de estilo; e Sam Hawk, surfista californiano que havia se mudado para o Hawaii em 1967.

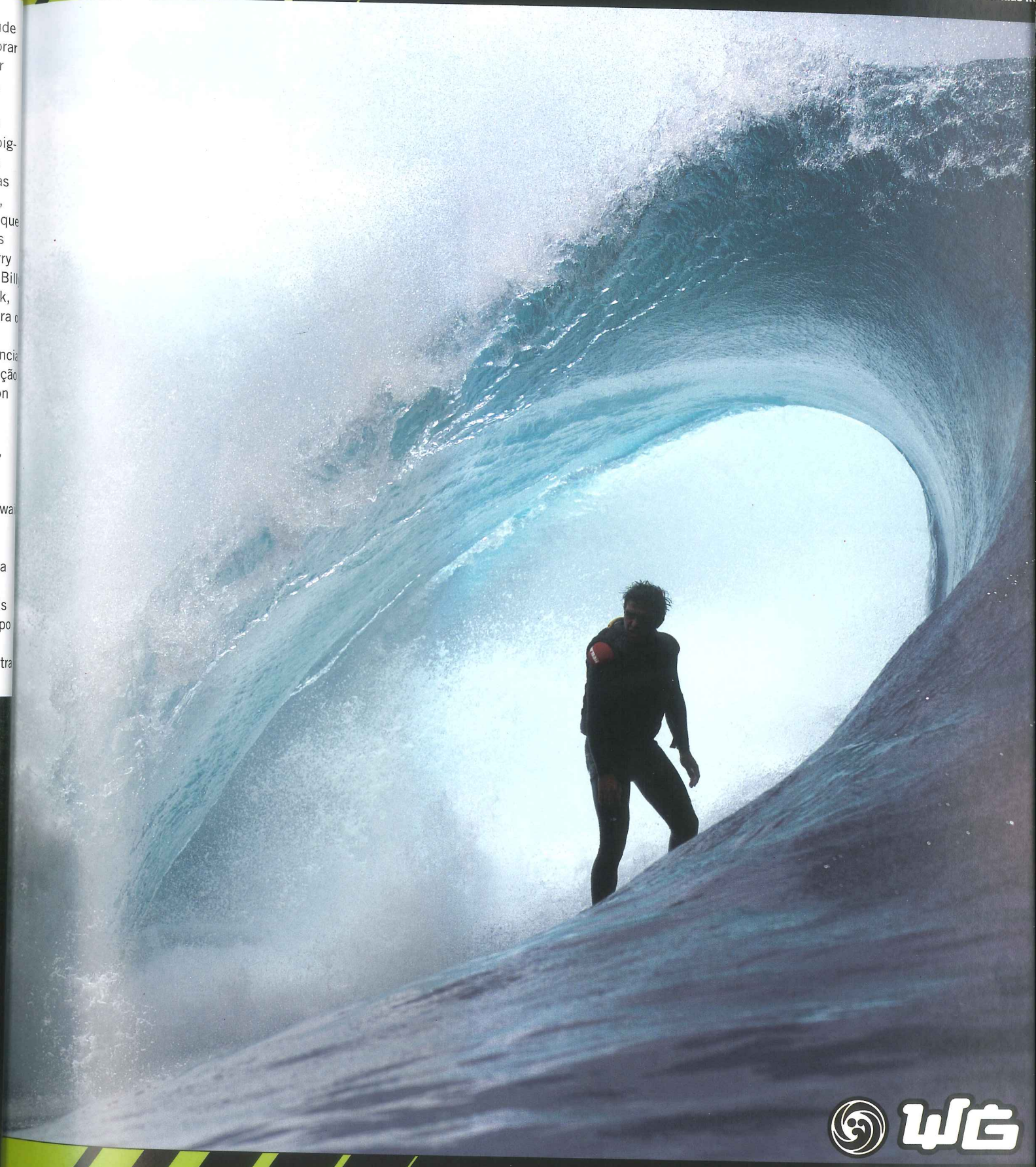
Esses eram meus "deuses" de estilo e influência até que eu pudesse vivenciar in loco a revolução que estava em curso. O surf de Shaun Tomson não era impressionante apenas nas ondas ocas de OTW, em Sunset (que logo tomou minha preferência entre as ondas havaianas), sua linha também era inusitada, agressiva e impressionante. Vi Shaun dar um floater ali, antes de inventarem a manobra. Voltei do Hawaii com a convicção de que ele era o melhor e meu preferido entre os surfistas do planeta. Havia tomado o cetro de Lopez. Na temporada seguinte ele sagrou-se o melhor do mundo, e mesmo perdendo para Rabbit e Mark Richards os títulos posteriores da IPS, continuou no topo de minha preferência. Até a entrada em cena de Tom Carroll (mas essa história fica para outra ocasião). Estamos nos anos 70.



Gerry Lopez; o maior dos "Mister Pipeline". Anos e anos... e anos, após seu auge, ainda é cultuado como um dos maiores (com certeza o mais puro), tube riders do planeta

## "INSANIDADE OU AMOR AO SURF?"

RODRIGO K



**REALIDADE BRASILEIRA**

A presença brasileira naquela temporada tinha algumas peculiaridades. Vamos contextualizar. Os brazucas começaram um êxodo mais significativo no início dos anos 70. Primeiro para o Peru. Na primeira metade dos anos 70, o pequeno vilarejo de Punta Hermosa era um ponto de encontro das gerações carioca e paulista nos meses de verão. Quando estive lá em fevereiro de 75, uns 30 brasileiros (o grosso era de cariocas), se graduavam nas ondas de La Isla, Punta Rocas, Señoritas, El Silencio & Cia. Quando Pico Alto quebrou naquela temporada, nenhum brasileiro caiu (apenas dois gringos). Na segunda metade da década o contingente brasileiro começou a frequentar o Hawaii. Em 74 apenas dois paulistas, os pioneiros, foram para o North Shore. Em 75 pouco mais de meia dúzia. Na temporada de 76 já passávamos de 10, a maioria do Guarujá. Eu estava nesta.

Para contextualizar mesmo, é interessante ressaltar uma coisa. Não tenho vergonha nenhuma de falar, mas uma vala quase tão abissal quanto a diferença do surf dos brazucas para os gringos havia entre o estágio de surf dos paulistas em relação aos cariocas. Basta anotar que o primeiro paulista a vencer um Nacional em Ubatuba, foi Paulo Rabello, apenas em 1980. Mais uma vez, isso é outra década. Vamos nos ater aos anos 70. Apesar de estar em 76, um pouco das noções que passo aqui abrangem minhas três primeiras temporadas havaianas: 76/77, 77/78 e 78/79. Nesses invernos

acumulei rapidinho meio ano de Hawaii. Não íamos para aquelas temporadas relâmpago correr campeonatos e voltar. A experiência havaiana para os brazucas daquele tempo incluía vários meses, o máximo que a grana permitisse. Viagens às Outer Islands (Maui e Kauai), quilometragem nos tubos.

O que me trazia de volta? Eram as aulas na FGV, estava cursando Administração. Esse período de primeiro contato com as ondas havaianas me deixou enxergar algumas coisas. Na época, digamos que foi meu auge como atleta (coisa que nunca fui); com 20 e poucos anos, me colocava entre os 10 melhores surfistas do Guarujá, talvez entre os 100 melhores do Brasil. Tive a perspectiva clara de que, para ser um "surfista profissional", viver do surf – sim, isso passava pela minha cabeça –, teria de largar a GV e me internar no Hawaii, anos e anos. Para chegar perto do nível daqueles monstros internacionais. Acabei decidindo seguir uma carreira "convencional", afinal de contas o surf profissional estava na incubadora, mais ainda para a realidade brasileira. Fui até o fim com a universidade. Sendo que o surf, minha paixão de infância, acabaria me tragando para trabalhar com ele de qualquer forma.

Naquele tempo a Indonésia nem estava no cardápio, o surf de verdade acontecia no Hawaii. Lá um surfista era medido em termos de competência. Apesar do sexto lugar de Pepê em Pipeline, o buraco era bem mais embaixo. Nestas viagens, cariocas e paulistas formavam um grupo unido, sem rusgas do bairrismo que encontrávamos aqui, nas viagens para o Sul,

nos festivais. Bairrismo havia até entre surfistas do Guarujá e Santos. No Hawaii éramos uma tribo no meio da selva do North Shore. Vendo os australianos e loirinhos californianos saírem corridos, tomando porrada a troco de banana, aproveitávamos nossa tez mais curtida e cabelos escuros para nos misturar no crowd. Ninguém falava alto em português no line-up. Mas uma coisa que eu achava curioso, prendia até o riso quando ouvia meus amigos cariocas comentando é que eles se achavam tão bons quanto os "melhores". Eles realmente eram muito melhor do que eu, ou qualquer outro dos paulistas. Mas a diferença com relação aos Lopez & Richards é gritante. Como sempre foi. Principalmente nas ondas havaianas.

Nunca me considerei um grande competidor, apesar de em toda a minha vida ter vencido três eventos (de longboard – na década de 90), em todos eles deixando um campeão brasileiro em segundo lugar, sempre percebi que meu forte nunca foi administrar baterias. Sabia disso quando comecei a viajar para o Hawaii e posso dizer que meu foco era mais voltado ao free surf. Mal imaginava eu que, dez anos após aquela primeira temporada, estaria trabalhando como jornalista de surf, pois meu prazer em admirar competições, ou melhor, o surf em seu estágio mais elevado de performance, sempre me cativou. O que nunca saiu de minha perspectiva foi analisar quem realmente anda nas ondas e quem engana. Com o tempo e influências (nacionais e internacionais) fui desenvolvendo meu espírito jornalístico. A realidade já foi colocada em diversas ocasiões. É a mesma que me ficou clara nos anos 70. Por isto larguei uma eventual carreira de surfista (que não existia na época), para terminar minha faculdade. O que o Brasil pode apresentar para um surfista é uma boa base de competição, mas para elevar o surf ao patamar dos deuses, busque o olimpo, a meca, as ilhas... Me pergunte, após 40 anos de surf, quantos tubos de 5 segundos encontrei em águas brasileiras? Conto nos dedos de uma das mãos. Até em Pitangueiras, sendo local, achei um. Mas perdi a conta deles no inside de Honolua Bay e principalmente nas bancadas da Indonésia. Esse sempre foi o caminho. A realidade. Não foi aqui, na minha terra, que aprendi a entubar.

*Shaun Tomson; acelerando nas direitas do Backdoor. Compare com a foto de Lopez e constate a diferença de ataque, de abordagem. Dois gênios "dentro" da mesma "arte"*

Z

THE NEIGHBORHOOD WHERE LOWBROW IDEALISM STROLLS WITH Highbrow INTELLIGENTSIA

V O N Z I P P E R . C

TAJ BURROW | KICKSTAND

V O N Z I P P E R

**VOLTANDO NO TEMPO**

Não fazia nem uma semana que eu havia aportado para aquela primeira temporada havaiana e o último evento da estação iria rolar. Naqueles anos os campeonatos havaianos (como até hoje) eram o auge, o clímax da temporada. No ano de 75, além do Pipeline Masters, do Duke Invitational (só para 24 convidados) e do Smirnoff (o que pagava o melhor prêmio em \$\$\$), foi introduzida a World Cup (a Copa do Mundo do Surf). Na temporada de 75 o "movimento de pôr a porta abaixo" já estava em curso. Estes nobres campeonatos haviam sido vencidos por Ian Cairns (Duke), Shaun Tomson (Pipe Masters), e Mark Richards havia papado o Smirnoff e a World Cup de estréia. Nada para os havaianos. Essa performance avassaladora da nova geração, que até aquela data (quando muito) vencia apenas um dos eventos no North Shore, provocou a redação do famoso artigo "Bustin' down the door", por Rabbit Bartholomew, para a revista Surfer, de certa forma arrogante. Um somatório de fatores foi provocando uma espécie de revolta nos havaianos.

A bateria final da World Cup em 76 foi o típico embate da época. Seis surfistas na água, três havaianos contra três australianos. Os havaianos eram Michael Ho, que terminou em terceiro, Barry Kanaiaupuni (o meu favorito), que não achou as ondas certas, e Eddie Aikau. A lenda havaiana fez jus, Eddie ficava fora de vista, lá no horizonte, mas quando apareciam as séries gigantes ele sempre surgia com sua prancha vermelha descendo a maior de todas. Os australianos dominaram a final, a não ser por Paul Neilsen (campeão australiano de 1971), que ficou em último, PT e Ian Cairns fizeram miséria no cabuloso inside de Haleiwa. Para se ter uma idéia, o mar do último Reef Hawaiian Pro (2007) estava fichinha perto deste. No dia daquela final de 76, Sunset amanheceu fechando o canal, havia um punhado de gatos pingados surfando Waimea Bay meio mexido e Haleiwa estava com séries de 15 pés havaianos tenebrosas, muita correnteza, algumas ondas abriam, a maioria não. Peter Townend tirou um tubo animal e mais este vice-campeonato na temporada, que acabou somando pontos para a vitória no ranking da IPS. Ian Cairns foi soberano, usou seu porte físico avantajado para domar aquelas ondas selvagens. Essa era sua terceira vitória no Hawaii, pois já havia vencido o Smirnoff e o Duke em anos anteriores. Nesta temporada de 76, outro australiano, Mark Warren, venceu o Smirnoff, em Sunset. Foi sob estas circunstâncias que Peter Townend (campeão mundial), Ian Cairns (vencedor da World Cup) e Mark Warren decidiram montar a primeira equipe de surf profissional. Batizaram-na de Bronzed Aussies (bronzeados no corpo e

no mérito) e nos anos seguintes adotariam dois jovens talentos, Cheyne Horan e Jim Banks, para o time. Eles chegavam uniformizados em festas e eventos, e usavam o brasão da equipe em suas pranchas, numa época em que as marcas de surfwear apenas vestiam bermudas nos surfistas. A idéia era angariar fundos para que pudessem cobrir os custos de viagens e acompanhar o World Tour, que acabava de iniciar. O final dos anos 70 foi um tempo em que o conceito de patrocínio era totalmente diferente do que conhecemos hoje. As pranchas dos surfistas levavam apenas um raio da Lightning Bolt, ou as flores do logo da Dick Brewer Surfboards, o arco-íris das Hot Buttered de Terry Fitzgerald e mais nada. No Brasil, nossos primeiros grandes surfistas pro tinham suas pranchas decoradas com logos do Guaraná Antártica (Otávio Pacheco), Brahma (Daniel Friedmann), Rede Globo (Rico), Jornal do Brasil (Pepê), Rádio Cidade (Cauli), Perfumes Rastro (Ian Robert), e Ricardo Bocão foi o primeiro a ser patrocinado por uma confecção, a Gledson (que nem era uma marca de surfwear). Esse perfil mudaria paulatinamente a partir dos anos 80.

As temporadas havaianas do final dos anos 70 foram marcantes, não só pelo nascimento do surf profissional e por toda essa cristalização do movimento BDTD e o nascimento do localismo mais exacerbado dos havaianos contra os haoles, mas também pela troca de comportamento do espírito hippie, nômade, despojado dos surfistas que vinham da revolução anterior (shortboard) para uma visão de patrocínio e comportamento para a mídia, iniciada pelos Bronzed Aussies. Em muitos guetos do surf esse tratamento profissional era execrado, considerado um sacrilégio. Porém... irreversível. Posso me colocar entre uma dessas pessoas que tinham uma "visão mais pura" do surf. Não deixei de participar totalmente de campeonatos e até me dar bem em alguns deles no final dos anos 70, mas minha trajetória buscou viagens para evoluir como surfista.

Nestas andanças, fui conhecendo os surfistas de outros estados. Fazendo muitos amigos de 'walks of life' diferentes, mas que tinham o surf como centro do universo.

*As pranchas cor-de-rosa de Peter Townend eram uma estratégia de marketing pessoal. Bastava ele remar para uma onda e todos os fotógrafos já sabiam de quem se tratava*



Tive meu primeiro contato com Bocão resgatando sua prancha perdida, numa época em que nem se utilizava cordinha, no canal de Sunset; ele veio me agradecer em inglês, quebrei o gelo. Targão, conheci pegando uma carona num barco para surfar em Kuta Reef (Bali). Rosaldo sempre foi assíduo companheiro nas sessões de surf em Sunset, logo após acabarem as baterias dos campeonatos da Triple Crown. Aliás, depois que me transformei num jornalista de surf, sempre busquei viver o ambiente dos competidores, seja em Itamambuca ou Grajagan, procurava cair no mar para sentir a arena e poder escrever melhor uma análise de cada competição. Já cheguei a assistir todas as baterias de eventos da Abrasp. Hoje sou mais um daqueles "ratos de internet". Minha experiência permite fazer um raio X à distância e tenho prazer de escrever sobre o esporte que amo. Como torcedor e profissional de imprensa, paira a fé e a certeza de que um belo dia... sei lá quando... estarei escrevendo boas coisas sobre nosso Pelé do surf! Nem que esteja com 60 ou 70 anos. Vou ver, sentir e lembrar o que custou. Terá valido!

www.spy.com.br

PARA QUEM TEM O SOL DENTRO DA CABEÇA!

INMETRO  
EN - 1836  
100% Proteção  
LVA e UVB

SPY®  
EYEWEAR

## Por que proteger a Antártida o continente de gelo

A Antártida é um continente notável e curioso. Remoto, hostil, inabitável, e a chave para entendermos como nosso mundo funciona e o impacto da humanidade sobre ele. É importante para a ciência por causa de seu efeito profundo no clima da Terra e nos sistemas dos oceanos. Apesar de ter terras frias, cobertas por enormes geleiras, a paisagem é fascinante. Montanhas de gelo, icebergs flutuantes, animais exóticos, um cenário maravilhoso e misterioso. Infelizmente, nos últimos anos o aumento no aquecimento global tem afetado cada vez mais o planeta; destaque para o pólo sul, que vem sofrendo mudanças irreversíveis e influentes do resto do planeta.

O degelo na Antártida aumentou o seu nível líquido em 75% nos últimos 10 anos, revela pesquisa de cientistas da NASA (National Aeronautics and Space Administration). Segundo pesquisadores, o aumento da perda de camadas de gelo durante esse período ampliou a elevação anual do nível dos oceanos de 0,3 mm para

0,5 mm só nesta última década, com dados de 2006. Os degelos ocorreram por causa do avanço do fluxo das massas de gelo devido à elevação das temperaturas do mar. "As plataformas de gelo estão respondendo mais rápido ao aquecimento climático do que o esperado", informou o cientista Eric Rignot, principal investigador no estudo do equilíbrio da massa polar da Groenlândia e do gelo antártico, no Jet Propulsion Laboratory (JPL) da NASA. Essas informações são o resultado de estudos feitos durante os últimos 15 anos sobre dados fornecidos pelos satélites da Nasa e das agências espaciais da Europa, Canadá e Japão.

"O aquecimento global está acontecendo mais rápido do que o previsto pelos piores prognósticos do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU)", adverte Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos e um dos líderes da luta contra o aquecimento do planeta, hoje um destaque internacional. Além do aumento do nível do mar, quais os possíveis efeitos das mudanças climáticas? Segundo Francisco Maciel, mestre em Energias Renováveis e Meio Ambiente pela Universidade

de São Paulo (USP) e doutor em Energias Renováveis e Mecanismos de Desenvolvimento Limpo pela Escola Politécnica da USP, a primeira observação que precisa ser feita ao se tentar analisar os possíveis efeitos das mudanças globais do clima é que os prognósticos são realizados por meio de avaliações de probabilidades de cenários que consideram a capacidade da sociedade humana em responder aos desafios das reduções de emissões de gases de efeito estufa, aos danos já irreversíveis nos sistemas ligados ao clima, e às possibilidades tecnológicas, presentes e futuras, passíveis de adoção ao longo do tempo.

De acordo com a opinião de Maciel, que também é atuante na ONG Iniciativa Verde, são apontadas probabilidades de conseqüências drásticas, como o degelo significativo de regiões inteiras dos pólos, por exemplo o Ártico, um alvo potencial do superaquecimento; o aumento de tufões, ciclones, maremotos; e a perda de 10 a 30 % da biodiversidade atual.

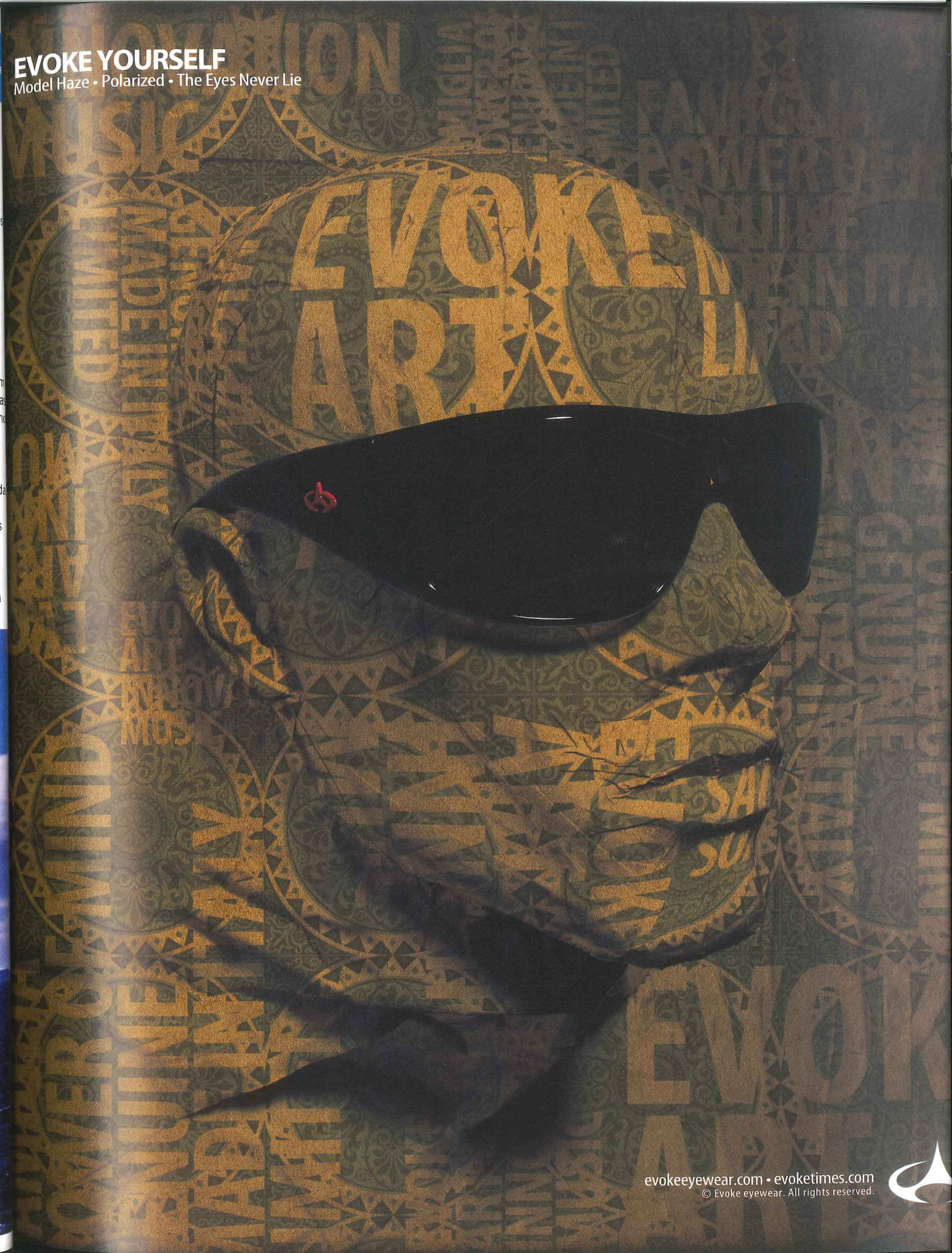
As evidências apontam que em terra as cidades costeiras serão as primeiras a enfrentar as conseqüências do aumento do nível do mar, o que já está acontecendo, como mudanças de marés, a acidificação dos oceanos e a perda da biodiversidade marinha.

por Marília Bessa

**EVOKE YOURSELF**  
Model Haze • Polarized • The Eyes Never Lie



O degelo na Antártida aumentou o seu nível líquido em 75% nos últimos 10 anos, revela pesquisa de cientistas da NASA



## Meio Ambiente

Em seguida, os grandes centros urbanos, alterações no clima e, conseqüentemente, nas bases econômicas.

No último dia 25 de março, a plataforma Wilkins, a maior da Antártida, com uma extensão de 13.680 km<sup>2</sup>, entrou em colapso e desmoronou em parte. O que contribuiu para a aceleração de sua desintegração foi o derretimento de uma área 405 km<sup>2</sup> da margem da plataforma.

Essa notícia não é apenas mais uma ruptura natural de gelo, o alerta é que a região está derretendo. Os cientistas acreditam que isso aconteceu por causa do rápido aquecimento do clima neste último verão. Segundo o Centro Nacional da Neve e Gelo da Universidade do Colorado (NSIDC), a Antártida teve o maior aumento de temperatura dos últimos 50 anos, aproximadamente 0,5° C a cada 10 anos. E no momento, o que evita um desmoronamento no interior da plataforma são apenas 6 km de gelo. Fenômenos como esse comprovam que o aquecimento global mostra cada vez mais sua força. O fim do verão evitará a possibilidade de outro colapso, mas a preocupação que fica é o rápido aumento da temperatura nos próximos verões e a volta do degelo acelerado na região da Antártida.

Entendendo o tamanho do desafio, para conter o aumento da temperatura global, países membros da ONU tentam aprovar por unanimidade um acordo para cortar as emissões de gases tóxicos pela metade até 2050.

Segundo os pesquisadores da Universidade de Edimburgo, o degelo acelerado é de 125 bilhões de toneladas ao ano, o que provoca um aumento do nível dos mares. E para nós, surfistas, a dúvida paira no ar: esse fenômeno altera as marés e as ondulações?

"Sim, essa nova massa de água já altera as marés e as ondulações, em tese de modo positivo, e temos de lembrar que a diferença de temperatura gera novas correntes marítimas e muda completamente os swells. Como exemplo direto, todo esse processo influencia a corrente de Humboldt, que gera swells no Chile e no Peru", explica o especialista Francisco Maciel. "Isso não quer dizer simplesmente que os bons lugares para o surf teriam ou não a tendência de passar a ter ondas maiores, mas que haverá sim uma mudança geral no mapa, devido ao aumento de massa e da diferença de temperatura."

É bom lembrar que as correntes marítimas são deslocamentos de massas de água oceânicas geradas pela inércia da rotação do planeta e pelos ventos. Essas correntes se movem por todos os oceanos do mundo, transportando calor e levando movimento, e por isso apresentam interferência direta na pesca, na vida marinha e no clima. Então, alterando-se massas e temperaturas, tudo muda.

"Isso vai muito além de termos estações do ano mais ou menos quentes, ou marés com mais ou menos ondas. Significa, antes, toda uma mudança das condições de existência da humanidade ao longo do tempo, a partir das conseqüências das escolhas feitas no passado e daquelas que ainda faremos, por nós mesmos e pelos que virão", alerta o pesquisador Francisco Maciel.

Adaptação pode ser uma definição coerente para o que estamos vivendo agora. Não são apenas problemas com conseqüências para um futuro próximo. O problema é atual, e precisamos ter consciência e, mais do que isso, agir e trabalhar para criar planos de emergência agora e a longo prazo. Precisamos cuidar do planeta.

"Sim, essa nova massa de água já altera as marés e as ondulações, e temos de lembrar que a diferença de temperatura gera novas correntes marítimas e muda completamente os swells."  
Francisco Maciel, USP

MAKE YOUR ACTION

BEST

X-TREME RADICAL  
SPORT VISION

(18) 2101 4200

WWW.XTREMERADICAL.COM





**AGUARDEM**

**Red Nose**   
**TOW IN**  
**CHAMPIONSHIP**

INTERNATIONAL MARESIAS 2008

**R\$ 100.000,00**  
**EM PRÊMIOS**

**PERÍODO DE ESPERA**  
**01/07 à 30/11**

LOCAL

**São Sebastião - Maresias**

**AGUARDEM LISTA DE CONVIDADOS**

**WWW.REDNOSE.COM.BR**

INFO: [rednose@rednose.com.br](mailto:rednose@rednose.com.br)

REALIZAÇÃO



APOIO



DIVULGAÇÃO



PATROCÍNIO



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM RED NOSE... SUPERE SEUS LIMITES!

ATLETA: WAGNER PROFETA - HAWAII

ATLETA: WAGNER PROFETA  
360° FLIP

Red  
Nose  
SHOES

RED NOSE © XTREME SPORTS ALL RIGHTS RESERVED



MODEL: OCTANE



FOTO: HEVERTON RIBEIRO

PRÓ MODEL: PROFETA



WWW.REDNOSE.COM.BR

Roberto Cantoni  
PIPELINE - HAWAII

RED NOSE © XTREME SPORTS ALL RIGHTS RESERVED



WWW.REDNOSE.COM.BR

# Rednose

SANDALS



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM RED NOSE...  
SUPERE SEUS LIMITES!

XTREME SPORTS

XTREME SPORTS

HIGH SURF WARNING

Overcome Your Limits...



WWW.REDNOSE.COM.BR

ATLETA: ROBERTO CANTONI / MARESIAS

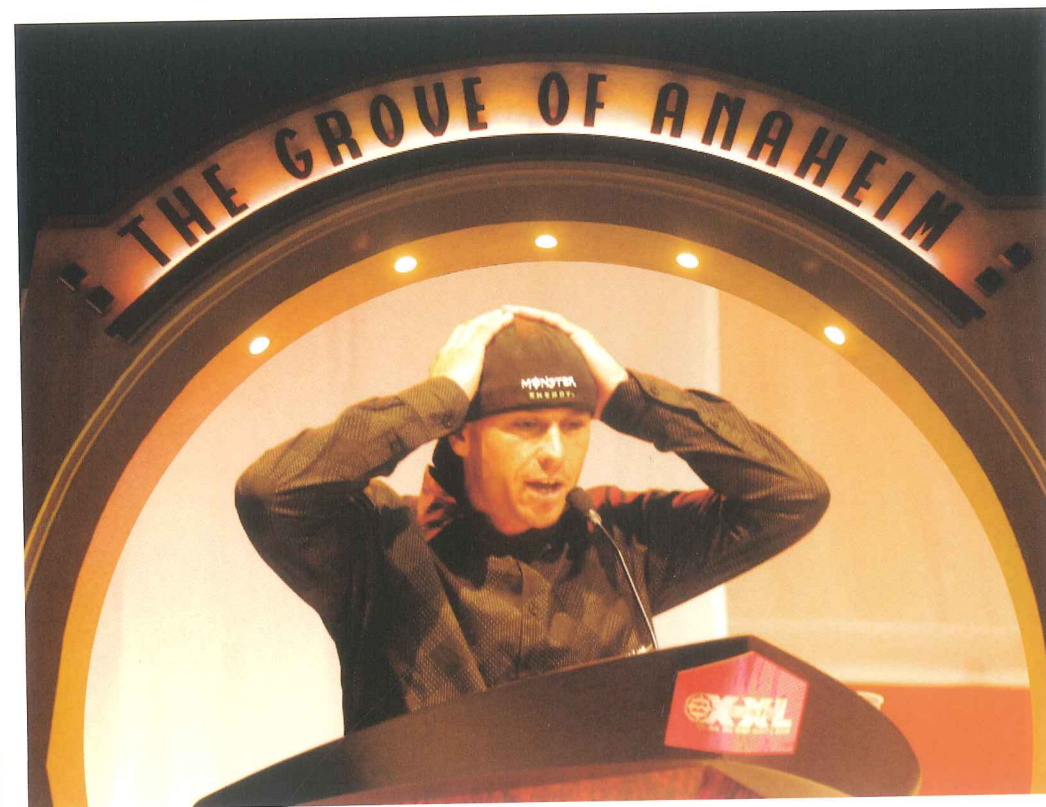
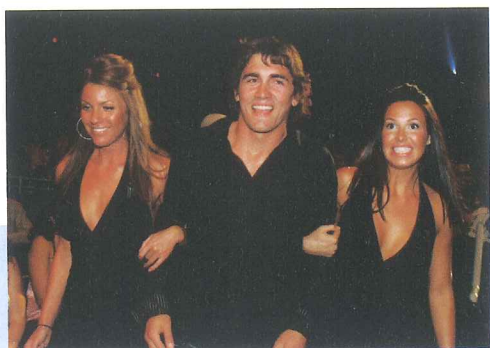
Red Nose™  
XTREME SPORTS

Collection 2008



HOLLY

www.hollywu.com.br  
TEL: 11 - 4689-4199



da esq. à dir.;  
 Greg Long, performance  
 Manoa Drolet, Dorian,  
 Brennan e Ian Walsh  
 Maya Gabeira, a mulher  
 The Grove of Anaheim  
 Shane Dorian, The Rider  
 Tow Surf: Carlos Burle,  
 Ghost Tree, foto J. Murray

## Billabong XXL Global Big Wave Awards Party 2008



**Além da premiação**

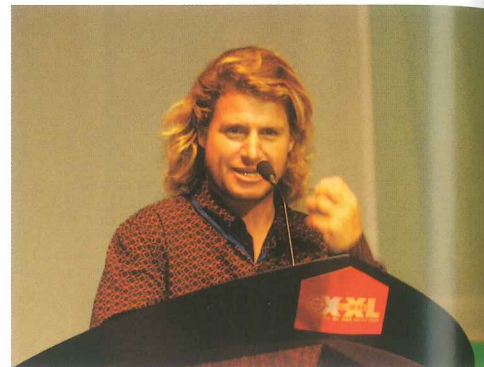
**I**Ir ao Billabong XXL Big Wave Awards é como surfar em Teahupoo: Você precisa esperar na fila. Uma vez que entrou, não poderá mais sair. Muita agitação, barulho e intensidade. Você não consegue ouvir os seus próprios pensamentos. É muita coisa rolando ao mesmo tempo, que passa rápido e, quando acaba, é difícil lembrar de tudo que aconteceu. Em 2000, Laird Hamilton pegou uma onda gigante de tow-in em Teahupoo, e deixou todos de boca aberta. No filme Riding Giants, Matt Warshaw falou: “Essa foi a onda mais pesada que já vi em toda minha vida. O que poderia ser mais pesado que isso?”. E durante os últimos oito anos surfistas do mundo todo vêm tentando responder a essa pergunta, na remada e no tow-in, nos seletos points de surf espalhados pelo mundo, descobrindo novos picos e se jogando em ondas cada vez maiores. Nos XXL Big Wave Awards 2008 foi comemorado o 10º aniversário do evento, e não por acaso foi um ano destacado. Com o sistema climático em colapso por causa do aumento do aquecimento global, a temporada gerou um swell gigante no mês de novembro em Teahupoo. O Atlântico norte mostrou seu potencial quebrando altas ondas em Mullaghmore, na Irlanda, lugar que os surfistas irlandeses observaram durante anos. Waimea estava forte em fevereiro.

E a costa oeste da América do Norte recebeu ondulações pesadas, se transformando nos maiores dias já surfados em Mavericks, Todos Santos e Cortez Bank. A Billabong fez os ‘XXL Awards’ no espaço Grove, em Anaheim, numa noite de sexta-feira, no meio do caminho de Malibu e La Jolla, incrustado no município de Orange, complexo da indústria surf, que nos presenteou com um inacreditável ‘seriado’ de mulheres bonitas, magras e loiras. Casa lotada, dia 12 de abril. Stacy Elser foi hostess da Billabong e responsável pela lista de convidados, de uma lista de 2 mil VIPs e alguns outros para o que seria umas das maiores festas do calendário social do município de Orange. O XXL tornou-se um grande encontro da mídia. Transmitido pela ESPN e comandado pelo escritor Sam George. Muitas pessoas circulavam tão apressadas com câmeras na mão e microfones a postos, na busca de uma entrevista com algum big-rider, que se enroscavam nas minissaías que desfilavam entre drinques. O show começou por volta das 21h00, com Mark Occylupo de mestre-de-cerimônias. Muito legal ver o Occy apresentando o XXL, mesmo não dando para entender uma só palavra do que ele dizia. Em cima da hora, achar uma cadeira vazia e sem estar quente era quase impossível. O evento foi parecido com um tubo pesado em Teahupoo.



da esq. à dir.; **Herbie Fletcher**, conceitual surfer **Shane Dorian**, **Teahupoo**, a onda da temporada

**Occy**, o mestre **Carlos Burle**, garra e talento brasileiro



### MAIOR TUBO

O primeiro prêmio da noite foi para o Maior Tubo da temporada, com quatro dos indicados também convocados para The Ride of the Year. Não consegui ver direito essa premiação. Depois de flutuar entre os convidados, a abertura foi rápida enquanto eu tentava achar um lugar para sentar. Percebi que Manoa Drollet era o primeiro felizado. Merecidamente, Manoa surfou uma craca em Teahupoo que, imortalizada pelo fotógrafo Jeff Flindt em 1º de novembro, o favoreceu no direito ao prêmio de U\$ 5.000 oferecido pela Billabong.

### MELHOR PERFORMANCE MASCULINA

Greg Long teve um ótimo ano. Primeiro, o histórico dia em Todos Santos no mês de dezembro. Depois, as gigantes ondas de Cortez Bank no dia 8 de janeiro. Quatro dias depois venceu o Mavericks Contest. Greg resumiu sua performance em um bate-papo informal: "Minha temporada de ondas grandes começou no mês de junho em Cape Town, na África do Sul, onde passei a maior parte do meu verão. Fiquei em Kommetijie, no pico que pode receber e suportar swells realmente grandes, 'Dungeons'. Em outubro passado, Puerto Escondido. Entre os meses de novembro e março, surfei todos os swells grandes em Mavericks", e prosseguiu emocionado Greg Long. "No começo de dezembro, fiz minha primeira

queda no Hawaii, 30 a 40 pés em Waimea. Depois surfamos o maior swell já registrado em Ghost Tree, em Monterey, na Califórnia. Na sequência, Todos Santos, no maior swell já surfado, num pacto de cair no braço", Greg fazia ali um reflexão sobre sua performance na temporada. "No começo de janeiro, junto dos meus parceiros Mike Parsons, Brad Gerlach, Grant 'Twiggy' Baker e o fotógrafo Robert Brown, viajei para Cortez Bank. Incrível! Mike elevou os parâmetros do surf a uma onda escultural de 70 pés plus. Em março a costa oeste recebeu outro swell gigante. Formando ondas a 600 km de distância da costa, produzindo um dos maiores mares já registrados do sul da Califórnia." A descrição de Greg Long sobre sua temporada de inverno é um ótimo resumo de toda temporada de ondas grandes do XXL 2007/2008. E ele não esteve em Teahupoo; preferiu ficar cruzando a linha do equador. Também não surfou Shipsterns Bluff. E de alguma forma perdeu um dia gigante em Mullaghmore, na Irlanda. Mas Long foi obstinado em sua busca. Outro que teve um ótimo ano foi Garrett McNamara. "Quando foram anunciados os finalistas do XXL, fiquei surpreso de ser indicado ao prêmio de Melhor Performance Masculina do ano. Pensei: 'Como, o que eu fiz?' Ok: tow-in insano no Tahiti, surf de tow-in e remada na Austrália, surreal. Na mesma viagem fiz tow-in

no pico do Bra Boys Koby Abberton, conhecido como 'Ours'. E o Alasca foi a viagem mais tensa que já fiz em toda a minha vida. Também surfei por três dias uma Waimea quase indomável. Tow-in em Mavericks e Todos Santos. Tubaço em Pipeline. E como não podia deixar de ser, o dia em que o Eddie Aikau foi cancelado, 35 pés sozinho. E ainda assim, não sei se sou digno de ser finalista. A evolução do esporte está alcançando níveis muito altos", Garrett McNamara. No suspense, ao anúncio do ganhador Greg Long como prêmio de maior onda de 2007, The Biggest Wave, o público mostrou ter outras preferências. Long, o ganhador da noite, simpático, justificou a conquista: "Surfar ondas grandes tem sido uma sina desde os meus 16 anos. Estou totalmente obcecado e compulsivo".

### MELHOR PERFORMANCE FEMININA

Foram três as indicadas para o prêmio de Melhor Performance Feminina: as californianas Jamilah Star e Jen Useldinger e a brasileira Maya Gabeira. Useldinger estava lá com sua mãe, Ann Bailey. A mãe da Maya também veio, do Brasil. Maya Gabeira foi indiscutivelmente a melhor surfista do ano. Performances impressionantes no Taiti, Califórnia, Hawaii e México garantiram à brasileira o bicampeonato no encontro. Merecidíssimo. Se tivesse a pior vaca do ano, Gabeira seria indicada pelas vacas mais sinistras.

da esq. à dir.; **Mike Parsons**, **Cortez Banks** 70 pés **Maya Gabeira**, **Teahupoo** bi no **XXL**, será **tri**, **tetra...** **Anaheim**, **mulheres** bonitas, magras e loiras

Premiada pela segunda vez consecutiva como a melhor performance feminina em ondas grandes, Maya, como sempre, sorriu ao mundo. "A sensação de estar aqui por dois anos seguidos é única. Meus amigos estão aqui e minha mãe veio do Brasil! Dividir minhas ondas no telão e escutar todo mundo vibrando é uma emoção muito grande. Estou muito feliz", disse Maya logo após receber o prêmio pela atitude.

### MAIOR ONDA NA REMADA

Dos quatro indicados ao Monster Paddle, maior onda na remada, todos foram selecionados pelo mesmo dia em Todos Santos no mês de dezembro. As regras do XXL dizem que o surfista tem que fazer o bottom para a onda valer, mas não precisa ir até o final da onda para ganhar. Mas a verdade é outra, os juizes querem ver o surfista fazer o bottom e finalizar a parede d'água. Em 2005, por exemplo, Dan Moore venceu o prêmio da maior onda de 2004/2005, o Biggest Wave Award, com uma gigante em Jaws que

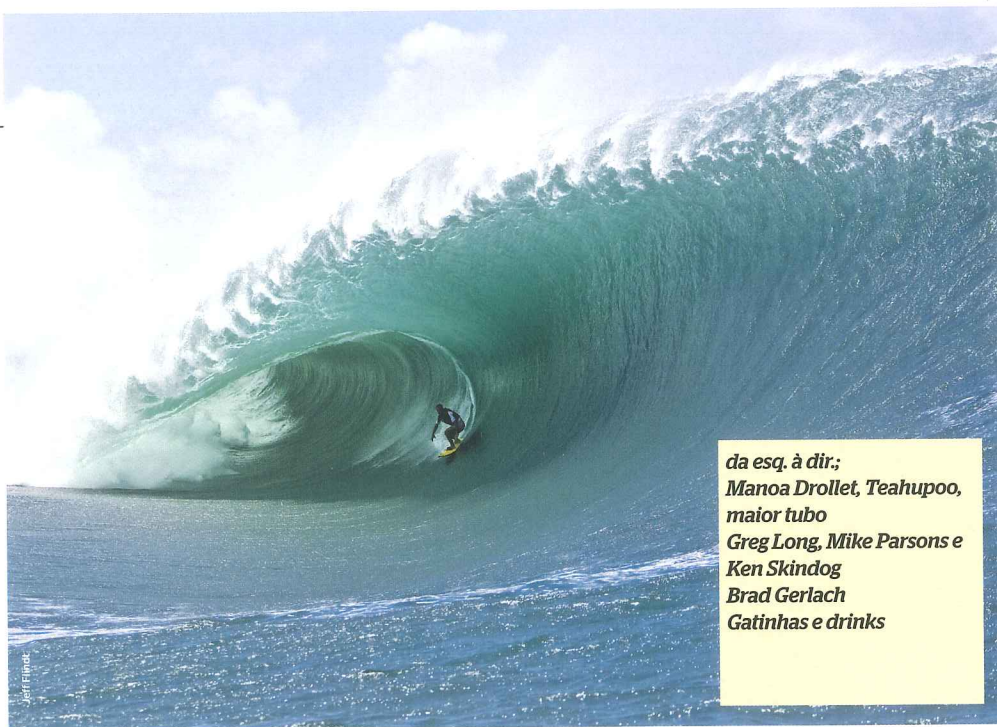
**"Não imaginei que uma sessão como esta de Cortez poderia acontecer duas vezes. Quero dizer, aquele dia especial de 2001 onde eu surfei a onda que depois ganhei o prêmio foi inacreditável", Mike Parsons**

depois o pegou, invertendo os papéis. Porém, os juizes querem ver a linha da onda completa. Se Ben Andrews fez um drop insano em Mavericks ou Mark Healy um drop de backside mais insano ainda em Todos Santos, ambos poderiam ter vencido. Mas os dois foram pegos por uma avalanche de espuma, e o prêmio foi parar nas mãos de... Greg Long. Sua onda em Todos Santos foi registrada de dentro d'água e não parecia tão grande ou pesada quanto as dos outros.

### XXL MAIOR ONDA

O prêmio XXL Biggest Wave era o principal até o ano passado, quando a Billabong mudou um pouco as regras e acrescentou uma nova categoria, The Ride of the Year, e premiou Ken Collins com US\$ 50.000 por surfar uma onda incrível em Puerto Escondido. Esse ano a escolha da Maior Onda parecia óbvia, com uma exceção. No dia 5 de janeiro, Mike Parsons pegou uma onda inacreditável em Cortez Bank, mas havia

apenas uma foto tirada de longe, e que acabou não mostrando muito mais impacto do que as outras ondas que concorriam ao prêmio. Tyler Fox e Brad Gerlach numa onda gigante em Ghost Tree, Vincent Lartizen em Belharra e Grant Baker surfando outra onda monstruosa em Cortez Bank... A onda de Belharra parecia feita no Photoshop de tão grande que pareceu a onda, que é descrita pelo octa Kelly Slater como a mais desafiadora do mundo. Mesmo de longe, a onda de Parsons parecia ser a maior, mas por ter sido fotografada de longe, deixou o público um pouco incerto. Porém, o anúncio do vencedor Parsons levou todos ao delírio. "Não imaginei que uma sessão como esta de Cortez poderia acontecer duas vezes. Quero dizer, aquele dia especial de 2001 em que eu surfei a onda que depois me deu o prêmio foi inacreditável", falou um Parsons de olhos brilhantes. "Parece surreal dizer que surfei uma onda de 70 pés, difícil de eu mesmo acreditar. As ondas gigantes estão sendo domadas.



da esq. à dir.;  
Manoa Drollet, Teahupoo,  
maior tubo  
Greg Long, Mike Parsons e  
Ken Skindog  
Brad Gerlach  
Gatinhas e drinks

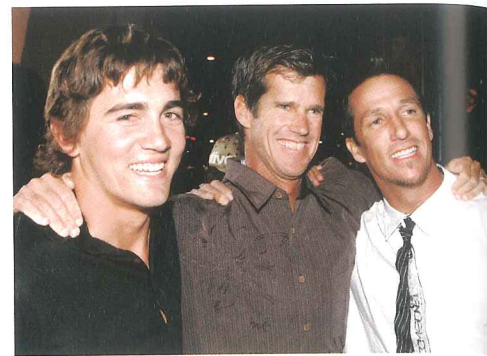
*“As garotas estavam bêbadas e foram carregadas até a porta pelos seguranças, outros tiveram que ser expulsos junto com a vontade de brigar. Nas ondas, todos estão infinitamente de parabéns, foi demais.”*

O mais maravilhoso sobre o surf de ondas grandes é a dimensão global que a busca tem atingindo.”  
Parsons recebeu um prêmio de US\$ 15.000 por ter surfado essa morranca de 70 pés, e deveria também ter ganhado um bônus por ter feito isso aos 43 anos de idade. Mike Parsons vem fazendo muito mais, vem solidificando seu nome entre as lendas do surf.

#### OSURFISTA DO ANO

Antes, o principal prêmio do XXL era o da Maior Onda de Remada. Dois anos depois, as regras mudaram e incluíram o tow-in, premiando US\$ 1.000 para cada pé somado. Essa regra funcionou bem até 2006/2007, quando a Billabong resolveu mudar novamente e direcionou a atenção para The Ride of the Year. Em 2006/2007, Ken “Skindog” Collins ganhou US\$ 50.000 por pegar de tow-in uma onda gigante em Puerto Escondido percorrendo um tubo inacreditável.  
Em 2008, os cinco indicados para The Ride of the Year foram todos XXX de intensidade. Três deles indicados por ondas em Teahupoo, num dia sinistro no mês de novembro: a onda do Ian Walsh foi a maior, a do Manoa Drollet, a mais cavada e a do Shane Dorian, a mais insana. Scott Bass descreve a onda de Dorian no [www.surfermag.com](http://www.surfermag.com): “Dorian largou o cabo de

reboque atrasado, assustando a todos, dropando no ar 6 pés até encostar na água de novo. Mas para o delírio de todos ele completa o drop aterrizando firme. A onda cresce cada vez mais na sua frente, e Dorian é quase sugado, o que seria fatal. Após desaparecer por alguns segundos, gloriosamente Dorian aparece junto da forte baforada. Levando a galera ao êxtase. Sem dúvida o dia mais louco e a onda mais horripilante do ano. Parabéns, Shane!”  
Os outros dois eram Michael Brennan, na lendária onda de Shipsterns, e a onda gigantesca surfada por Carlos Burle em Ghost Tree. Todos os indicados descreveram suas ondas num vídeo preparado antes do evento, o que foi um ótimo entretenimento para o público presente e virtual. Dorian pensou várias vezes que iria perder com essa onda e disse: “Normalmente, em Teahupoo, você traça sua linha, fixa a borda e consegue completar, mas essa onda foi realmente única. Quase caí no começo, quase caí no meio, e apenas no final a onda me pegou. Foi muito difícil porque quase fui engolido pelo turbilhão”.  
The Ride of the Year foi a premiação que gerou mais debate: a onda de Brennan foi fora do comum, a do Burle foi a maior; e dos três indicados pelas ondas em Teahupoo, a do Walsh foi a maior e mais casca-grossa e a do Drollet foi a mais cavada. Um ponto fora de Dorian foi que ele não saiu sem ser pego, saiu como que dando



uma violenta estrela olímpica. Mesmo assim, o público vibrou quando saiu o nome do vencedor.

#### FINAL

Foi isso. O espetáculo acabou às 10h30 da noite, com as pessoas saindo contagiadas no meio da agitação. O coquetel durou a noite toda, as garotas estavam bêbadas e foram carregadas até a porta pelos seguranças, e alguns outros bêbados tiveram que ser expulsos junto com a vontade de brigar que o álcool propõe. Nas ondas, todos estão infinitamente de parabéns, foi demais.

Welcome to the  
World of SEXWAX

SAC +55 12 3835-3349  
sac@sexwax.com.br

Copyright [C] 2008 I.O.MOAI Surfing Productions. All rights reserved. // Under License of SEXWAX Inc., USA





Não foi por esse motivo, porém, que uma das praias mais cantadas pelo mundo foi assim nomeada. Muito pelo contrário, suas águas sempre foram claras e piscosas. O nome da praia que é símbolo do estilo de vida do carioca, por incrível que pareça, tem suas origens em São Paulo. O responsável por tal herança foi o barão de Ipanema, dono de uma fundição situada às margens do rio do mesmo nome, num recanto do interior paulista. Foi ele quem, em 1894, lançou o loteamento Villa Ipanema, dando origem ao bairro que se tornou uma referência em cultura de praia. A fama de Ipanema correu o mundo nas vozes de Tom e Vinícius com a canção inspirada na jovem Helô Pinheiro, "a garota" carioca dos anos 60. Antes, porém, entre as décadas de 30 e 50, o point do momento era Copacabana, onde tomar um banho de mar em frente ao Copacabana Palace e depois almoçar na piscina do hotel era programa da nata carioca. No entanto, esse mesmo grupo de elegantes foi mudando de endereço em função do crowd que se instalava na Princesinha do Mar. Foi justamente no ainda inóspito Arpoador, num ponto da praia mais conhecido como Castelinho, que Ipanema começou a ganhar sua fama. Em meados dos anos 50, o castelo da família Catão, situado na esquina da Rua Joaquim Nabuco com a Avenida Vieira Souto, tornava-se o ponto mais badalado do bairro, encontro da high society, dos brotos e dos rapazes, como diria na época o colonista social Ibrahim Sued. Até hoje, mesmo depois da demolição do Castelo dos Catão, nos anos 60, o trecho da praia próximo ao posto 8 ainda é conhecido como Castelinho, onde alguns dos melhores tubos de Ipanema costumam agradecer os surfistas. É curioso como as residências da família Catão têm uma estreita relação com a história do surfe brasileiro. Na década de 70, o Solar dos Catão, em Imbituba, abrigou os pioneiros do surfe por aquelas bandas. Entre eles os cariocas Bento Xavier, Antônio Catão, Roberto Perdigão e Victor Vasconcelos. Mas enquanto alguns se aventuravam pelo sul do país nos anos 70, Ipanema ganhava uma obra que mudaria o foco das atenções do Castelinho para alguns metros ao lado: o Pier.

O surfe, a essa altura, já se consolidava entre a juventude carioca. A fase das planondas era passado consolidado pelo australiano Peter Troy, que àquela altura já dera uma aula de surfe no Arpoador. A bossa nova, sucesso internacional, exaltava as belezas das praias e das mulheres do Rio. O tropicalismo chegava conquistador.

# Ipanema

Ontem, hoje, sempre...

***Ela já foi chamada de praia de Sacopenapã, praia de Fora, praia da Canoa na Costa do Mar e praia Grande da Restinga. Mas hoje o mundo inteiro a conhece simplesmente como Ipanema, que na língua tupi quer dizer água ruim, pobre de peixe***

***fotos menores; Ipanema se tornou uma referência em cultura de praia, de gente e mulheres bonitas***

***nesta; Raoni Monteiro, no expresso Ipanema***





Ipanema era o centro dos acontecimentos. Com o aparecimento do Pier, no início da década de 70, uma nova classe de freqüentadores tomou conta de suas areias. Artistas, intelectuais, estudantes, surfistas... A vanguarda da época fez das chamadas 'dunas do barato' uma espécie de zona livre naqueles tempos de ditadura e repressão. Para o surfe foi um momento especial, pois o Pier formou um fundo perfeito para que uma geração de surfistas como Bocão, Cauli, Rico, Daniel Friedman, os irmãos Pacheco e tantos outros pudessem lapidar o surfe naquelas ondas tubulares.

Ipanema não parava de lançar moda e ditar hábitos de comportamento. Leila Diniz pode ser considerada a personificação do espírito ipanemense que influenciaria as outras gerações. Solteira, grávida, de biquíni, ela era o retrato da irreverência, da liberdade, da sexualidade, alegria e descontração que marcariam o jeito de viver dos cariocas. De fato, a criatividade e a informalidade dos trajes depois de Leila Diniz pode ser percebida na evolução que o biquíni ganhou no corpo das garotas de Ipanema. A invenção do biquíni pelo francês Louis Réard, em 1946, conquistou o mundo por meio de atrizes como Brigitte Bardot e Ursula Andress, que exibiam a novidade nas telas de cinema. Mas foi nas areias de Ipanema que o Brasil tornou-se uma referência mundial na criação dessa peça tão desejada pelas mulheres. De receptores passamos a emissores da moda. Nos anos 70, a tanga, inspirada em nossos índios, tornava-se sucesso internacional no corpo da modelo Rose di Primo. A década de 80 chegava trazendo versões como o 'enroladinho', o 'asa-delta', o de 'lacinho', de 'cortininha'... Monique Evans era a musa do momento, desfilando em Ipanema com seus minúsculos modelos, ou mesmo de topless.



E assim, a cada verão, o bairro testemunha uma tendência, uma novidade em suas areias. Suas mulheres é que teimam em permanecer lindas. Aliás, as novas gerações conseguem a proeza de ficar ainda mais belas. As ondas, por sua vez, brincam de se esconder dos surfistas. Há anos em que os tubos de Ipanema aparecem com toda a força e perfeição e há anos em que momentos assim são raros. Mas não nesses últimos tempos. O famoso beach break reviveu seus dias de glória com uma série de swells fantásticos, um seguido do outro. Dessa vez quem brincou de se esconder foram os surfistas, entocados nos cilindros que fizeram escola de tube riders como Pepê Lopes, Valdir Vargas, Guilherme Gross...

Agora, a geração formada por Marcelo Trekinho, Raoni Monteiro, Ian Cosenza e Fabiano Passos é que atacou os tubos de Ipanema com disposição. Até mesmo uma nova onda passou a ser alvo dessa turma. Na verdade não é novidade alguma, pois ela sempre esteve lá, em frente ao Castelinho, algumas centenas de metros mar adentro, sob a vista de todos. Mas nunca houve uma abordagem tão intensa e decidida sobre ela. Trata-se da laje de Santo Antônio, uma cabeça de pedra responsável pela formação de uma onda extremamente tubular, do tipo "curta e grossa". Normalmente a laje é freqüentada pelos bodyboarders, dada a maior facilidade que eles têm em dropar a onda. Os surfistas, no entanto, resolveram domá-la. Se não fosse na remada, seria de tow-in.

Era esperar o dia certo e atacar. E o esperado dia chegou. Fabiano Passos e Ian Cosenza foram tentar a sorte remando, enquanto Marcelo Trekinho e Stephan Figueiredo foram de jetski.



Após meia hora na água, muitas vacas e poucos tubos completados. Mesmo com o auxílio do jetski essa não era uma onda trivial, ainda faltava um conhecimento melhor sobre ela. Depois de tentativas fracassadas na remada, Fabiano Passos pediu para tentar uma vez com o auxílio da máquina... Lá foi ele. A onda apontou no horizonte e o ronco do motor soou mais alto. Vrummm, vrummmmm Velocidade total. Ela veio bonita. Antes mesmo de lançar sua crista, Fabiano já tinha soltado a corda e partiu decidido pro tudo ou nada. Encarou a onda de frente, colocou o bico da prancha pra baixo e entrou por detrás do lip. Fez-se um silêncio e pareceu que o tempo tinha parado ali, em pleno meio-dia, terça-feira, numa das praias mais famosas do mundo. O único barulho que consegui ouvir foi o 'clique, clique, clique' de minha câmera. A onda dobrou-se sobre ele como nenhuma outra naquele dia. Ele a atravessou de um lado ao outro com maestria, intocável, voando como uma flecha sem que uma gota d'água sequer nele encostasse. O silêncio deu lugar aos gritos, e todos vibraram com aquele momento. A essa altura, Fabiano era a felicidade em pessoa. Como prêmio, ganhou outra chance de ser puxado e fez mais um bom tubo. Em seguida, Treko também completou boas ondas antes da entrada do vento. Nos dias que se seguiram, a onda da laje perdeu consistência, em compensação o beach break ficou espetacular, com direito a tubos, vacas, pranchas partidas, sorrisos, pôr-do-sol e aplausos. Este foi o primeiro ataque de surfistas devidamente registrado na laje de Santo Antônio, e não resta dúvida que outras investidas serão feitas, principalmente na onda para a esquerda. Portanto, Ipanema ainda reserva outras novidades e surpresas pela frente. Sempre...

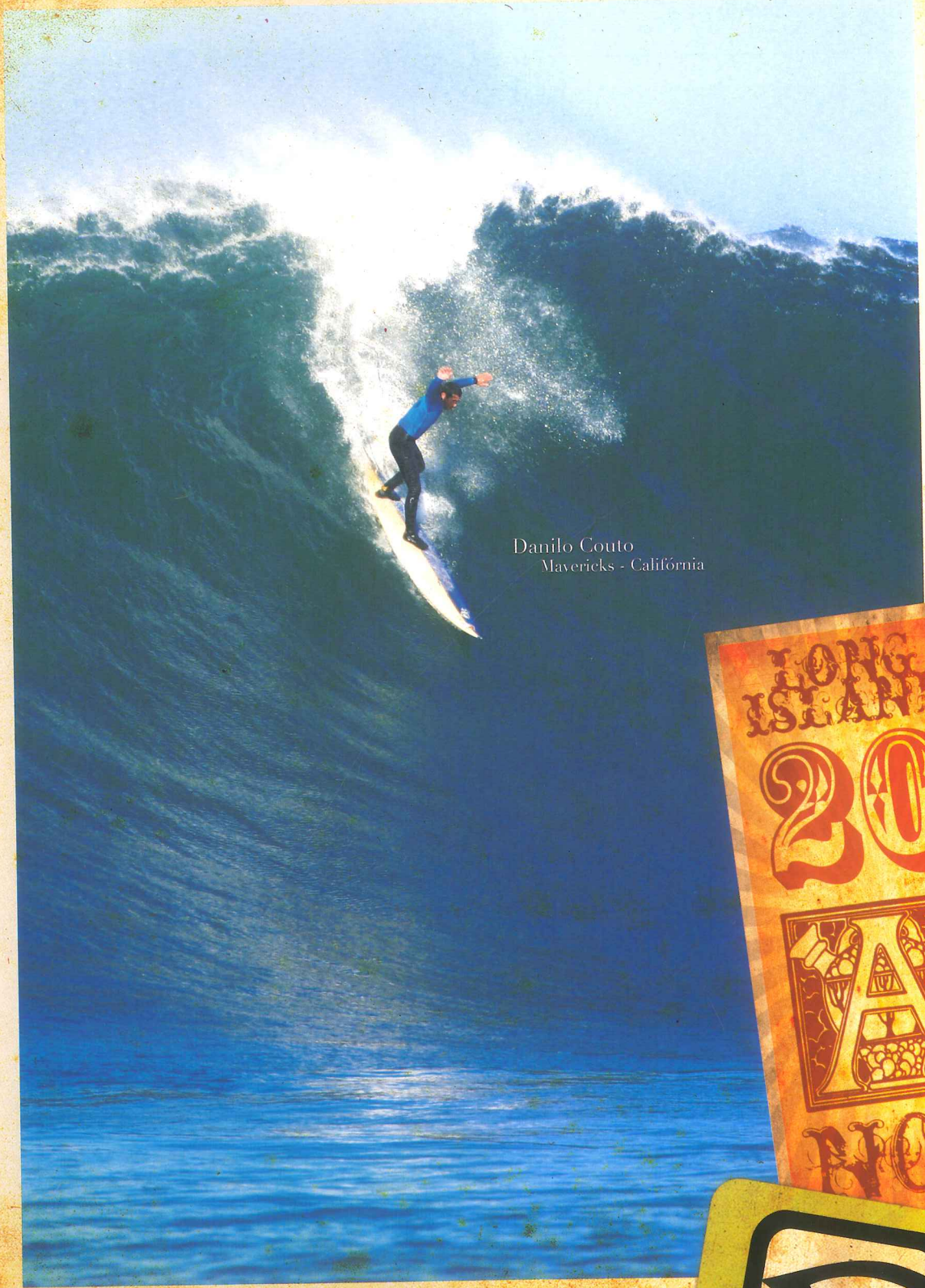


**nesta pág.; foto maior, Marcelo Trekinho, experimenta sorrisos, pôr-do-sol e aplausos**

**acima; Arpoador e praia ao lado; calçada life style**

**seq; Raoni Monteiro**





Daniilo Couto  
Mavericks - Califórnia



[LONGISLAND.COM.BR](http://LONGISLAND.COM.BR)





## SURF Y DESTRUCCIÓN

# FÚRIA ESPANTOSA

O dia 11 de março de 2008 será lembrado como o de maior swell da história que já quebrou sobre a costa norte da Espanha.

*"Em San Sebastián, no País Basco espanhol, quase na fronteira com a França, o gigante swell arruinou as estruturas das praias, destruiu deques e ruas, que ganharam um indesejável, neste caso, banho do mar."  
Ibon Maza, surfista espanhol*

*As ondas estavam absurdamente fortes e perigosas, exatamente como as insistentes previsões alertavam as autoridades nos dias que antecederam tal manifestação natural.*





à esq.; a busca por ondas grandes foi a tônica do swell

nesta; a tempestade trouxe diretas como esta em Malkorbe, em Getaria

abaixo; fúria espanhola



# KUSTOM



PARKO

Você encontra Kustom nas melhores Surf Shops do Brasil e nas Lojas Billabong:  
Oscar Freire | Shopping Morumbi | Barra Shopping | Shopping SP Market

Joel Parki



O dia 11 de março de 2008 será lembrado como o de maior swell da história que já quebrou sobre a costa norte da Espanha. As ondas estavam absurdamente fortes e perigosas, exatamente como alertavam as insistentes previsões das autoridades nos dias que antecederam tal manifestação natural.

Acompanhadas de umã fortíssima tempestade, as ondas explodiam com violência sobre qualquer coisa que aparecesse pela frente, fossem bancadas, outsiders, insides ou áreas costeiras. Com intervalos de 20' e 22' segundos, as cidades litorâneas da região começaram a ficar assustadas no começo da tarde do dia 10. Fortes rajadas de ventos sopravam ao mar, criando uma espécie de infantaria montada de séries de ondas. Mas foi durante a noite que o mar mostrou a sua fúria.

No início da manhã, o pânico tomava conta da comunidade caiçara, e os membros da defesa civil corriam de um lado para o outro atrás de medidas de segurança por toda a orla marítima. Com a maré alta, as ondas proporcionavam, além de destruição, boas sessões de tow-in para os surfistas que esperavam por isso, e que estavam mental e fisicamente preparados, sedentos por grandes paredes surfáveis.

Na costa do País Basco, no momento mais forte do swell em tamanho e período, as ondas começaram a devastar tudo desde as primeiras horas do dia. Na bóia de Pasajes, algumas ondas chegaram a passar com cerca de 12 metros. Em outro ponto, mais para o meio do oceano, na bóia Bilbao, registros de ondas ainda maiores. Outra bóia, a de Villano, mais para o noroeste da Espanha, morras de 45 pés foram registradas nas medições, de ondas que depois quebraram sobre as praias, devastando tudo que se opunha à sua força.

Com essas condições de swell ganhando força e deixando o mar cada vez maior, provavelmente a noite havia ondas de 60 pés em lajes em alto-mar que não foram alcançadas por causa das incontroláveis condições.

Por outro lado, o swell não estava tão alinhado para o surf. A ventania também, dificultou o acesso à Playa Gris, uma das ondas cobiçadas pelos big-riders, pois o pico está sendo apontado como um dos que suportam grandes ondulações e podem colocar os surfistas em busca dos prêmios dos XXL Big Wave Awards.

Como exemplo da busca, o surfista espanhol Axi Muniain, nomeado no ano passado como o melhor surfista de remada do XXL, surfou com a ajuda do jetski e da experiência, e pegou boas ondas.

O resto da galera surfou em Karramarro, uma esquerda protegida perto de Zarautz, um dos epicentros do temporal. Mas a maioria dos melhores surfistas estava em picos que nunca foram surfados antes, ou que foram surfados poucas vezes. No conjunto da combinação de fatores, como na praia de Malkorbe, em Getaria, as ondas quebraram meio que esquisitas, desordenadas, mas, fizeram a cabeça da comunidade do surf espanhola. E esse grande swell também trouxe boas ondas para os países vizinhos, como França e Portugal.

Em San Sebastián, no País Basco espanhol, quase na fronteira com a França, portanto perto da cidade basca francesa de Saint-Jean-de-Luz, o gigante swell arruinou as estruturas das praias, destruiu deques e ruas, que ganharam um indesejável, neste caso, banho do mar.

**acima; surf em Karramarro, uma esquerda protegida perto de Zarautz, um dos epicentros do temporal**

**foto menor; As águas invadiram hotéis à beira-mar. Resultado, prejuízo de 12 milhões de euros**

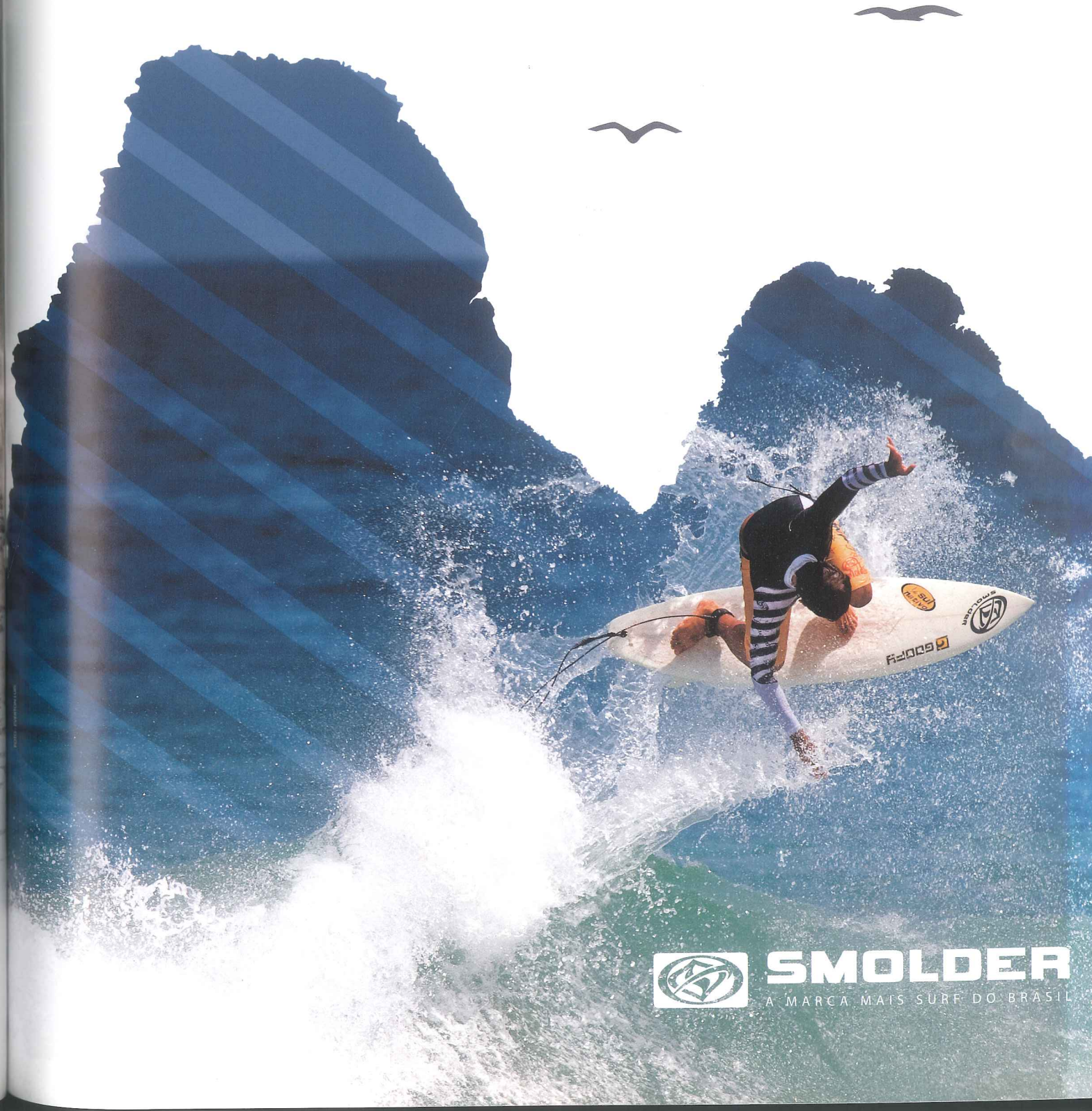


As águas salgadas invadiram hotéis à beira-mar, cafés, prédios, garagens e shoppings, arrastando carros e árvores. Como resultado, um prejuízo estimado de 12 milhões de euros.

As ondas também inverteram os fluxos d'água, como ao longo do curso dos rios Bidasoa e Urumea, causando estragos estruturais em pontes e passagens que chegam a se situar mais de um quilômetro adentro da costa.

Surf e destruição! Esse grande swell chacoalhou e balançou as estruturas da região, mostrando a verdadeira fúria espanhola e causando todos os tipos de reações, da euforia ao medo. Foi, sem sobra de dúvida, o mais forte swell registrado neste tempos de bóias em alto-mar. Bom para o surf espanhol, que já espera pela próximo grande swell.

MARCIO  
**FARNEY** | SMOLDER TEAM



 **SMOLDER**  
A MARCA MAIS SURF DO BRASIL



## *Um dos berços americanos do surf*

**A Flórida chega a ser surpreendente para o surf. Lugar não muito conhecido por ondas, ganha a simpatia de moradores e visitantes por ser um estado onde as coisas funcionam, e funcionam bem. A costa sudeste dos Estados Unidos, próxima de Cuba e do Caribe, comporta, além das mundialmente famosas Miami e Palm Beach, somadas aos sonhos consumistas de Orlando e St. Petersburg, opções de ondas dos dois lados do mapa. Na costa do Atlântico, no leste, os picos de surf mais conhecidos, como Cocoa Beach, ditam o ritmo. Já no golfo do México, a oeste do estado, o mar sobe mesmo quando entram os furacões, onde as coisas não acontecem por acaso, muito menos títulos mundiais.**



*Ícones do estilo Florida na foto maior; ruas de Miami Beach, pranchas de surf e skate, um dos berços boardsports americano acima; Kelly Slater, maior ídolo do estado; Mulheres e surf, jeito de ser*

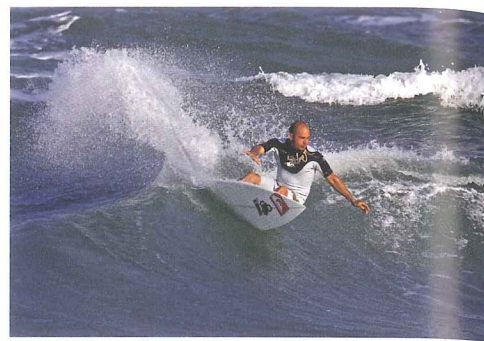
### **SURF POINTS, ONDULAÇÕES E CULTURA**

A costa sudeste oferece muitos picos de surf em água quente, sendo que as melhores ondas encontram-se ao sul de Cabo Canaveral, estendendo-se até Miami, no filé-mignon de 30 milhas de Cocoa Beach a Melbourne, todos picos colados uns aos outros. As épocas boas vão de outubro a março, e em janeiro o agito fica por conta do QS de Sebastian. Celeiro de grandes campeões mundiais de surf, nomes como CJ e Damien Hobgood, Gabe Kling, Cory Lopez e o octa Kelly Slater, garantem a honra e o prestígio do estado detentor de 9 títulos mundiais nos últimos 15 anos. Os oito canecos de Slater, mais um do perfil americano CJ Hobgood, colocam a Flórida em evidência. Quais são os segredos!? Poucos sabem tão bem sobre tais fatores. Mas uma certeza paira no ar,

organização e trabalho de base para os atletas parece essencial. Projetos pioneiros de técnica de manejo de costa e criação de fundos artificiais também são outras facetas. Muitos picos conhecidos por ondas, entre eles a já citada Cocoa Beach, terra natal de fenômeno Kelly Slater, desmistificam e superam qualquer padrão de performances e conquistas. Mas outras praias também dão as caras. Playa Linda em Cabo Canaveral, Melbourne, Spanish House, Sebastien Inlet (uma das preferidas dos flóridianos), Monster Hole (pra galera do tow-in), Vero Beach (de frente para o Disney Resort Hotel), Fort Pierce Inlet State Park, Jupiter, West Palm Beach, Deerfield, Delray, e Red Reef (em Boca Raton)... Aliás, as melhores ondas estão acima de Boca Raton em função do bloqueio que as



RAQUEL BENEDET



**foto maior; perfeição, existem muitos secrets na Florida, este em Sebastian abaixo à dir.; CJ Hoobgood, rasga Sebastian Inlet**  
**foto menor; CJ, Hangers seq.; Kelly Slater, octa, treina forte em um dos picos de Cocoa Beach**



#### ECOLOGIA E ESTRUTURA

Bahamas fazem ao sul da Flórida. Com sorte, em Boca, prêmio e surf ao lado de Slater, Machados, Hobs, Campbels e cia. Tem também a South Beach em Miami, clássica na combinação de swell de norte e furacão. Ir surfar na Flórida é não arriscar a investida, a não ser que você seja um legítimo caçador de tornados, pois a costa do Golfo tem sessões esporádicas. Já no Atlântico, as opções parecem mais diversas. Quando desce a frente fria de Nova York com ondulação de norte, as ondas viajam perfeitas até quebrar em muitos dos beach breaks. Fica a opção de uma rápida e barata surf-trip até Barbados, Porto Rico e América Central. Kelly, chegou a comentar que certa vez que, as ondas do lugar onde cresceu não o ajudaram muito, e que o grande desafio de sua carreira foi se dar bem nas grandes, mas que a base estadual da Flórida está intrínseca na sua evolução.

A estrutura das praias da Flórida é algo incrível. O visitante percebe de imediato o cuidado com a integração que os municípios têm com a flora local e suas origens, a preservação e a valorização da cultura e da fauna. Em alguns parques existe tecnologia wi-fi, e os estacionamentos estão preparados para oferecer segurança e confortos básicos aos banhistas, com sinalização e conveniências, satisfação, um verdadeiro respeito ao turista e ao usuário diário. A Flórida sugere sol, mar límpido, praias cheias de palmeiras, estâncias de luxo, parques temáticos e compras, destinos de férias de Palm Beach a Key West, que recebe 40 milhões de turistas ao ano. A vida noturna e os locais da moda, como Miami, que nunca sai de moda, exibe a rica influência cultural da enorme população de origem cubana, visível na atmosfera colorida de bairros como Little Havana, só para citar algo fora do segmento. Na praia, o luxo é aproveitar as águas do Atlântico.

#### ESTILO DE VIDA

O estilo american soul surf de ser, que antes remetia à Califórnia, faz parte hoje do cotidiano de quem mora na Flórida. A qualidade de vida na costa leste é absurda, desde o glamour dos canais repletos de iates e veleiros, até mesmo o saudável trânsito de muitas vias de acesso, sempre limpas e organizadas, digamos, com direção educada e prazerosa. Passeios luxuosos e investidas em grifes do mundo pop podem ser um atrativo, além do ar livre, belas mulheres e família.

**foto maior; crista perfeita em Cocoa, facetas da Florida**  
**foto menores; secrets, segredos dos locais, mulheres nas areias de Cocoa, beleza americana**



RAQUEL BENEDET





#### FLORIDASKS

O skate é sem dúvida o esporte radical mais praticado nos Estados Unidos. Os atletas são verdadeiras celebridades. Um astro dentro de um shopping, nas rampas ou até mesmo na TV para a cidade jovem.

Na região de Boca Raton, o Skatepark Olliwood, de propriedade de Alan Ollieguelfempaum, inventor da emblemática manobra chamada 'ollie', isto em meados em 1980, comporta uma espécie de sociedade secreta do skate. Em Olliwood só anda fera; rampa preferida dos grandes, como Tony Hawk, Bob Burnquist, estrelas da TV, cinema e da música, que costumam levar seus filhos para curtir o dia. Alto nível.

Para se ter idéia, muitos quintais floridianos guardam rampas e halves de até 4 metros de altura, como na casa do skatista Chris Guilphoose, respeitado nome dos EUA. Muitos outros lugares também remetem ao skate, como o Vans Skate Park, dentro do shopping de Orlando, o Skate Park de Cocoa Beach, de propriedade de Mike Rogers, e a fundação Grind for Life.

#### SURFBUSINESS

A grande variedade de produtos nas surfshops impressionam. Com dólares na mão, o quiver dos sonhos com as melhores pranchas do Hawaii, Austrália e EUA pode ser realizado. Roupas de neoprene a preços inacreditáveis, roupas, calçados e acessórios mexem com o ânimo de qualquer um, pois se a qualidade das ondas locais não é tão constante, a oferta é incrível. Quase nos deslumbrando com tantas opções, duas lojas chamam a atenção. A primeira delas é a Cocoa Beach Surf Company, umas das maiores lojas especializadas dos EUA, localizada na Atlantic Avenue – um breve comentário: sair do Brasil com os endereços em mãos e um GPS no bolso pode ser uma ótima dica para quem pretende essa aventura e acertar na mosca.

Ao leste, a megaloja Ron Jon e surf butiques menores, tais como a Goods Surf & Skate, dos irmãos Hobgoods, são um chamariz para passeios, todas sempre apresentando algo diferenciado. Esse conceito de surf butique é algo bem diferente do convencional a que estamos acostumados. De arquitetura interna peculiar e decoração glamorosa, de marcas fashion, quebram a relação única de prancha, equipamento, bermuda, t-shirt e pôster. Essa é uma das características das lojas, que oferecem também um amplo mix de opções ao público feminino e de equipamentos, que estão na vanguarda do surf, kno-how das muitas viagens e análise das tendências de mercado, na visão de quem está acostumado a trabalhar por resultados.



**Cenas da Florida, foto maior; half no quintal da casa, hábito comum fotos menores; à esq.: Ronnie Giesing, dropando Circle Road, Jesen Beach acima; surf bussines e surf pool, estrutura americana**

#### SURF POOL DISNEY

Imagine poder locar um point e fazer uma session exclusiva com seus amigos... Em Orlando isso é possível. Piscina com ondas dentro da Disney permite até um surf noturno, escolhendo inclusive se para direita ou à esquerda.

Com uma incrível infra-estrutura, o surf park conta com três piscinas, vestiários, surfshops, quiosques, espaços vip, telões, palco para shows e restaurantes, e é capaz de produzir ondas de até 1 metro de boa formação e número de surfistas limitados a cada sessão. Tudo muito bem controlado por computador.

Orlando é mesmo um sonho de consumo de entretenimento e diversão para todos os gostos. Nos arredores, Walt Disney World Resort, Universal Studios e o Sea World and Discovery Cove são os destinos mais procurados. Esses grandiosos parques temáticos oferecem conforto e conhecimento, mais as boas aventuras marinhas, que também hospedam a NASA em Cabo Canaveral, ponto de partida da histórica viagem à Lua, que sugere um interessante passeio pela agência espacial norte-americana.

Na Flórida é assim, o mundo onde parece que tudo é possível.

## Boardshort

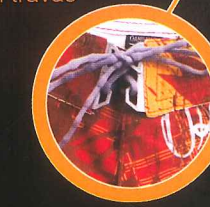
Estampa assinada pelo Atleta



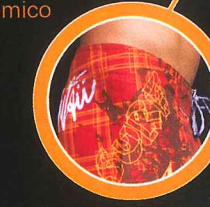
Exclusivo porta chave à prova d'água



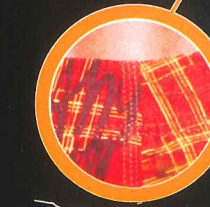
Cadarço com travas



Cós Anatômico



Costura Tripla reforçada



Ref.: 21530

Ref.: 21221



**SERIE ATLETA** Mares Polo  
Testado e Aprovado

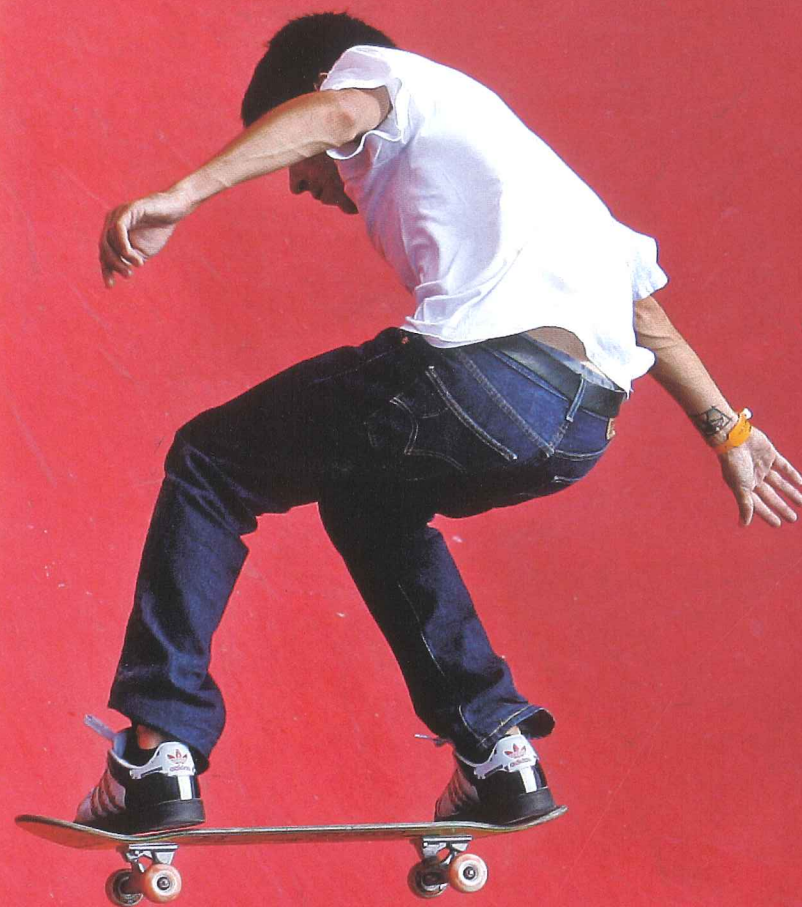
[www.h1surf.com.br](http://www.h1surf.com.br)





**"Não existe sorte, existe Deus"**

**S**ão com essas palavras que começo a escrever essa história, mais uma de muitas que ainda estão por vir. Com trabalho fotográfico reconhecido no mundo do skate, parto rumo a Califórnia para por lá ficar de vez, entre homens e mitos, na lendária terra dos Z-Boys, numa mudança de busca pelo melhor. E com muita honra vou mostrar aqui, a convite da Alma Surf, por meio de palavras e imagens, um pouco da cena skate que rola no mundo hoje, destaque à meca Los Angeles, com amor, olhar, respeito e coração, pois é dele que vou falar, o causador dos sentimentos puros, aqueles que são capazes de nos fazer chorar de alegria. Graças a Deus eu sou feliz, sou um skatista de alma.



# Skateboarding

Muitas sessions já rolaram nesse paraíso de concreto em Floripa, muita gente andou e muita gente fotografou. Esse ângulo estava guardado como um secret, esperando sua hora de ser anunciado. Ricardo Pinguim, b/s ollie



da esq. à direita;  
Palms Prings, em busca de  
um pico no deserto  
Cristian Hosoi, a lenda  
Bennet Harada, f/s air

Lake Forest, CA, onde  
tudo começou, nas pools,  
respeite

foto maior; Daewon Song,  
eleito melhor skatista do  
ano de 2006, numa hora  
de descanso, num portrait  
em seu pico favorito,  
San Pedro Skate Park, LA...

#### FAZENDO LIMONADA

No tour City of Dogs, que aconteceu no Brasil no final de 2007 com atletas da DVS, e assim batizado em homenagem ao filme Cidade de Deus [City of God], fui premiado com uma exclusiva de fotos e entrevista com o ídolo maior do skate, o coreano residente na Califórnia Daewon Song, que depois seria publicada na revista Tribo Skate e em outros veículos gringos. Só que, dias antes do tour, o pai dele faleceu, e, com o Song totalmente introspectivo, fiquei meio perdido na barca, mirando meu foco nas fotos casuais. Acompanhei a equipe durante a estada em Porto Alegre, primeira cidade por onde o tour passou. Fotografei muito, e, no final de cada sessão, olhávamos as imagens que eu tinha captado. Com o interesse dos caras pelo meu trabalho, mostrei também imagens do meu portfólio, com fotos do Bob Burnquist, Danny Way, Ray Barbie, Andrew Reynolds, Christian

Hosoi, com arte e devoção às lendas, que é da minha índole ao esporte que amo. Para minha surpresa, com a indicação dos gringos, fui convidado pelo team manager da DVS para cobrir oficialmente o tour para a revista The Skateboard Mag, substituindo o renomado fotógrafo americano Giovanni Reda, que a partir dessa mudança de planos não viria mais ao Brasil. Eu já tinha conquistado algum espaço na mídia estrangeira, mas esse convite superou meu positivismo. Como todos sabemos, furar o bloqueio americano, às vezes, parece impossível. Resultado: muitas fotos publicadas em destaque e meu trabalho em evidência naquela que pode ser considerada a mais influente revista do mundo do skate. Na América é muito difícil entrar no mercado. Mas, se você é reconhecido como um bom profissional, oportunidades não faltam.

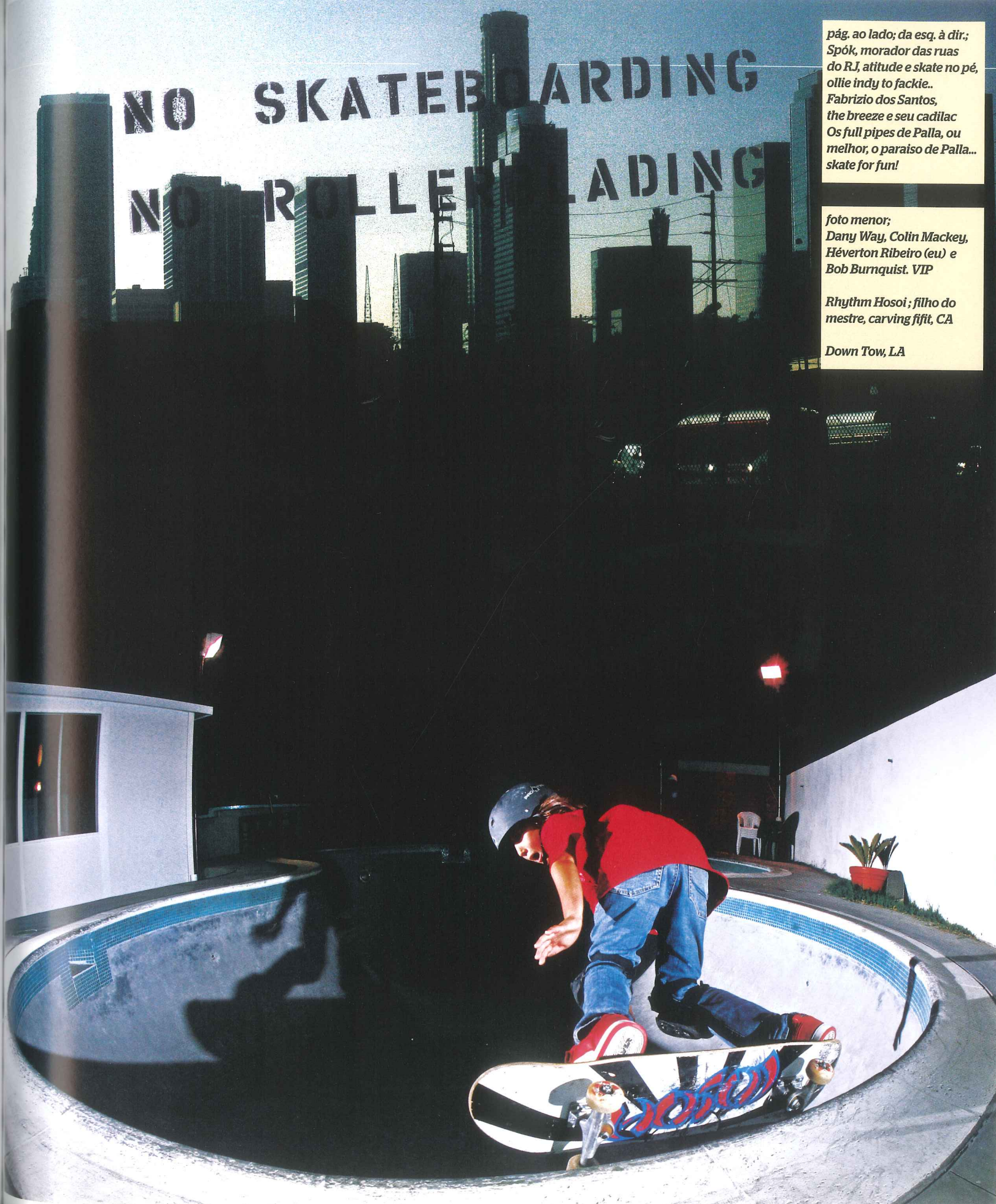
Quando viajei pela segunda vez para os Estados Unidos, fui ao galpão da Girl chamado de Warehouse, na companhia do considerado skatista nicaraguense Chico Brenes, para assistir a um novo filme com o lendário Rick Howard, que é meu ídolo de admiração mútua. Nessa mesma viagem, o editor-chefe Jamie Owens, da Skateboarder Magazine, um outro conceituado veículo do mundo do skate, me disse para aparecer no QG da revista, e na visita mostrei para ele uma foto do brasileiro André Genovesi. Reconhecimento! A foto foi capa da edição de dezembro 07 da revista, contemplando minha energia. Pude sentir uma luz intensa e na seqüência veio o convite para trabalhar na famosa Skateboarder Magazine. Um sonho. Agora, estou indo para Los Angeles...



**A VIDA NA MECA**

Não é à toa que todo mundo que anda de skate almeja ir para a Califórnia. Aliás, na Califórnia todo mundo tem uma ligação com o skate, ou pelo menos é simpático a ele. Antes de ir aos EUA, eu achava que as coisas eram difíceis, porque é lá que todo mundo está, os melhores skatistas e as melhores revistas, os melhores cineastas, os filmes, as marcas, os equipamentos... Enfim, tudo o que há de melhor ligado ao universo. E, quando se chega às ruas, dá para sentir que o lugar respira o feeling do skate. Só quem pisa naquele pedaço do mundo consegue sentir a vibe skateboard que existe no berço do skate e do surfboard.

Em São Francisco, no Downtown, é normal ver senhores de 70 anos passeando com longboards, crianças de 5 anos dando flips para todos os lados, na pista, andando em pools... Skates e skatistas são os seres mais comuns em meio de americanos, mexicanos e miscigenados. A Califórnia aspira e inspira os boardsports. Passei por praias famosas da história do skate, onde o esporte começou a se formar.



*pág. ao lado; da esq. à dir.; Spók, morador das ruas do RJ, atitude e skate no pé, ollie indy to fackie.. Fabrizio dos Santos, the breeze e seu cadilac Os full pipes de Palla, ou melhor, o paraíso de Palla... skate for fun!*

*foto menor; Dany Way, Colin Mackey, Héverton Ribeiro (eu) e Bob Burnquist. VIP*

*Rhythm Hosoi; filho do mestre, carving fifit, CA*

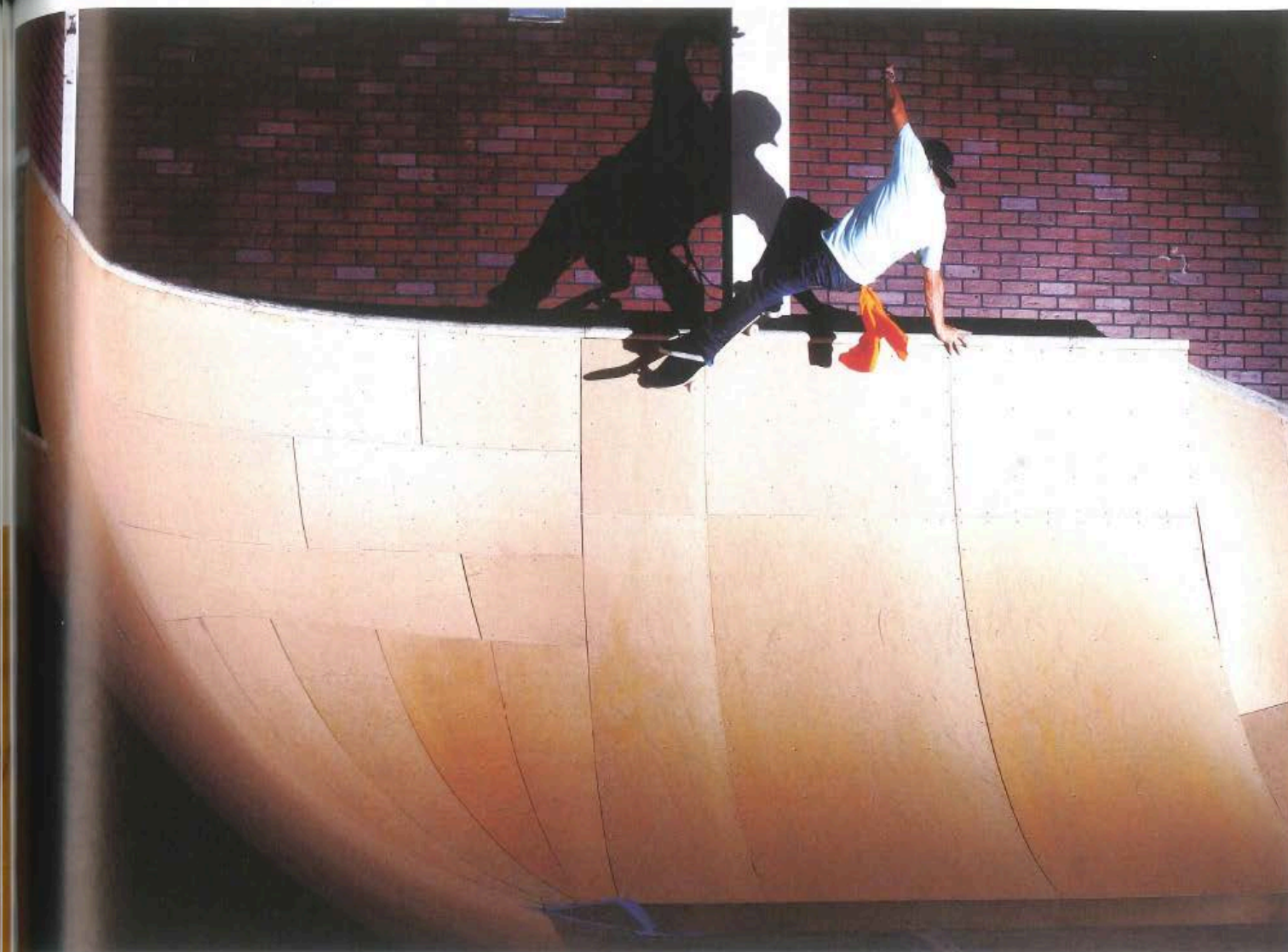
*Down Tow, LA*



Hoje, obviamente, as coisas estão bem diferentes, tudo é mais profissional. Mas, na areia da praia, é exatamente o que o histórico documentário Dog Town and the Z-Boys mostra: muito surf. Todo mundo que vai à praia quer pegar onda. Mas todos sabem andar de skate. No embalo, o skate vira um meio de transporte para sair da praia a lugares próximos, ou o veículo para se chegar à praia. Tem as piscinas, na mais pura essência do skate. Muitas vezes, mesmo sem ter ninguém andando, como num sonho eu escutava o barulho dos eixos nos copings e o barulho das rodas. É impressionante a energia! Uma das pools mais famosas que visitei foi a do Pink Motel, onde foi filmada uma parte do vídeo The Search for the Animal Chin, da lendária equipe dos anos 80 Powell Peralta. Andei na Pálla, que também é bastante famosa pelo hábito das pessoas acamparem lá até hoje. Churrasco, diversão e skate a semana toda. Em termos de skate profissional, pode-se ganhar muita grana, fama e respeito. Porém, como todas as profissões, a cobrança também é profissional. Quem não está disposto a pagar o preço do trabalho fica de fora do game, mas isso não quer dizer que o cara precise parar de andar de skate. Tem espaço para todos os estilos e cabeças, vai no impulso.

Os brasileiros, os cabeças, se dão bem. Cada um tem seu corre, e mesmo à distância rola uma irmandade. Nos núcleos de imigrantes brazucas tem as referências de nosso país, principalmente artes e sons, e os gringos sempre estão atrás. Tem muita coisa brasileira nos iPods dos skatistas de L.A. Rangos típicos, só às vezes. A ausência fica por conta do pão francês, mas dá pra se virar, afinal, somos brasileiros.

nesta; Garret Hill, sujo e fedido em Laguna Beach, skatista consagrado nos Estados Unidos ao lado; Cristian Hosoi, dispensa comentários. Influenciou e influência caras como Bob, Ueda e Dany Way. O skate é parte do corpo. Lay Back Smith!



#### HOMENSEMITOS

Tive a honra de fotografar todas aquelas lendas, tais como Richard Mulder, que simplesmente estrela todos os vídeos da Girl e da Chocolate, gigantes do segmento. Caras como Bob, Hosoi, Danny Way, Barbie, têm uma aura absurda. Você se sente bem só de estar ao lado deles. Mesmo quieto sem falar nada já está bom. Estar junto dos ídolos é engraçado, é como ter um filme passando pela cabeça com as cenas do que eles fizeram pelo skate. E a vibração é única e sem distinção. Acho que o meu modo de trabalho produtivo favorece isso também. Na maioria das vezes, a sessão não acaba naquela foto, e sim na própria sessão. Numa dessas, o mito Hosoi iria andar só um dia, mas acabamos andando a semana inteira. Uma vez fui com o Gian Naccarato, a Letícia Bufoni e o André Genovesi numa pool em New Port Beach. O Hosoi chegou com o filho mais velho, Rhythm, vindo da casa do Lance Mountain, onde haviam passado a tarde num churrasco. O moleque nunca tinha andado em pools, e foi nessa sessão que ele deu o primeiro drop em uma piscina de verdade. Chegou meio receoso, colocou o tail na borda e ficou uns 5 minutos olhando para

o pai, que estava sentado sobre uma cadeira. Quando colocou o pé pra trás e logo em seguida deu aquela respirada funda, não tive dúvidas: É foda, é o filho do mestre! Eu fui o primeiro a fazer fotos do Rhythm numa piscina. Hoje, talvez, eu não tenha a noção do que isso significa, mas isso eu deixo para a história contar mais pra frente. Dom! Após 5 minutos ele já passava de carving grind por cima dos degraus e continuava na linha, sob o olhar orgulhoso do paizão Hosoi. Essa sessão foi diferente, porque estavam na borda nomes consagrados. Quem dominou a sessão foram as crianças Hosoi e Bufoni, que, por enquanto, apenas curtem a vida, sem se dar conta do que terão daqui a alguns anos no mundo do skate... O Daewon Song também é sempre muito simpático. Certa vez, quando saímos para fotografar, ele tirou o shape do final da sessão, fez uma dedicatória e me presenteou. Depois, me mandou um e-mail dizendo que ia usar uma foto encartada nos decks dele e na capa de um DVD promo. Fiquei orgulhoso. Só tenho que agradecer a confiança e os ensinamentos. O Bob também sempre me ajuda, é uma lenda mais recente dos anos 90, mas, por ter inspirado muitos, se enquadra nessa

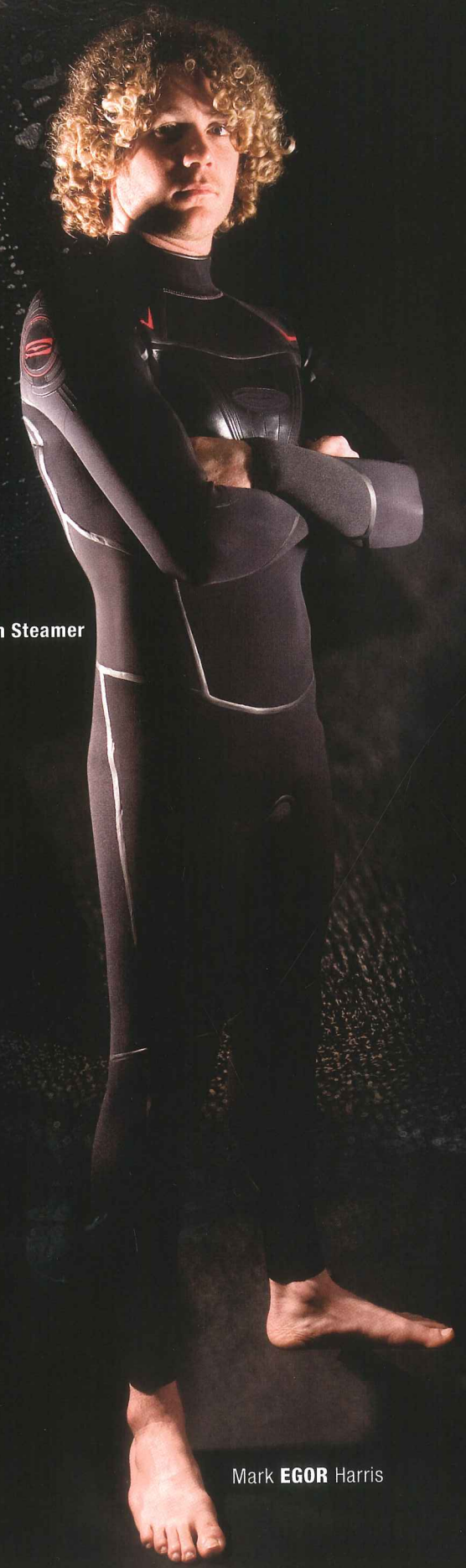
linha das lendas de todos os tempos, por tudo que já fez e ainda vai fazer pelo esporte.

#### MUDANÇA DE VIDA

Mudanças são bem-vindas. Elas nos desafiam e colocam nossos sonhos em um patamar acima de onde estamos agora. Os desafios nos fazem pensar se é realmente isso que queremos buscar. Estou de malas prontas para encarar mais esse desafio que está se pondo à minha frente. Sei que a vida na Meca do skate é um sonho pra mim, e tenho consciência do preço a pagar para entrar no game. Mas nada disso importa agora, vou curtir. Planejei todo o ano de 2007, e é a hora de pôr tudo em prática. Estou conquistando meu espaço e sinto que chegou aquela hora que sempre antecede uma importante mudança na vida: uma porta se abre, e do outro lado dessa porta estão nossos sonhos, desafios e a vida. É a hora da escolha, a decisão é imediata, passar ou ficar, como num tubo de surf, antes dessa porta se fechar. A minha decisão está tomada e na altura da publicação desta matéria, eu já estarei lá, buscando meu sonho e não lançando minha sorte, pois, como costumei dizer: "Não existe sorte, existe Deus".



Profile 3/2mm Steamer



Mark EGOR Harris

Você encontra



CARAGUATATUBA-SP



TAUBATÉ-SP



TORRES-RS



RIO DE JANEIRO-RJ



SANTOS-SP



FLORIANÓPOLIS-SC



surf shop  
FLORIANÓPOLIS-SC



RIO DE JANEIRO- RJ



SANTOS-SP



Surf Shop For Real Surfers

SÃO PAULO-SP



**DKS**  
DURABLE KNEE SKIN  
HIGH ABRASION RESISTANCE - FULL FLEX

**LIQUIDSEAM**  
ULTIMATE WATERPROOF SEAM SEAL

**PRO NECKY**  
SINGLE LAYER NECK SEAL

**SMOOTH-SKIN**  
BODYZONES

**TITANIUM**  
NEOPRENE  
REFLECTS THE TRANSMISSION OF BODY HEAT BACK IN

**XFLEX**  
SUPREME NEOPRENE FLEXIBILITY



# Salão do SURF

O Surf é um salão de moda.

Com tanto estilo e comportamento, surfistas de todos os cantos do planeta criaram roupas, óculos, calçados, acessórios, um casting completo para quem quer viver o surf da cabeça aos pés, tudo isso só para viver do que se ama.

Neste editorial de moda, uma pequena mostra do que teremos no Salão Internacional do Surf, evento que acontecerá com a V Mostra Internacional Lui Lui da Arte e Cultura Surf, o IV Festival Internacional Osklen de Cinema Surf e o III Festival Billabong de Música.

Arte, cinema, música e moda surf: Festiv'Alma Surf 2008.

Salão Internacional do Surf, na Bienal do Ibirapuera, de 9 a 12 de julho, das 13 às 17hs, somente para convidados. Se você for profissional do segmento, não perca!

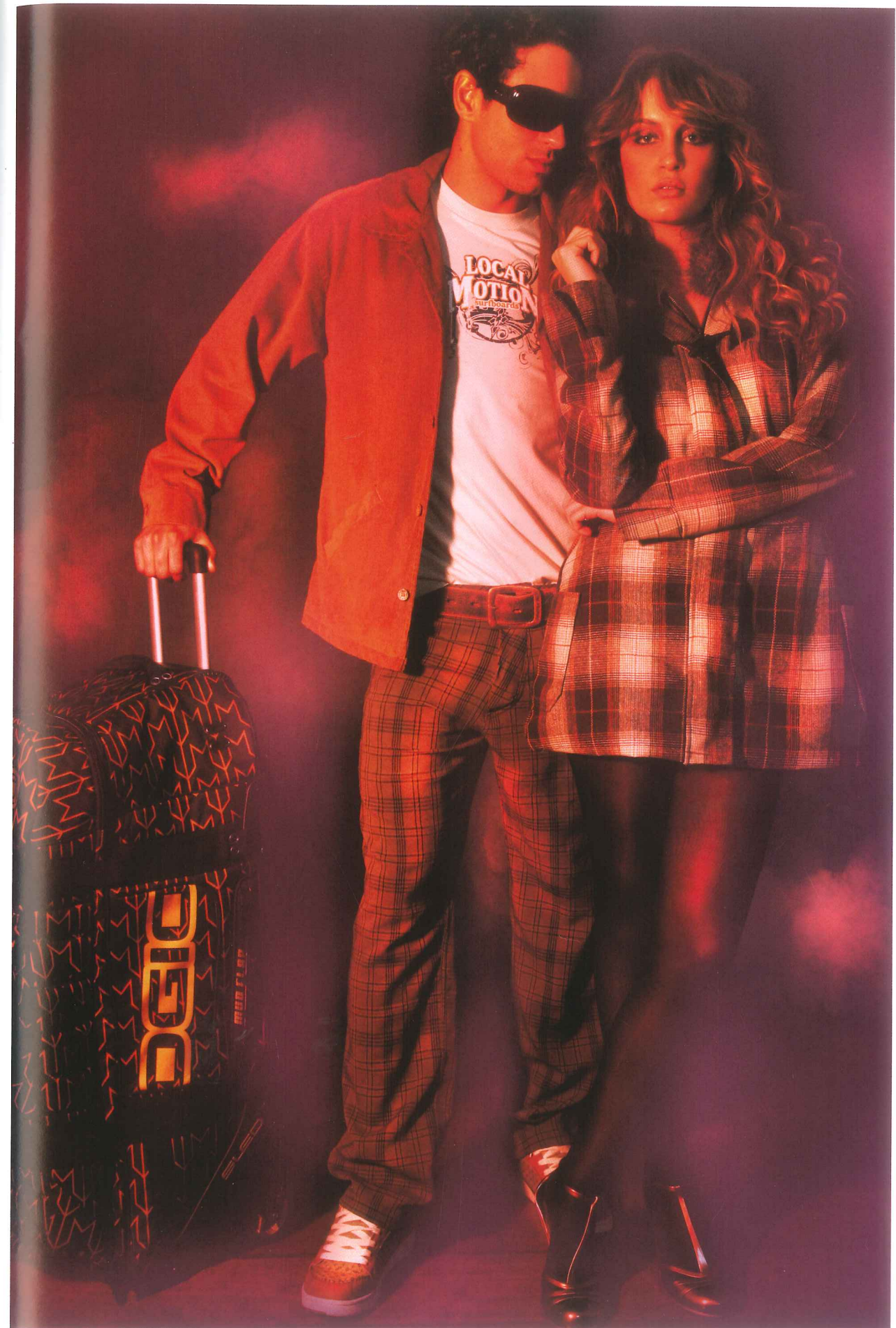
Romeu Andreatta

fotos Flávia Saraiva

Rayana veste  
casaco Osklen,  
blusa Santa Maria,  
short Santa Maria,  
galocha Madri.



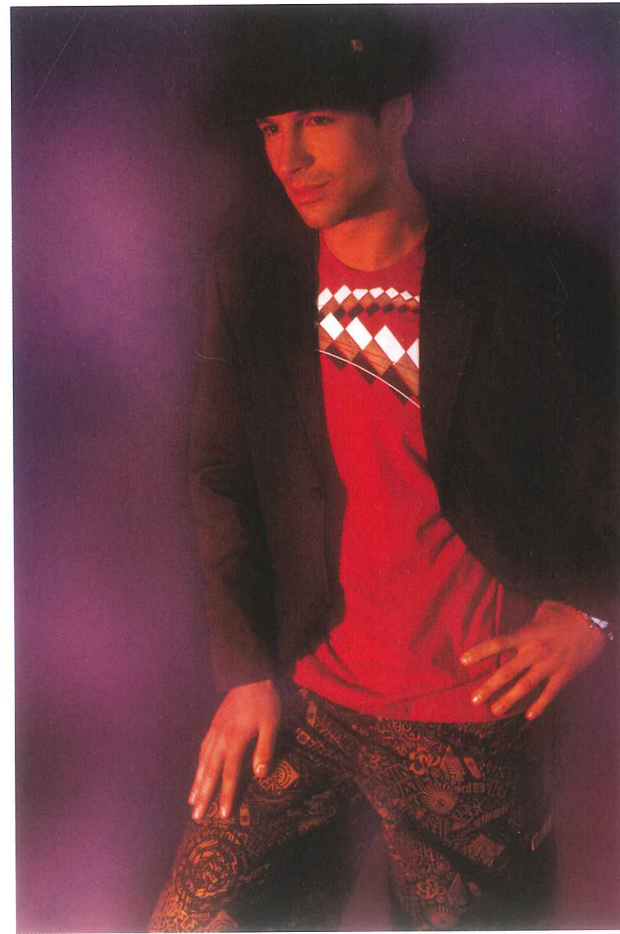
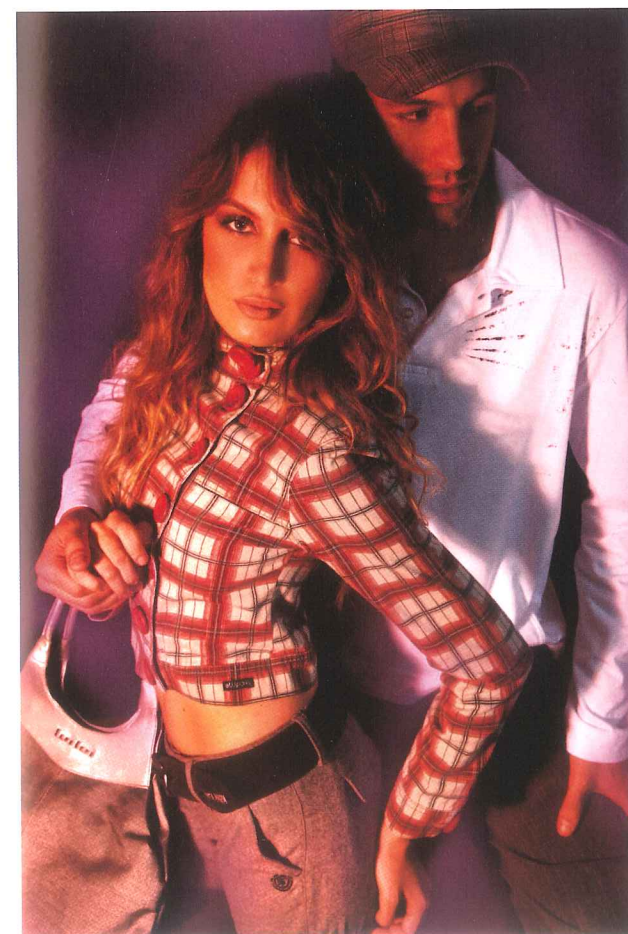
Rayana veste baby, calça e cachecol com capuz Onbongo, tênis All Star e óculos Evoke. Frederico veste camiseta de tecido ecológico South to South, malha Mormaii, bermuda Billabong, tênis Red Nose e mochila Ogio



Rayana veste casaco Mormaii, sandália Melissa e mala Ogio. Frederico veste calça e camiseta Local Motion, Blazer South to South, tênis Kustom, cinto Hurley e óculos Secret.



Rayana veste moleton Billabong, blusa Natural Art, saia Natural Art, bota Lui Lui, colar Mormaii, meia South to South e bolsa Element. Frederico veste moleton Stanley, camiseta Natural Art, calça Osklen, tênis Natural Art e óculos Arnette para Luxottica

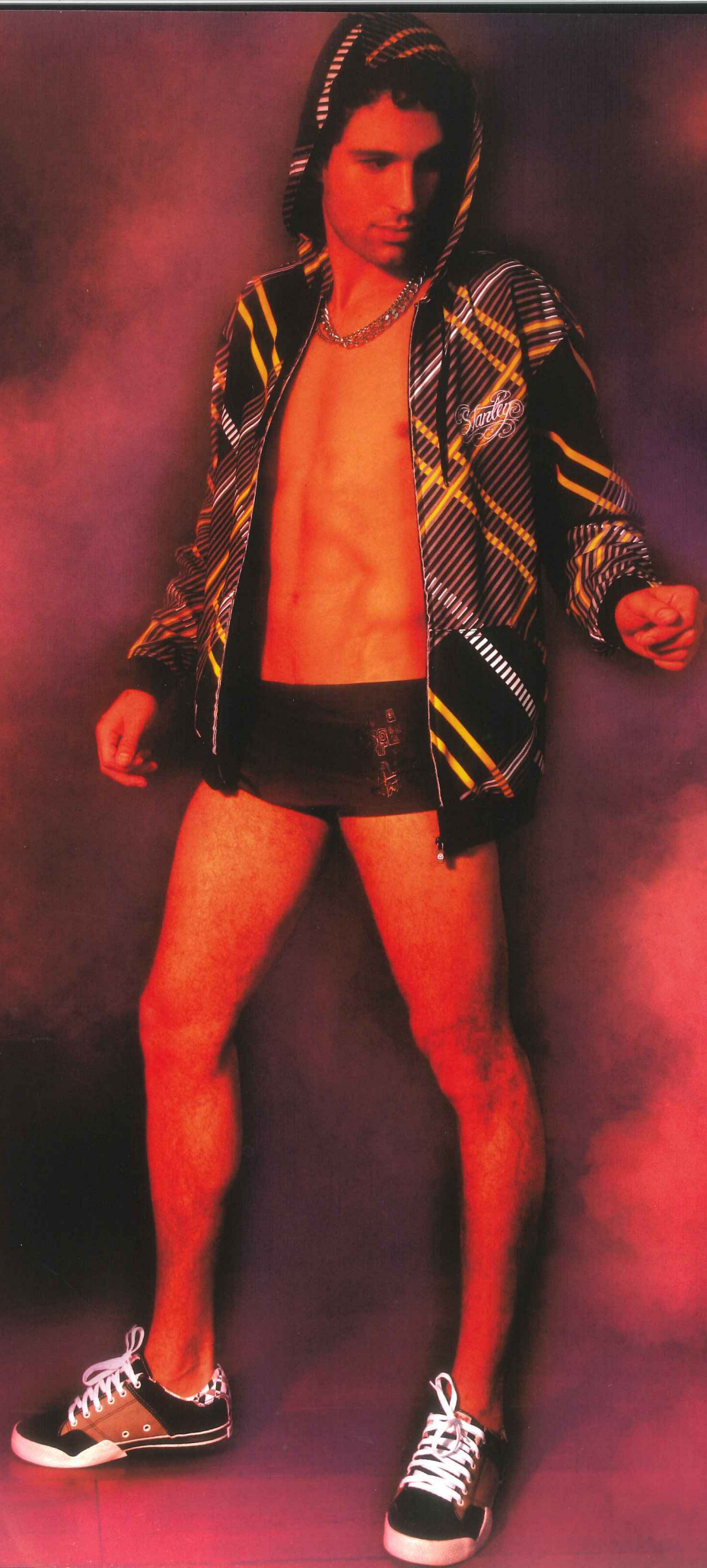


Acima: Rayana veste vestido Mormaii, biquíni Billabong, calça legging Santa Maria, sandália Osklen, óculos Von Zipper

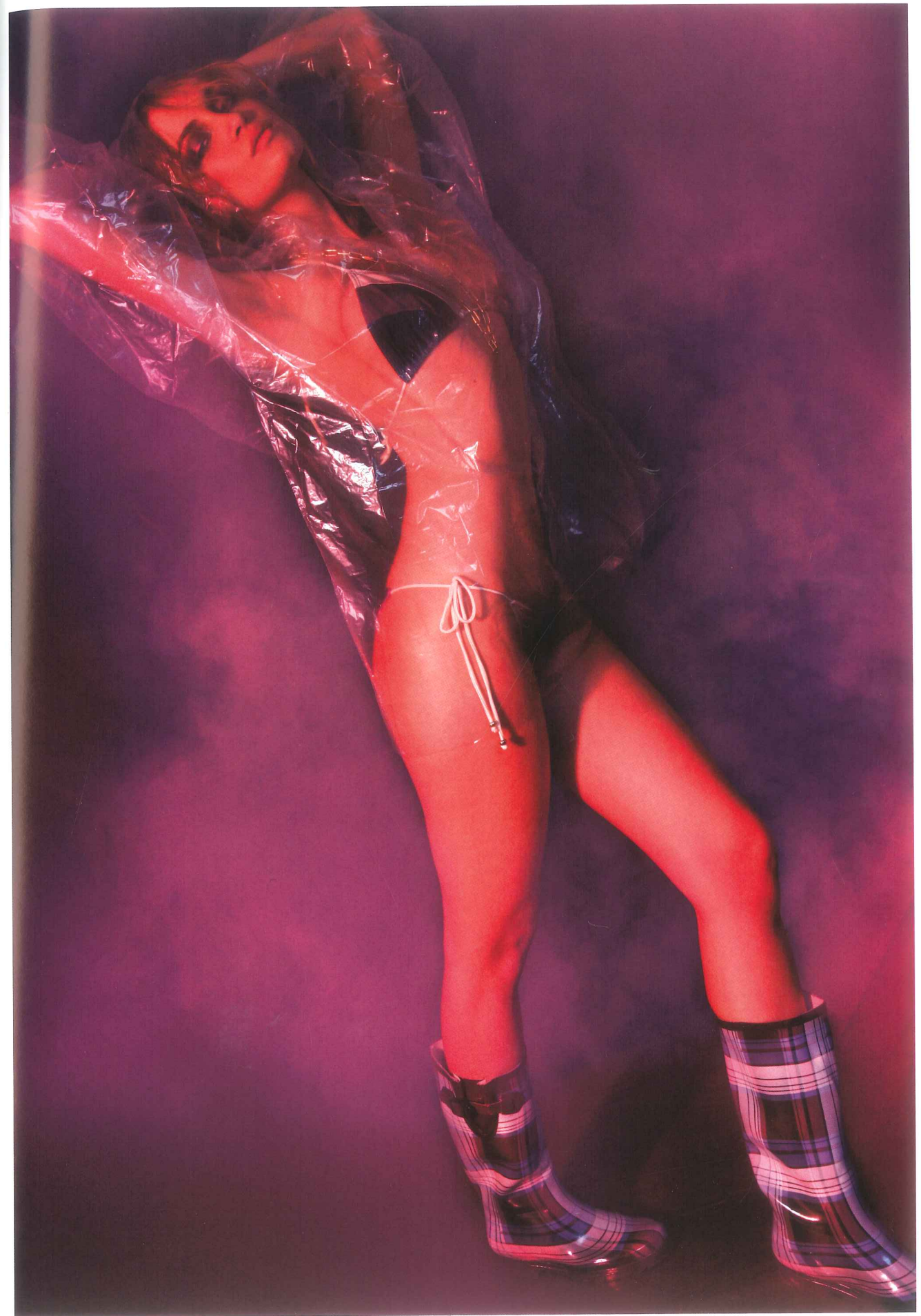
à esquerda: Rayana veste short Element, casaco Billabong, cinto Santa Maria, tênis All Star e bolsa Lui Lui. Frederico veste calça HB, camiseta Oakley, Cap HB e chinelo Mormaii

à direita: Frederico veste Blazer Hurley, camiseta WG, bermuda Element, tênis Oakley, chapéu Lui Lui

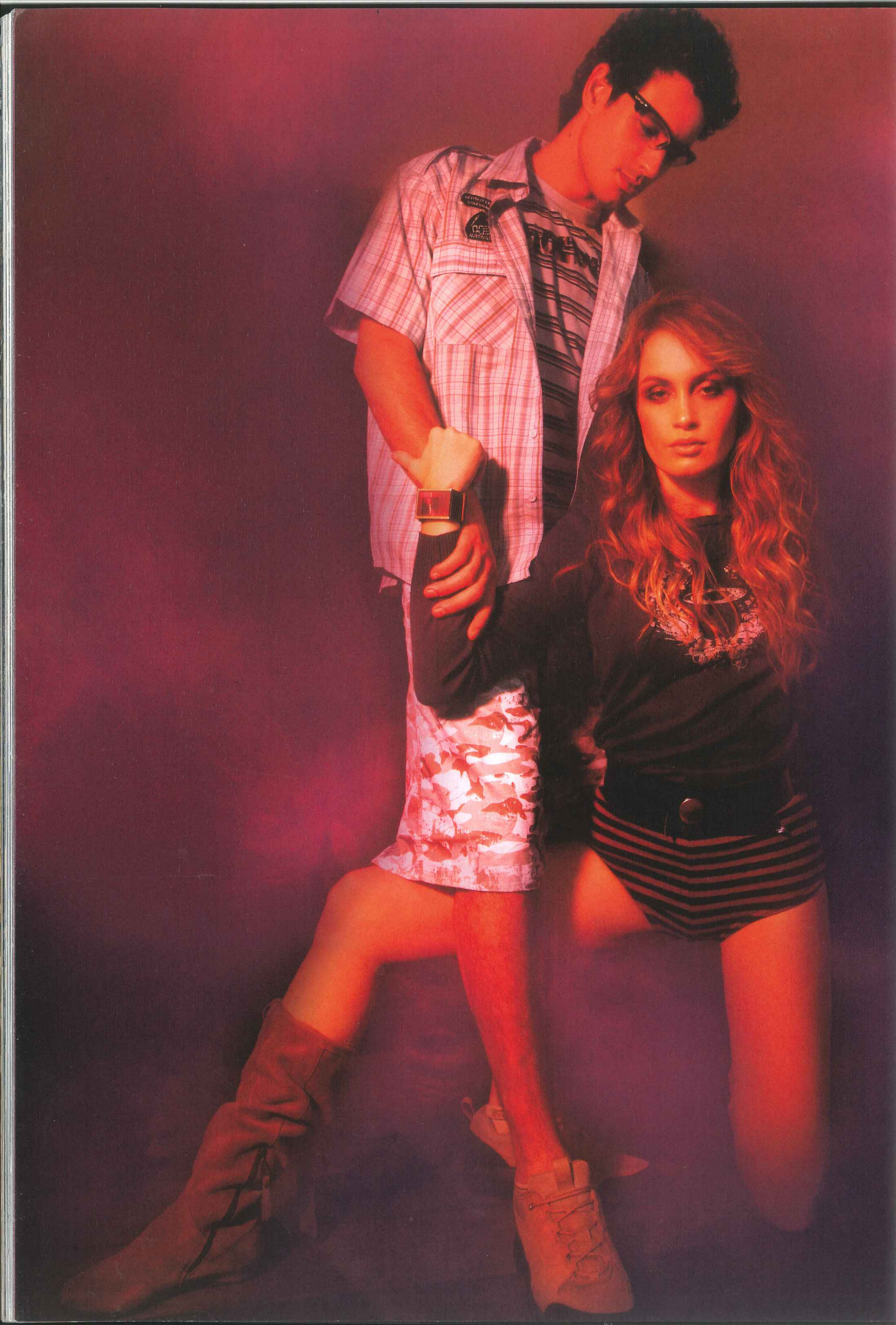




*Frederico veste  
moleton Stanley,  
sunga HB,  
tênis Red Nose  
e colares Mormaii.*



*Rayana veste  
biquíni Billabong,  
galocha Madri,  
brinco e colar Mormaii.*

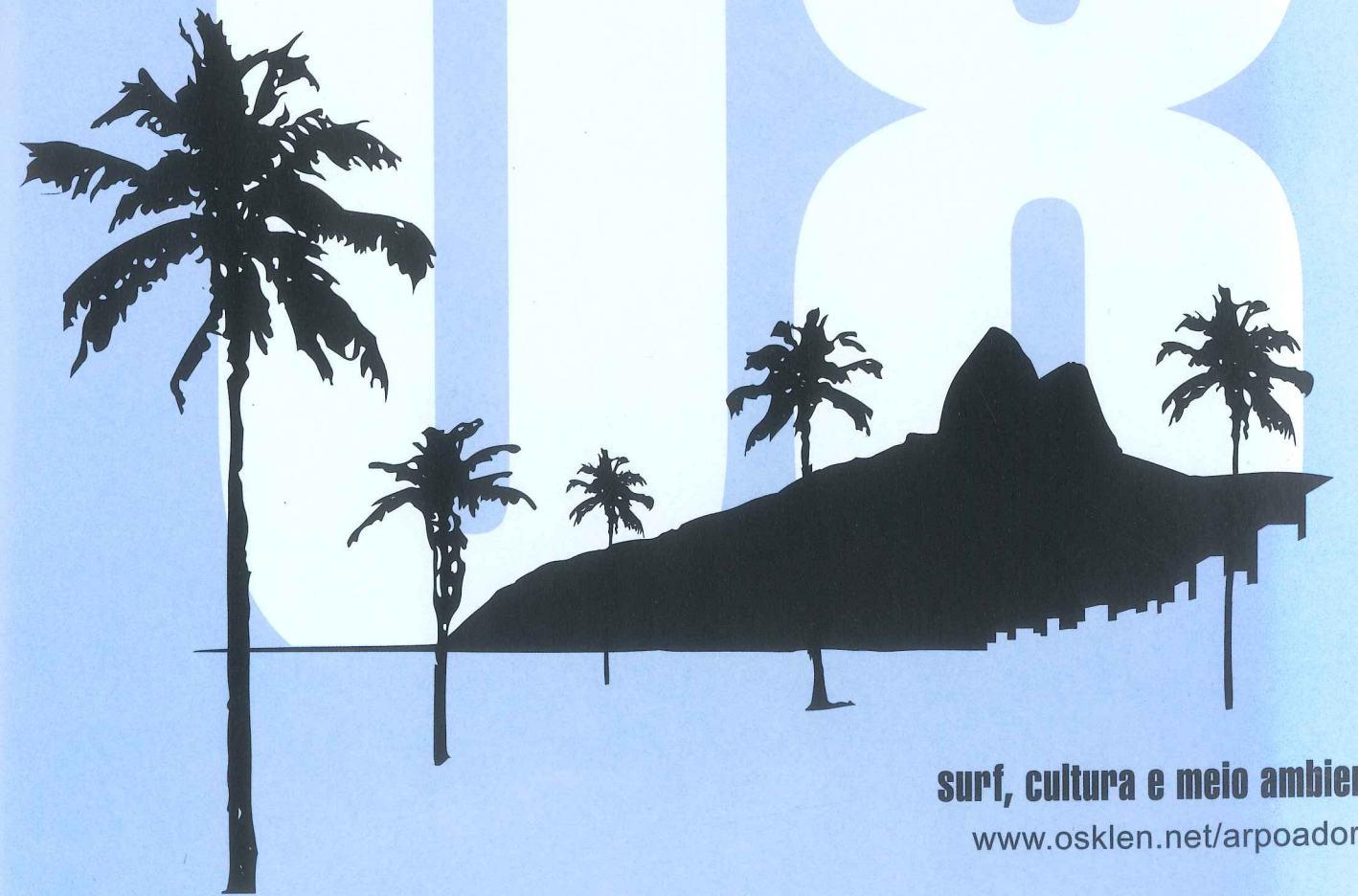


*Rayana veste short Osklen, blusa Oakley, cinto Billabong, bota Goofy e relógio Nixon. Frederico veste camiseta e camisa HB, bermuda e tênis Oakley, meia Red Nose e óculos Spy*

Criado, produzido e editado por Flávia Saralva / Assistente de fotografia: Renato Paschoaleto / Produção: Lucciana Marja / Assistente de produção: Carol Wziack e Marina Floravante / Make up: Omar Bergea / Modelos: Frederico, Notta (Ford) e Rayana Breda (Mônica Monteiro)

# ARPOADOR CLÁSSICO

OSKLENSURFING



surf, cultura e meio ambiente  
[www.osklen.net/arpoador08](http://www.osklen.net/arpoador08)

oceans

OSKLENSURFING

ARPOADOR  
SURF CLUB  
Rio de Janeiro - Brasil

REVISTA  
AlmaSurf

Pichilemu, Chile /

# O ÚLTIMOSWELL,

SEMPRE  
PRECEDE  
O PRÓXIMO

*Antes desse swell chegar, os big riders já estavam chegando,  
checando se tudo estava em ordem para os próximos dias  
que prometiam ondas pesadas.  
E elas vieram...*

*"Em Pichilemu, as séries  
entravam grandes e  
explodiam sobre os morros."  
Philip Muller, fotógrafo,  
Sul do Chile*





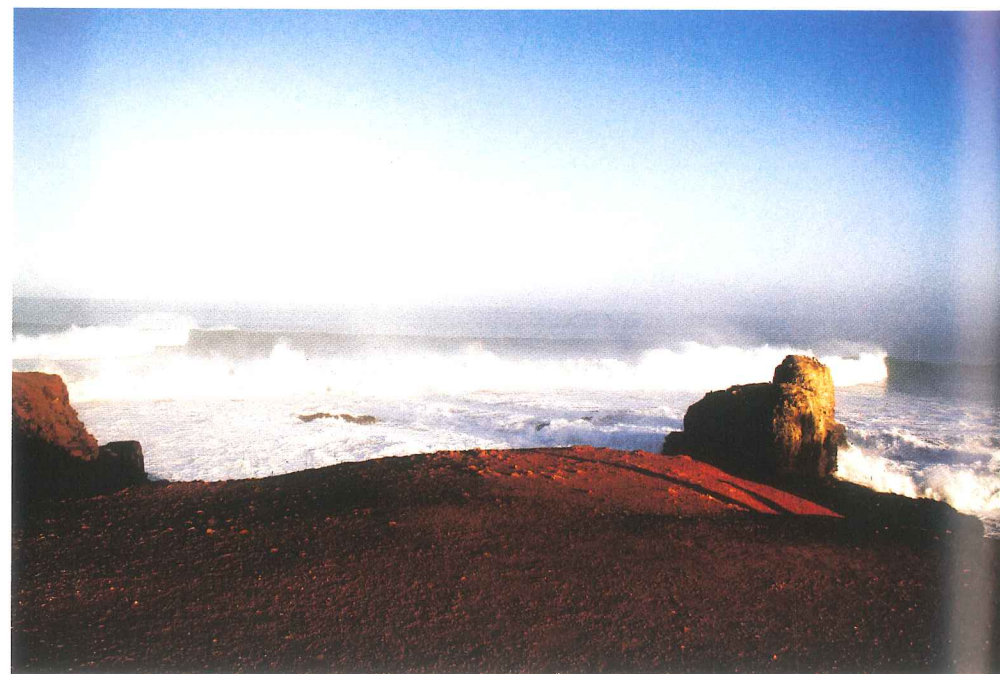
Ramón Navarro, puxado por Cristián Merello, desliza na belíssima esquerda de Pichilemu

Foi um inverno calmo o desta última temporada de surf em Punta de Lobos (2007), com poucas sessões de ondas grandes após o WCT que passou pelo norte do Chile. Apenas dois grandes swells entraram por aqui, e um deles foi durante o Cerimonial de Punta de Lobos, marcado como o último swell do inverno. De lá pra cá, as ondas apareceram, mas nenhuma com a intensidade dos 25 pés e o período de 19 segundos do Cerimonial, um bom tamanho para os famosos points do Chile que suportam as grandes ondulações.

Em Pichilemu, um dia antes desse swell chegar, os big-riders Ramón Navarro e Cristián Merello já estavam dentro d'água treinando no outside com seus equipamentos e jetskis, checando se tudo estava em ordem para os próximos dias, que prometiam ondas pesadas. E elas vieram... Durante a noite, o mar já tinha um bom tamanho, e às 7 da manhã alguns jets já estavam na água. Pesados 20 pés plus fizeram de Punta de Lobos uma verdadeira arena. Chegar ao canal entre a praia e as duas pedras (Los Morros) era impossível, pois mais parecia um rio espumoso de correntes fortes. As séries entravam grandes e explodiam sobre os morros.

Com o mar bombando, na hora de encarar as montanhas d'água, a única dupla de tow-in que pôs pra baixo foi mesmo a de Cristián e Ramón, que estava desde as primeiras horas do dia a

**“Em Pichilemu, os big-riders Ramón Navarro e Cristián Merello já estavam dentro d'água treinando no outside com seus equipamentos e jetskis, checando se tudo estava em ordem para os próximos dias, que prometiam ondas pesadas. E elas vieram...”**



### **Velocidade espetacular**

A quilha mais rápida dá velocidade instantânea no início da onda e permite ganhar mais seções, curvas explosivas e aéreos mais altos. As quilhas Vector são concebidas com formato de asas que criam incrível velocidade, elevação e direcionamento.



### **Resistência máxima**

Nosso sistema de base integral transfere o torque da quilha para a prancha sem flexão da base. Tradução: suas curvas terão muito mais projeção e velocidade, mantendo a força onde ela precisa estar: descendo a linha da onda.

### **As quilhas e caixas mais leves disponíveis no mercado**

Não instale uma âncora. Os sistemas de caixas e quilhas de peso leve da Future Fins, fazem sua prancha responder com agilidade, permitindo mais curvas por onda.

# **A FÍSICA APLICADA**

**SURF MAIS RÁPIDO - SURF MELHOR**

**FUTURE FIN**

55-11-3045-0374

gzero@gzero.com.br

*blending technology and experimentation with proven desi*

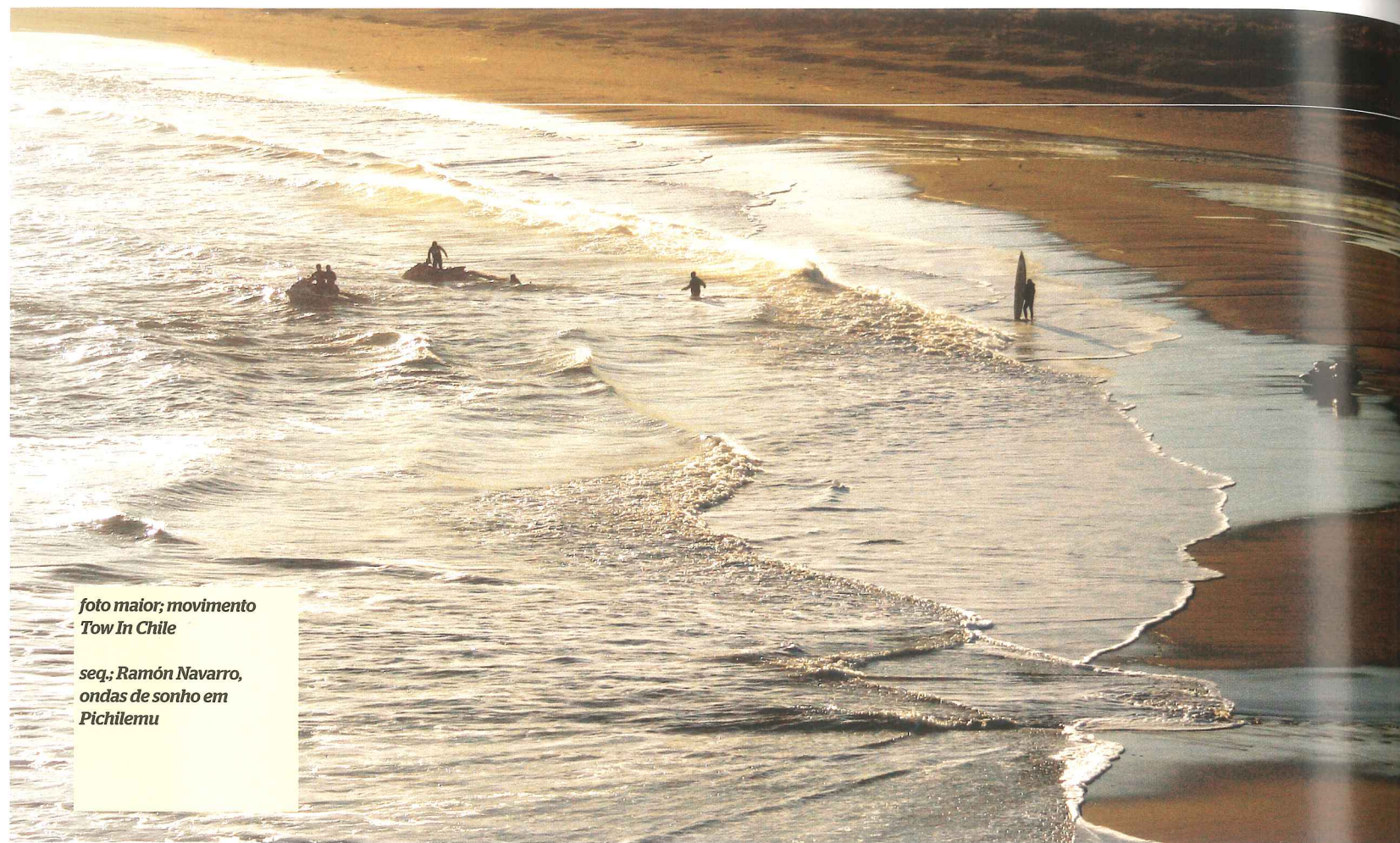


foto maior; movimento  
Tow In Chile

seq.; Ramón Navarro,  
ondas de sonho em  
Pichilemu

postos esperando a primeira série de ondas, sob o olhar entusiasmado do público e da mídia presente. O cliff estava tomado pelos aficionados por surf de alto nível, e dois jets boiavam próximo do line-up, com fotógrafos e cinegrafistas prontos para verem o show. Cristián e Ramón estavam tão tomados que levaram para o outside duas gunzeiras, para o caso de decidirem tentar pegar uma das monstruosas na remada.

As primeiras séries de 25 pés quebraram perfeitas, e os big-riders chilenos trocaram duas ondas para aquecer o corpo. As perfeitas e extensas paredes, marca registrada de Pichilemu, abriram clean, possibilitando manobras fortes e saída ligeira, quando as ondas já quebravam bem para trás dos morros.

Depois de uma hora tranqüila de surf, surgiu no horizonte uma série que parecia muito maior do que as outras que tinham entrado naquele dia. Cristián viu antes e acelerou o jet para levar Ramón ao lugar certo, na rampa, que parecia já ter uns 30 pés. A dupla foi tão rápida que, na primeira onda, um tranco inesperado fez com que a prancha voasse ao passar em um bump, caindo com a rabeta mal posicionada na água e levando Ramón a um wipeout terrível. Essa foi a primeira queda brutal do dia, numa onda que parecia ser a maior já vista em Lobos.

Ramón não desistiu e voltou ao pico para pegar



outra morra. O swell estava cada vez maior e mais consistente, e com o vento favorável, as condições estavam perfeitas. Depois de algumas investidas, finalmente a dupla Ramón Navarro e Cristián Merello conseguiu pegar com sucesso uma dessas ondas de 30 pés.

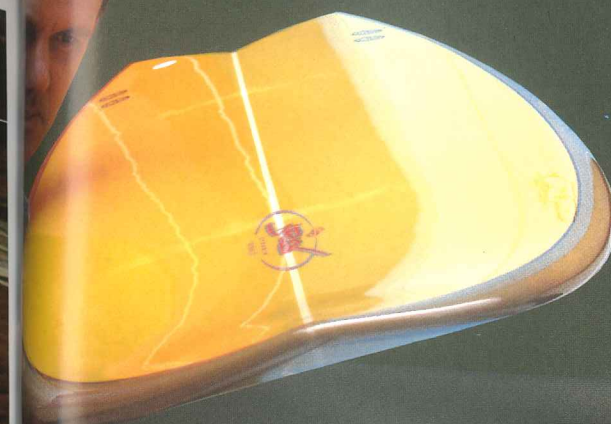
Foi inacreditável, Navarro e Merello chegaram as 7 da manhã e ficaram até as 3 da tarde em um dia pesado de Punta de Lobos, isto é: durante oito horas concentrados, puxando um ao outro, pegando ondas pesadas uma atrás da outra. Sem dúvida, e depois de ver as fotos e os vídeos que fizemos, essa foi a maior sessão já surfada aqui em Pichilemu, ondas que subiram mais do que a famosa onda com que Diego Medina faturou os XXL Awards de 2006 ao surfar na remada uma bomba de 8 metros.

Curiosamente, do mesmo jeito que o swell apareceu, desapareceu no dia seguinte, com La Puntia apresentando de 6 a 8 pés de onda dentro da baía. O swell chileno ainda gerou boas ondas em Iquique e Arica, antes de desaparecer completamente.

Esse foi um dos últimos swells dessa temporada de inverno, que agora já deve ser sucedido por outro. É monitorar pra ver e surfar as próximas bombas chilenas, entre as maiores do hemisfério sul.

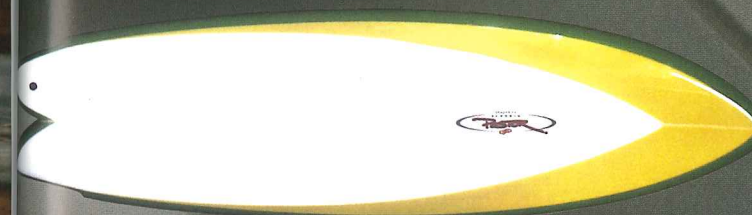
# stand up

bypastor

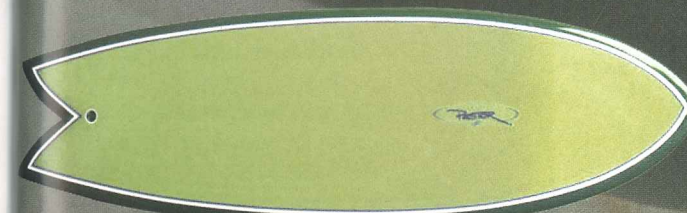


## retro

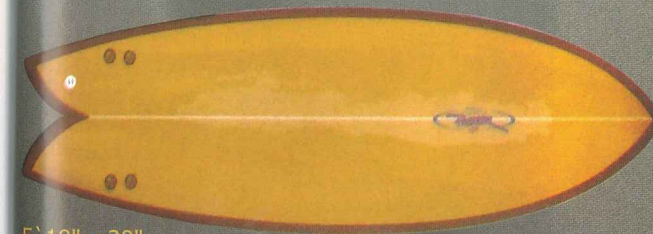
bypastor



5'3" x 21 1/2"



6'0" x 21"



5'10" x 20"



10' x 27"

11' x 29"

12'

Loja By Pastor / Rio de Janeiro  
55 21 24911456  
[www.bypastor.com.br](http://www.bypastor.com.br)



KEAHANA EPOXI CONCEPT  
TRIAXIAL EPS EPOXY



Meegan

**E**nergia, encanto, cores, liberdade, amor, arte e vida... São muitas as qualidades e sentimentos que transcendem das pinturas da surfista californiana Meegan Feori, artista de apenas 25 anos que já frequentou academias de arte em San Diego, na Califórnia, e em Bilbao, na Espanha. Apaixonada pelo surf, Meegan esbanja simpatia nas suas obras, que até parecem singelas, e inspira sensibilidade ao desenhar, na maioria das vezes, mulheres surfistas deslizando sobre as ondas idealizadas por ela. A mescla dos traços simples e das cores vibrantes em confronto com as pastéis molda o seu talento, revelando a pureza de uma surfista de alma.

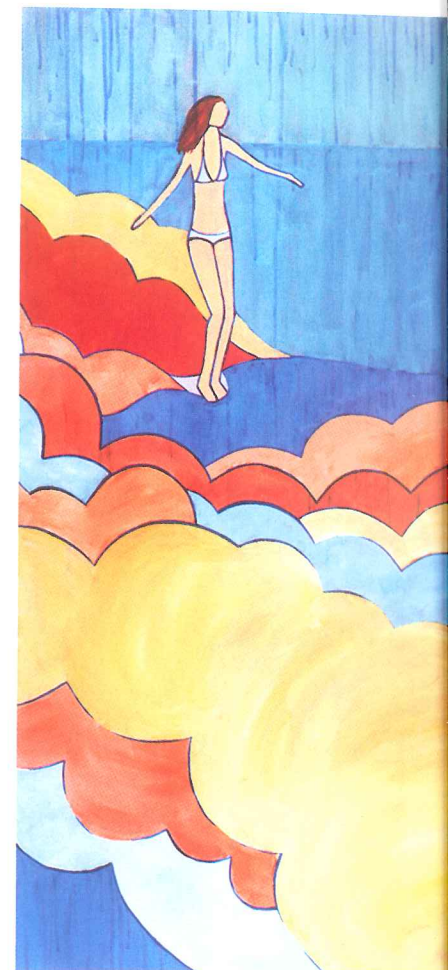
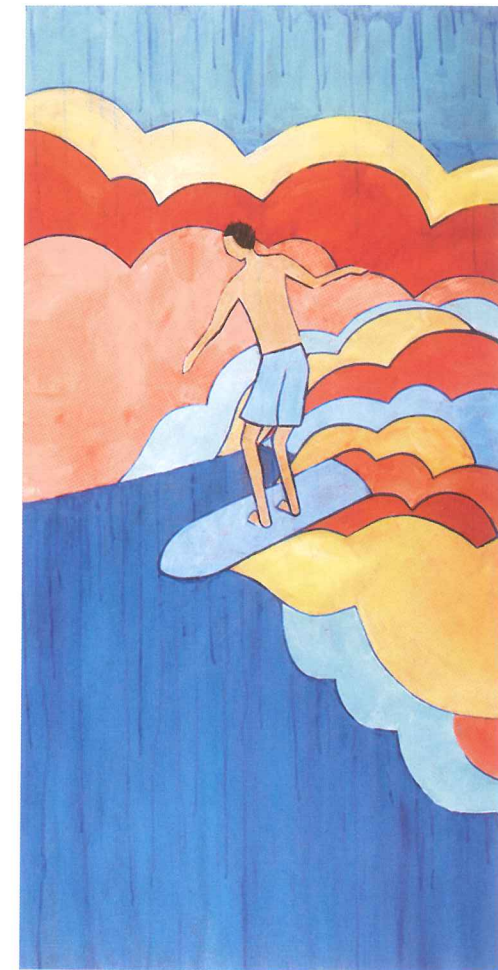
“O surf entrou na minha vida fazendo com que meus trabalhos artísticos seguissem o caminho da linguagem visual do surf. Levo às minhas pinturas as influências de família, do meu pai que me ensinou a surfar e da minha mãe que me encorajou a criar. O que desejo da vida é surfar e pintar”, revela a artista.

Meegan participou de um programa de arte na Europa, na Universidade do País Basco, em Leioa (subúrbio de Bilbao), na Espanha. Aproveitou para evoluir, e visitou museus em Madri e Barcelona, onde absorveu grandes obras de artistas renomados como Pablo Picasso, Velázquez, Miró e Salvador Dalí, na busca de novas referências. “Meu objetivo é crescer como artista. Moro num lugar onde a cultura do local respira o surf, o que influencia de uma maneira positiva a minha obra. Penso que um bom artista tem que adquirir conhecimento, cultura, mesmo que a busca permeie outros ambientes que não sejam só os do surf ou da praia. Os museus de todo o mundo são os melhores lugares para se aprender”, explica Meegan Feori.

Porém, a artista assume que suas inspirações são tiradas dos momentos divididos com a natureza, com os amigos e a família, e que vai perseverar para se tornar uma mestra em artes.

“Na vida sempre haverá mais para se aprender. Outro dia um amigo próximo lembrou-me que os sonhos não se resumem em ‘como conquistá-los’, mas no ‘porquê de tê-los’. Com as palavras, pude perceber que minhas buscas estão relacionadas à integridade mental, física e espiritual”.

Meegan Feori, uma artista que desliza sobre as ondas no retrato do respeito para com um dos movimentos mais fascinantes e contagiantes do mundo, a cultura surf.



Obras de Meegan Feori

ao lado; *Green Girl*  
acima; *Erin Sean*

## Meegan Feori

*O deslizar do pincel sobre as ondas*

**Fernando de Noronha**

# Santa Semana Santa!



*"Foi o maior swell que eu já vi em Noronha, e olha que vou para o arquipélago desde 1985."*  
Clemente Coutinho,  
fotógrafo profissional

na onda; Alexandre Ferraz  
Caçimba do Padre

C

Cheguei na ilha uns 12 dias antes do acontecimento, o big swell que estava para avançar sobre Noronha. Na recepção, o descontentamento por parte dos surfistas locais era grande, todos entediados. Encontrei um fotógrafo de surf local, e ele disse que no mês de fevereiro o mar tinha ficado flat, com algumas ondas quebrando mesmo só na etapa final do WQS que por lá aconteceu, e em outros dias esparsos.

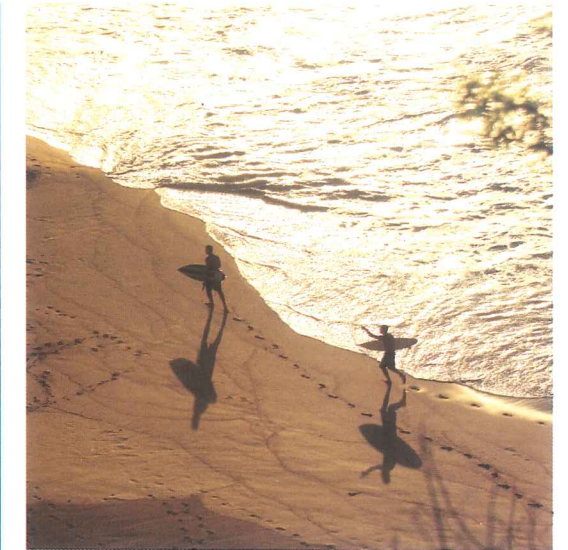
A praia do Cachorro e a do Meio não o deixaram mentir, pois em Noronha, após a passagem de um bom swell, elas têm parte de sua areia removida, deixando à mostra as pedras vulcânicas do arquipélago. E isso ainda não havia acontecido, fato incomum para essa época do ano, e um comuni-

cado natural de que as ondas não haviam entrado realmente grandes.

O que eu estranhei foi a intrigante calmaria no mar de Fora, que o deixa parado e bom para o mergulho, ou seja, não estava ventando na ilha, e pelo que eu soube já fazia um mês. Segundo os nativos, isso significa um inverno chuvoso, o que não acontece na ilha há anos, agravando a cada ano o problema local da falta d'água.

Os dias foram passando e o mar enfim reagiu, chegando a pouco mais de 5 pés, e muitos na brincadeira comentaram que eu havia dado sorte, visto a escassez de surf, e com isso fui à praia diariamente fotografar turistas surfando.

Foi aí então, na praia, que comecei a ouvir rumo-





res de que um grande swell estava para chegar. Não dei muita atenção, pois também soube que esses rumores já estavam sendo ouvidos naquela ilha pernambucana havia uns dois meses.

Porém, as notícias de um grande swell foram ganhando intensidade junto das previsões via Internet, e, quando comecei a reparar que uma galera de fora chegava carregada de pranchas maiores para o surf de ondas grandes, percebi que algo real estava pra acontecer, como era de se esperar, pois, em Noronha, já passava da hora de entrar o primeiro grande swell do ano.

A torcida pra que as condições de vento ajudassem eram totais. Dois dias antes do épico Swell, o final de tarde na Cacimba do Padre quebrou clássico e com um enorme crowd de ilhéus, surfistas turistas e mais alguns surfistas que vieram para o exclusivo e esperado big day.

No dia seguinte, Sexta-Feira Santa, com toda a expectativa, houve um misto decepção. O mar havia baixado um pouco, mas, mesmo assim, garantiu mais um final da tarde tubular na Cacimba. A surpresa veio no Sábado de Aleluia. Ao nos aproximarmos das praias pelas trilhas e estradas, já ouvíamos as bombas estourando.

O vento estava fraco e variava de direção.

A tal calmaria de dias fez com que o swell não perdesse energia, e por isso ele chegou arrasador segundo o engenheiro de pesca Leonardo Veras, que estava no local, tendendo para um maral, o que derrubava um pouco os tubos, com uma ou outra onda abrindo o trilho perfeito.

O tamanho das ondas, que já alcançava os 8 pés, foi um bom convite para alguns mais experientes se aventurarem. À tarde, com a maré subindo e o vento alinhado, a Cacimba melhorou e ficou clássica, quando resolvi fazer umas fotos de longe pra registrar as ondas quebrando, com o morro Dois Irmãos ao fundo. E o dia terminou com alguns surfistas saindo da água já quase sem luz.

No domingo, amanheci o dia com a notícia de que, no porto, várias ondas tinham atravessado o mole de pedras, e que um carro havia sido atingido por uma das grandes pedras que o compõe. Soube também que uma moto havia ido parar dentro d'água e que as operações de passeio de barco e mergulho estavam todas canceladas. Resolvi ir pra cacimba. O mar estava gigante, como eu nunca havia visto, já que morei na ilha três anos e estava na minha quarta temporada de surf. Os comentários locais diziam que não rolava um swell dessa magnitude desde 2002.



foto seq.; ondas surreais para um backside na Cacimba do Padre

acima; Alexandre Ferraz, possivelmente na maior onda da temporada

# Agora no Atacado

(22) 2645-1297  
(22) 2647-1793 r. 23

[www.pier.com.br](http://www.pier.com.br)

**Pier**   
Desde 1972





CLEMENTE COUTINHO



CLEMENTE COUTINHO

As séries vinham se formando de muito longe e quando chegavam à laje de fora da Cacimba já estavam espumando. Com a maré baixa, a forte correnteza deixava difícil a entrada no mar, e, como não havia ninguém na água, aproveitei pra fazer umas fotos das gigantes. No início da tarde, peguei uma carona e fui em direção ao Porto, pois sabia que por lá estavam vários surfistas, já que na maré baixa a praia do Porto, o Abras e o Hurus apresentavam boas ondas. No caminho, para minha surpresa, encontrei uma galera indo pra Cacimba, e então dei meia-volta. Escutei que no Porto estava difícil dropar nas maiores ondas. E já de volta à Cacimba, procurei um bom posicionamento, escalando algumas pedras para aproveitar a maré de lua cheia e o mar naquelas condições.

Surf e ondas de alto nível. A galera entrou na água, e com maré subindo e o vento melhorando, espetáculo de surf naquelas ondas havaianas. Cada drop levava as pessoas da praia ao delírio, e quando as séries maiores despontavam no horizonte todos assobiavam avisando à remada pra fora, no escape daquelas bombas que despontavam no outside. Além da torcida para que alguns

conseguissem dropar as maiores, a fuga das bigornas sobre a cabeça também fazia a alegria dos espectadores que ali estavam.

Os surfistas, assim como impulsionavam os comentários por toda a ilha, estavam realmente dispostos a descer as maiores para entrar na briga dos prêmios pela maior onda surfada na temporada de ondas no Brasil. A Greenish chega a oferecer 25 mil para o autor da façanha, e premia também o fotógrafo e o shaper que 'compõem a obra'.

Adrenalina e altas ondas! Foi um Domingo de Páscoa incrível, como se o mar tivesse ressuscitado naquele dia místico e mostrado o seu poder. Surf em Noronha, na Páscoa: santa Semana Santa!

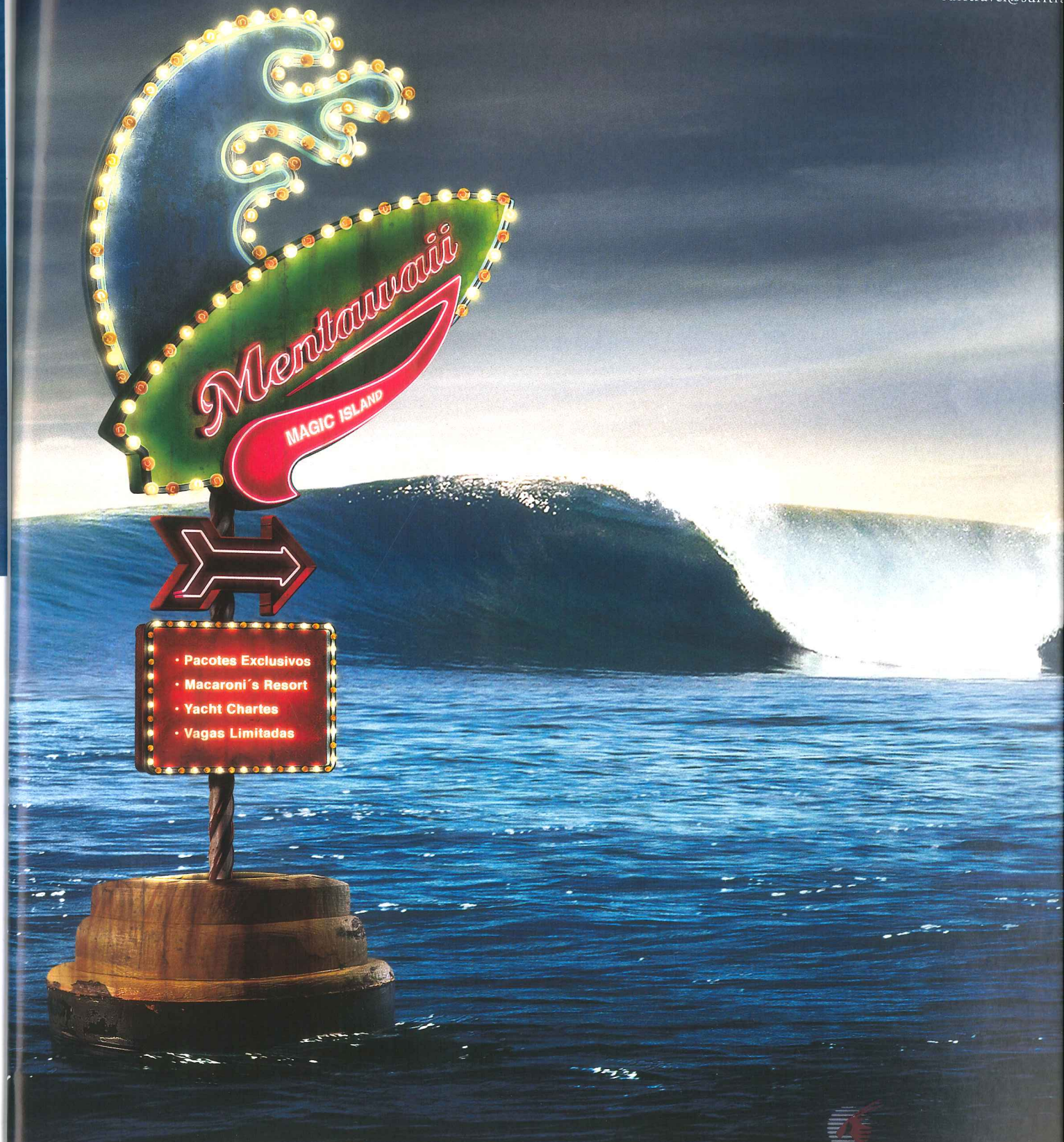
**ao alto, Aldemir Calunga, responsabilidade e conhecimento em Noronha**

**prancha quebrada; Alexandre Ferraz, feliz da vida**

CONHEÇA OS PARQUES DE DIVERSÃO DOS SURFISTAS.

THE SURF TR

www.surftrave  
+55 11 5052  
surftravel@surfr



Parceiros:

TACA

ASSIST-CARD

QATAR AIRWAYS القطرية

## Spring Time: 100 vezes Hawaii

Vou ao Hawaii desde 1972, desde a disputa do mundial na Califórnia vencido por Jim Blears, campeão mundial na praia de Ocean Sidel. Depois fui morar lá com os bronzie aussies, os bons australianos Peter Townsend, Mark Warren e Ian Cairns, que abrigava também o sul-africano Mike Larmont e mais um amigo peruano. Desde então, já são 36 anos que se parecem sempre com a primeira fase: feeling, adrenalina, preparação, pranchas e êxtase. Meu amor é tamanho que considero esse arquipélago como a minha segunda casa, alegria que não acaba. Curioso é que nesta temporada 2007/08 tinha programado ir à Califórnia visitar uns amigos, checar umas tendências. Mas, ao saber que um swell de oeste de 10 pés avançaria sobre as ilhas mudei imediatamente o meu destino. Mesmo com a má fama dessa temporada deduzi que o "spring time" seria muito bom. Começo de muita chuva, os meses seguintes rendem bons dias de swell. E o primeiro que peguei foi em Sunset, de 8 a 10 pés, sem vento, sem crowd, perfeito, o paraíso.

No Hawaii, colocação e remada podem ser itens básicos para uma boa entrada, pois a escolha de ondas tem de ser precisa, qualquer drop pode ser cabuloso. Lugar de contrastes, surfar Pipeline, Sunset, Rock Point e pegar apenas uma ou duas ondas. Mas, por outro lado, se você tiver sorte, uma boa prancha e experiência, fazer a cabeça e pegar várias boas fazem da estadia a energia da juventude, longe do trabalho e das responsabilidades, o que rejuvenesce o espírito. Nesse dia de Sunset, umas vinte pessoas dividiam o outside. Eu me colocava lá fora para pegar as de trás. Na companhia dos amigos brasileiros Luiz Pedroso, o Batatinha, e o fotógrafo Fred Rozário, curtição e comunhão com o grande berço.

Nas várias vezes que eu fui para a Austrália, parei antes no Hawaii. Passava uma semana lá descansando e pegando umas e depois partia a Austrália. Na volta, a mesma coisa. E contando com todas essas viagens, contabilizo que alcanço 100 chegadas no Hawaii, que para um surfista é uma marca considerável. Não pelo número em si, mas por todas as alegrias que esses momentos me proporcionaram. Passar um dia em Sunset pegando altas ondas é uma coisa indescritível. Voltando à temporada... No dia seguinte, o vulcão Haleakala estava em erupção. Não podia perder, e como uma legítima surpresa havaiana, foi a primeira vez que estive na Big Island assistindo a esse espetáculo da natureza. Ver a lava derramada no mar virar pedra... sem palavras. Tem uma lenda havaiana que diz que a deusa do vulcão amaldiçoa quem leva a lava petrificada... E de tão intenso, é melhor respeitar a força da natureza.

A ilha de Oahu é a mais freqüentada do arquipélago. Mas a Big Island é realmente muito grande e rochosa, dificultando o acesso para o surf. Lá temos as Waimea Falls e muitos locais bonitos para o turismo. Já Kauai é chamada de "The Garden Island", contrasta com a Big Island, uma ilha de muito verde e chuva. E Maui é totalmente diferente, lugar de hotéis, veleiros, vida noturna e campos de golfe. Para surf, Honolulu Bay, uma direita espetacular em que 10 pés fazem uma sessão consistente. E claro, temos Jaws, a cobiça dos pioneiros do tow.

O que me fascina em Oahu são as facilidades americanas. Bons restaurantes, livros e cultura, shows, arte, infra-estrutura. É ali que fica o North Shore, meca do surf mundial. Já Makaha é um pico à parte, no lado oeste da ilha, o lugar mais pobre. A estrada do North Shore não se conecta com Makaha, terra do Búfalo, da família dos campeões mundiais Rusty Kelana e do precursor do tow-in Brian Kelaona, surfista que também lançou o stand-up paddle ao mundo. Ali se concentra a tradição havaiana que muito admiro. Aliás, o stand-up surf vem crescendo no mundo inteiro; esporte que apareceu há anos em Waikiki por meio dos beach boys, que tiravam fotos dos turistas com o suporte de uma prancha enorme, remo longo e improvisado.

O stand está em verdadeira evolução. As pranchas desse período moderno, que de início tinham 12 pés, hoje comportam apenas 9. No passado, a média era de mínimo 25. O legal do stand-up é que o equilíbrio mental-físico-corporal é total, na melhor das hipóteses uma sessão frenética. Como a prancha é muito grande e pesada, só vá na certeza, pois o paddle não permite erros, permite admirar o fundo, os peixes, os corais...

Trouxe para o Brasil uma prancha Blane Chambers muito boa e estou pegando altas ondas no Rio. Estou muito feliz por tudo...

Queria agradecer a Deus pela oportunidade de ir sempre ao Hawaii.

Aloha, keep surfing!

"No Hawaii, colocação e remada podem ser itens básicos para uma boa entrada, pois a escolha de ondas tem de ser precisa, qualquer drop pode ser cabuloso"  
Rico de Souza,  
100 vezes Hawaii

Pegue a melhor onda da série  
e fique por dentro do mundo do surf

**Rico surf.com**  
Sua onda começa aqui

Condição do mar e previsão das ondas  
de todo litoral brasileiro.

Vídeos das praias do Rio e São Paulo.

Receba as condições do mar no seu Oi.  
envie uma mensagem de texto  
com a palavra ondas para o nº. 939



As famosas Beach Girls.

As últimas notícias no mundo do surf  
cobertura do WCT, WQS, Super Surf  
os principais campeonatos  
entrevistas, classificados  
e muito mais...

Encomende sua prancha  
Inscreva-se na Escola de Surf Rico Oi  
Anuncie seu produto no site [ricosurf.com](http://ricosurf.com)

**Rico**  
PROMOÇÕES ESPORTIVAS  
[ricosouza@globocom](http://ricosouza@globocom)

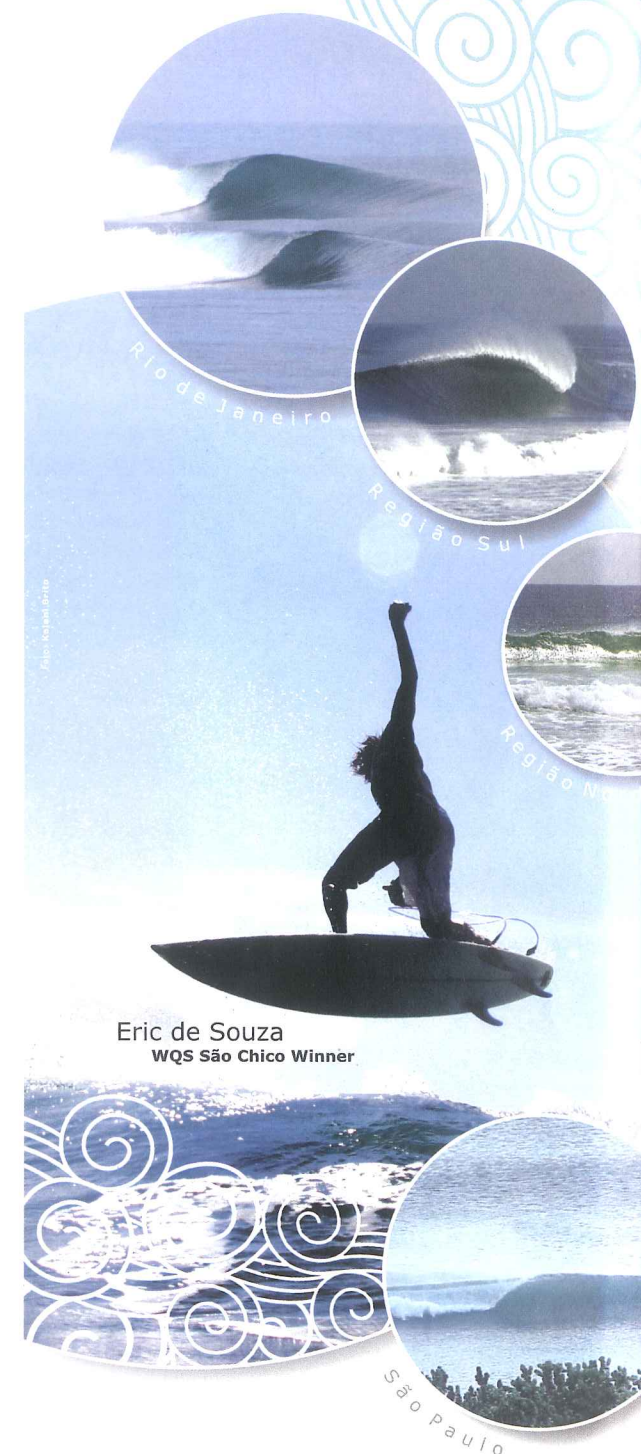
**Rico**  
oi  
POINT

**oi**  
ESCOLA DE SURF  
**Rico**

**Museu**  
do Surf  
**Rico**

**Rico**  
DISK SURF  
2461-1001

**RICO**  
Surfboards



Eric de Souza  
WQS São Chico Winner

Maiores informações:  
(21) 2438-4096 ou 2438-1821  
[ricosurf@globocom](mailto:ricosurf@globocom)

## Diversidade no surf A aproximação do Criador

O surf é um esporte selvagem, uma atividade de ambiente marinho cercado de muita vida, muitas vezes em lugares e isolados, longe dos grandes centros urbanos. Sair remando rumo ao outside conecta o surfista à interatividade com o grande oceano.

Acostumado a conviver entre gaivotas, corais, peixes e água salgada, o surfista vai se tornando um ser humano diferente, distinto daquele padrão seguido pela massa da sociedade.

A tribo é formada por diversos tipos de pessoas, raças e nacionalidades. E, apesar das diferenças propostas ao redor do globo, o surfista confronta culturas que não a sua, mas segue tendo sempre o mesmo ideal: a eterna vontade, prazer e paixão de surfar uma onda.

As aparências são inúmeras. Cabeludos ou carecas. Garotinhos lígeiros ou coroa de cabelos brancos. Tatuados, com piercings, ou os sem tatuagem. Black trunks, nanicos, bolados, magrelos ou gordos. Todos de semelhança unicamente saudáveis, de costas largas e braços fortes, vibração alegre e tranqüila na alma.

Infelizmente também tem a 'vibe ruim', mas no geral a atmosfera é sempre boa. Existe todo tipo de surfista. Alguns, o de lazer, o recreativo. Outros, o psycho, o zen, o profissional, o competidor, o de Cristo, o pensador, o de ondas grandes, o de verão, o amador, o maroleiro, o de água gelada, o hardcore, o freak, o careta, o drogado e alguns outros mais. Pense, em qual deles você se enquadra?

O único tipo que não inclui é o surfista da moda, aquele que camufla. A consideração aqui, independente do nível da habilidade de cada um no fundamento, é ter o surf na alma. É disto que estamos falando.

O surf chega a alucinar algumas pessoas. Tem um tamanho poder de sedução que pode mudar o rumo da vida. Talvez, neste aspecto, possa surgir um o único lado negativo dessa história, que é a levada para a vagabundagem. Tudo que é muito bom vicia, só resta você tirar proveito.

Eu conheço alguns que não pensam em nada mais além do surf. Geralmente são jovens e inseqüentes que largam tudo e todos para viver exclusivamente para o surf.

O perigo dessa alienação e negação a outras atividades, como os estudos e o trabalho, pode ser danoso ao direcionamento de vida, e o duro é que o cara só vai começar a perceber isto depois dos 30 ou 40 anos de idade.

Quantos surfistas não se mudaram para o Hawaii e vivem de 'foodstamps'? Sei que existe a mudança para o bem, aqueles que, sem nenhum outro futuro, e por meio da socialização do surf, encontram, enfim, o caminho do bem.

A comunidade surf cresceu muito nos últimos 20 anos. Ofereceu muitas oportunidades. A criatividade do surfista é traduzida pelo sucesso da indústria, com produtos inovadores que 'roubaram a cena' e conquistaram uma grande fatia mundial.

A simplicidade de vestir uma bermuda, pegar a prancha, a parafina, remar sem depender de ninguém, é o que traz a cada dia os descobridores desta terapia espiritual, física e mental.

Estar no outside numa manhã solitária de céu azul, momento de reflexão, aproximação com o Criador...

Agradeça a oportunidade de surfar.



*"Acostumado a conviver entre gaivotas, corais, peixes e água salgada, o surfista vai se tornando um ser humano diferente, distinto daquele padrão da sociedade."*  
Taiu Bueno, surf cósmico

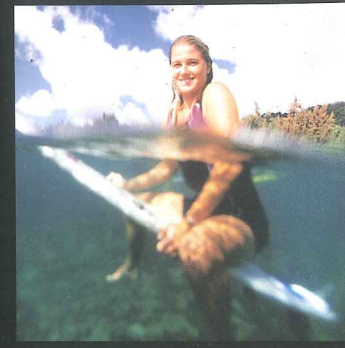
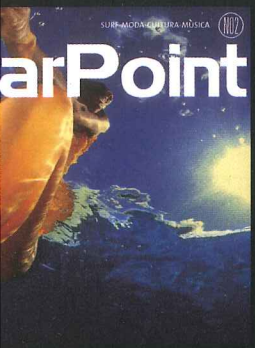
# você precisa de água pra viver

# go Outside



Edição Verde  
Em mão nas bancas!  
[www.gooutside.com.br](http://www.gooutside.com.br)





- o 11 5561.1504
- ália Franco - 11 6672.2687
- orado - 11 3812.1030
- dim Sul - 11 3501.8388
- a lobos - 11 3022.2657
- st Plaza - 11 3873.9349
- rumbi - 11 5181.1540
- ulevard Tatuapé - 11 6225.7070
- arbon Pompéia - 11 3892.9315
- ampo
- trópole - 11 4124.7553
- Cruzes
- p. - 11 4799.9238
- Preto
- ajá - 16 3911.1260
- s
- atemi - 19 3294.5301

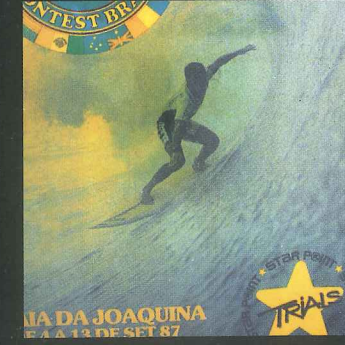
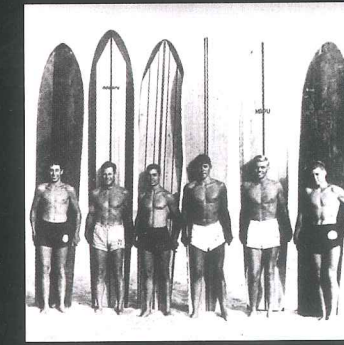
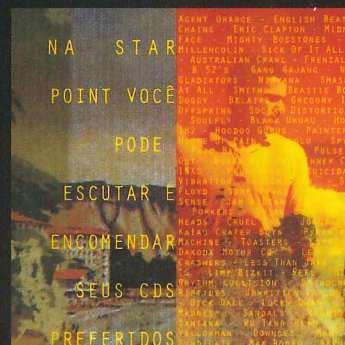
- S. J. dos Campos
- Shop. Colinas - 12 3921.3330
- Guarujá
- Praia das Pitangueiras - 13 3382.2427
- Florianópolis
- Shop. Iguatemi - 48 3239.8333
- Rio de Janeiro
- Shop. Rio Sul - 21 2295.1682
- Barra Shop. - 21 3089.1020
- Shop. Plaza Niterói - 21 2719.8691
- Norte Shop. - 21 2593.3883
- Shop. Leblon - 21 3298.7291
- Shop. Tijuca - 21 3234.2081
- Loja Virtual
- www.starpoint.com.br
- Franquias - 11 5053.4365

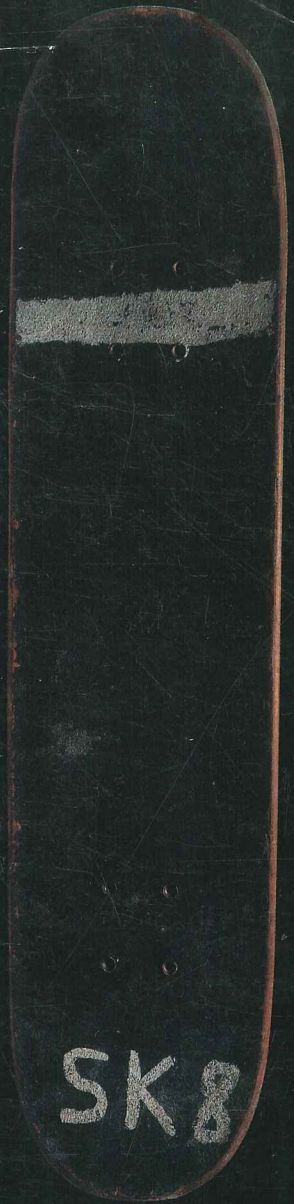
# Star Point, brilhando há 26 anos.

Em 1982, surgiu a Star Point, uma pequena surf shop em Moema, que focaria todos os seus esforços em vender os melhores produtos, das melhores marcas e apoiar o desenvolvimento do Surf. Hoje, 26 anos depois e com 23 lojas em funcionamento, é exatamente isso que a Star Point continua fazendo, sempre com muito carinho e dedicação.



Surf Shop For Real Surfers





OSKLENSURFING